

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SUBSECRETARIA DE CULTURA
MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL
NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

RETROPECTIVA:

"IBERÊ CAMARGO- ANO 70"

Promoção : SUSEC/ SEC
MARGS
MFC/ FUNARTE

Local : MARGS- Sala da Galeria
Pequena Galeria

Nº de peças : 73 obras

Período : 01 / 09 / 84 a 30 / 09 / 84

Observações : - Boletim do MARGS nº 22 Agosto/ Setembro 84

Porto Alegre, 17 de ~~setembro~~^{AGOSTO} de 1984

IBERÊ CAMARGO - ANO 70

Abertura: 1º de setembro, sábado, às 12 horas

Período de Exposição: 1º a 30 de setembro de 1984

Local: 2º andar do MARGS

Praça da Alfândega, s/nº - 90000 - Porto Alegre/RS

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão da Subsecretaria de Cultura/SEC, juntamente com o Instituto Nacional de Artes Plásticas da FUNARTE, promove uma mostra retrospectiva da obra de IBERÊ CAMARGO, comemorativa aos seus 70 anos de idade. A mostra abrirá ao público no dia 1º de setembro, sábado, ao meio-dia, permanecendo em exposição até o dia 30 desse mesmo mês, de terças-feiras a domingos, das 10 às 17 horas.

Da mostra constam obras que integram o acervo do MARGS, além de peças cedidas por colecionadores gaúchos e pelo próprio artista. A mostra abrangerá vários períodos e várias técnicas da produção artística de IBERÊ CAMARGO, incluindo peças que de alguma maneira foram relevantes na trajetória pessoal do artista.

Integrando a mostra, estará a disposição do público farto material documental sobre IBERÊ, tais como catálogos de mostras anteriores, resenhas críticas e recortes de imprensa. Também será montado um catálogo de parede contendo uma retrospectiva de seu trabalho através de críticas de arte de diferentes períodos. Diariamente, de quartas-feiras a sábados, às 16h.30min. será projetado um audiovisual sobre o artista e sua obra.

A par desta importante retrospectiva da obra de IBERÊ CAMARGO que o MARGS está promovendo, estará sendo realizada, também em Porto Alegre, uma exposição de trabalhos atuais do artista na Galeria Tina Presser. Em outras capitais brasileiras como o Rio de Janeiro e São Paulo, também estarão ocorrendo, concomitantemente, exposições com a produção atual de IBERÊ. No Rio de Janeiro, duas galerias de arte integram este circuito de homenagem ao artista gaúcho, a Galeria Thomas Cohn e Cláudio Gil e, em São Paulo, a Galeria Luíza Strina.

IBERÊ CAMARGO

IBERÊ CAMARGO nasceu em Restinga Seca/RS, em 1914. Iniciou seus estudos na vizinha cidade de Santa Maria, na Escola de Artes e Ofícios da Cooperativa da Viação Férrea, continuando sua formação no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, no Curso de Técnico de Arquitetura. Em 1942 transferiu-se para o Rio

MARGS

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Subsecretaria de Cultura
Secretaria da Educação e Cultura

Pça. da Alfândega, s/nº - fone: 21-8456 - 90000 - Porto Alegre

de Janeiro, passando a estudar na Escola de Belas Artes, de cuja orientação acadêmica discordou, fundando, juntamente com outros artistas o "Grupo Guignard". Em 1947 recebe o Primeiro Prêmio do Salão Nacional de Arte Moderna, com o óleo "A Lapa", viajando para a Europa, onde estudou pintura com Chirico Lhote, gravura com Petrucci, afresco com Achilli e materiais de pintura com Rosa. De volta ao Brasil, integrou a Comissão Nacional de Belas Artes no período de 1952 a 1954. Em 1961 recebe o Prêmio de Melhor Pintor Nacional na VI Bienal de São Paulo. Em 1963, IBERÊ CAMARGO teve Sala Especial na VII Bienal de São Paulo. Em 1966 realizou o painel oferecido pelo Brasil à Organização Mundial da Saúde, em Genebra/Suíça.

IBERÊ CAMARGO realizou inúmeras exposições individuais e participou de diversas coletivas e salões, onde recebeu inúmeros prêmios. Suas obras integram coleções particulares e de museus nacionais e de diversos países, tais como o Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, o Walker Center/EEUU, o Museu da Bahia, Museu de Arte Contemporânea da USP, Museu Nacional de Belas Artes/RJ e Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

O PINTOR IBERÊ CAMARGO POR ELE MESMO

"Comecei a pintura como todos os artistas do meu tempo, recriando a natureza. Meus mestres foram todos os artistas que me antecederam. Ninguém cria sozinho. Peregrinei pela figura, pela paisagem, pela natureza-morta até chegar à abstração. Aí elaborei uma linguagem de símbolos que nasceu do carretel, meu brinquedo de criança."

"A vida do pintor é a vida do homem. Um dia, a vida do homem-pintor foi sacudida pelos ventos da desgraça. Ferido, conheci o amor e o ódio, avaliei a infinita capacidade humana no sublime e no sórdido. Caminhei por caminhos ásperos sem outra luz que a da minha consciência. Neste transe conheci e amei mais os meus amigos. Ao longe, ouvi o bramir das ameaças."

"Hoje sou diferente, não mais aquele que conhecia porque lhe haviam ensinado. Tenho a minha própria experiência, experiência que marca, que é carne e sangue. A hora da desdita galvanizou-me. Fiz-me rijo como o homem que enfrenta o temporal, o vento."

"Agora decidi fazer tudo o que responda aos meus sentimentos. E o farei independente das catalogações, independente dos dicionários, independente do que outros estabeleceram, consagraram e premiaram. Faço a minha obra como um gesto. Nesse momento de consciência cessam as contradições. Faço do signo uma figura."

MARCS

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Subsecretaria de Cultura
Secretaria da Educação e Cultura

Pça. da Alfândega, s/nº - fone: 21-8456 - 90000 - Porto Alegre

ra, da figura um signo. O que importa é o mundo do artista, que é o mundo do homem. Sinto-me seguro, porque vivo no meu mundo. Não estou no mundo dos outros. Isso é meu. Pode não agradar, mas é a expressão do meu mundo. O resto não importa. Sou eu." (R.S., Maio de 1984)

"EU SOU O GRANDE JOGADOR - Acho que todo o quadro tem seu calcanhar de Aquiles. Às vezes, olho uma obra mestra e me pergunto onde ele está. Porque sempre há algo em aberto, que é outra vez o início. Quando dou a última pincelada e lhe sinto a ressonância, percebo que a solução encontrada abre novas possibilidades, talvez para um sem fim. Esta limitação é da condição humana, que jamais alcança o absoluto. Mesmo sabendo, procuro alcançá-la. Não poupo minhas forças, nem meu tesouro. Sou perdulário com as tintas. Faço obra que o Brasil de Delfim Neto não comporta. Perdulário, por ser mau pintor. Osecado, que procura, que procura e não sabe o que procura, e procura fundo, e gasta tudo e é capaz de jogar todo o patrimônio como um jogador louco que perde tudo numa noite. Eu sou o grande jogador."

"Sou muito exigente no que faço. Por isso, faço e refaço. Persigo e intuo. Nesse garimpar sem pausa encontro minhas gemas. Às vezes, sujo a cor no desespero de expressar, achando sempre que a obra ainda não está bastante forte e livre. Tenho ojeriza pelo efeminado da forma. Quero arte brutal, violenta, suja se necessário for, mas veemente, viva: verdade."

"Já me referi, num depoimento, ao processo crítico que corre comigo. Há a crítica implícita no ato de criar e outra, feita a posteriori. A primeira, intuitiva, conduz o artista na realização da obra. A outra, que é racional, aufere valores da obra. O artista pode renegar todas as novas soluções e caminhos que abrira com paixão e verdade. Pode dar um passo atrás, refrear-se, recolher-se a um conservadorismo. Imaginemo-lo de gravata borboleta e óculos, muito solene, a ditar regras. Ai então a razão mata o artista. Isso ocorre também no amor: as juras são negadas. A verdade não deve ser tocada, destruída."

"Eu trabalho como que tirando de um poço cabalístico, que é o meu interior, tudo aquilo que se reúne em mim e que de repente transfigura-se numa tela. No fundo, acredito que tudo o que fazemos é sempre um auto-retrato e, por isso, a mesma tela, a mesma metáfora, porque está sempre a refazer a ele próprio."

IBERÊ VISTO PELA CRÍTICA

"Iberê é considerado, ao lado de Manabu Mabe, o mais importante artista contemporâneo sul-americano no campo do abstracionismo informal. Mabe é a ver

MARCS

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Subsecretaria de Cultura
Secretaria da Educação e Cultura

Pça. da Alfândega, s/n.º - fone: 21-8456 - 90000 - Porto Alegre

tente lírica desse movimento, enquanto Iberê é a vertente dramática, expressivista. Nos últimos dois anos sua obra atingiu o ápice, cores profundas, arrumações formais, quase figurativas que agora se tornam figurativas. É a angústia, a tensão e a profundidade do sentimento doloroso traduzido plasticamente, com incrível coesão. A ciência da cor e da forma é levada ao seu ponto mais alto."

(Flávio de Aquino - Revista Manchete, 10/09/83)

"Linguagem altamente pessoal. Iberê não é nenhum outro a exceção dele mesmo. O que é um avanço na pintura brasileira."

(Wilson Coutinho - crítico de arte do Jornal do Brasil, em Zero Hora, 09/05/83)

"Dizer que Iberê é hoje um mestre da arte brasileira é dizer a verdade, mas não é tudo: ele é o protagonista de uma aventura estética que dá uma nova dimensão à nossa pintura.

Na verdade Iberê constrói em profundidade. Esse é o sentido e o resultado de sua busca. Abandonou as formas e as cores definidas para assim descer às origens delas, lá só há mancha e escuridão, ou nem isso. E é a partir daí que acende de novo as cores e reconstitui as formas que, por isso mesmo, emergem presas de força e verdade. Nessa pintura feita com mão de mestre, o metier se apaga e o quadro surge como se sempre houvesse existido, tal é a unidade conseguida por ele entre técnica e expressão, entre matéria e significação, entre composição e estrutura subjacente. Em sua pintura a expressão vence a matéria num desafio dramático e o milagre da arte se dá com uma plenitude raramente alcançada por artista brasileiro."

(Ferreira Gullar - Revista Isto É, 13/05/81)

"A pintura de Iberê - hoje num ponto extremo de maturidade que me parece tanto mais rico por ser um cume ainda suplantável - envolve a questão do gesto vital e nisto encontra a sua paixão. Ela se situa numa área privilegiada da linguagem humana: a do primeiro estágio do movimento que leva do nada a forma, do incriado ao criado. Instaura o que só então passa a existir, começa a organizar o caos.... Está na compleição de Iberê ter a fala pictórica que tem - ela é, para par, marca de nascença e esforço de correspondência. Dai a sua cativante contundência."

(Roberto Pontual - Jornal do Brasil, 27/06/79)

MARCS

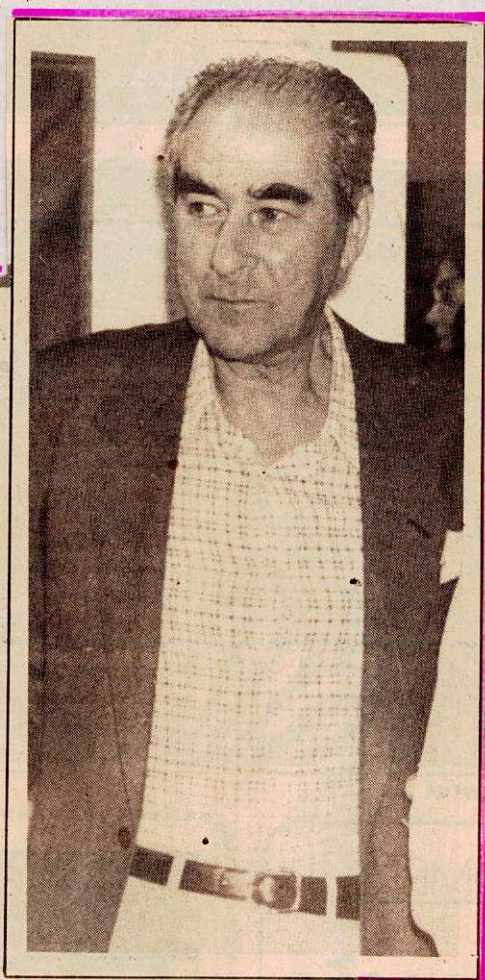
Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Subsecretaria de Cultura
Secretaria da Educação e Cultura

Pça. da Alfândega, s/nº - fone: 21-8456 - 90000 - Porto Alegre

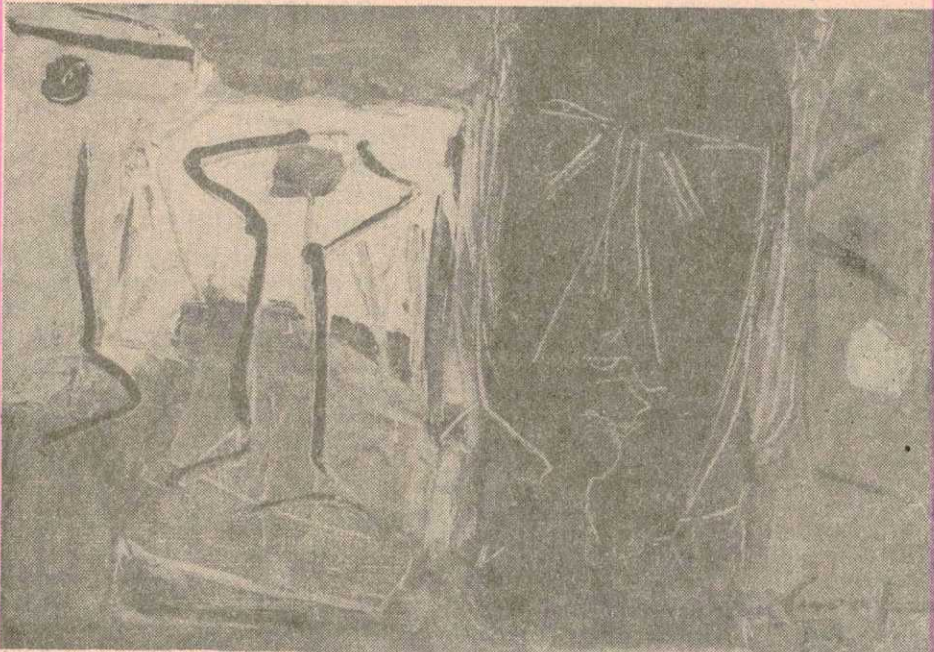
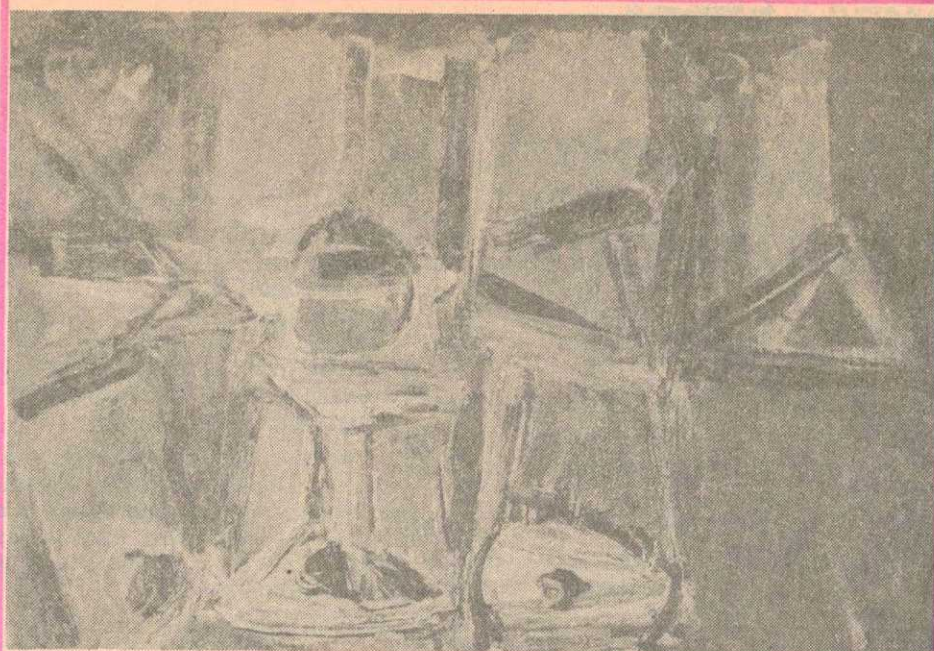
70 anos de Iberê

★ Entre as homenagens previstas para comemorar os 70 anos de Iberê Camargo, há quatro exposições individuais já acertadas: duas no Rio, uma em São Paulo e outra em Porto Alegre, na Galeria Tina Presser, além de uma retrospectiva programada para o Margs.

No programa Globo Repórter desta semana, que foi dedicado às perspectivas para 84 em todas as áreas, o crítico Frederico de Moraes, do jornal O Globo, disse que este seria um ano dedicado à pintura e que um dos projetos mais importantes seriam as mostras programadas para homenagear o gaúcho Iberê Camargo nos seus 70 anos.



Iberê Camargo



Óleos de Iberê Camargo

Mercado de arte

O crítico de arte e marchand Cláudio Gil está em Porto Alegre, onde serviu de padrinho no casamento de Marise Bressiani e Jorge Armando Gehres. Além disso, Cláudio aproveita sua estada em Porto Alegre para visitar as exposições de arte e traçar planos para 84 com Maria Araci Correa Meyer d'Ávila, em termos de mercado de arte. Nesse sentido, o crítico acha difícil fazer uma previsão de como vai ser o ano. "Embora as perspectivas na área econômica não sejam muito boas, acredito que o mercado de arte é sempre das opções mais válidas, em termos de investimento." Em relação ao ano que passou, Cláudio Gil pensa que "os críticos de artes plásticas de maneira geral procuraram dar destaque à vanguarda, com predominância das obras abstratas em grandes dimensões". O marchand observa, porém, que a situação do mercado não vai se alterar. "Quem é bom, vai continuar vendendo, independente de promoção". Quanto a destaques para esse ano, Cláudio Gil, que possui uma galeria de arte no Rio, o Cláudio Gil Studio de Arte, é de opinião que Iberê Camargo vai ser o grande nome de 84".

"Acredito que Iberê deverá esse ano se aproximar do lugar que lhe cabe no cenário artístico brasileiro, onde deveria estar há muito, já que é o grande pintor nacional vivo". Para comemorar os 70 anos do pintor gaúcho, estão sendo previstas três exposições simultâneas de suas obras no Rio, no Cláudio Gil Studio, e na Galeria Thomas Cohn e em São Paulo na Galeria Luiza Strina. Cocita-se também de uma retrospectiva no Museu de Arte Moderna do Rio. Aqui em Porto Alegre, a diretora do MARGS, Evelyn Lochpe, está pensando também em organizar uma retrospectiva com os quadros das coleções gaúchas.

Retrato de um artista muito jovem

**Décio
Presser**

Dez meses antes de completar 70 anos, foram iniciadas as homenagens em torno do pintor Iberê Camargo. No dia 18 de janeiro passado, a Galeria Tina Presser promoveu uma pré-estréia do curta-metragem "Iberê Camargo: Pintura, Pintura", dando início a uma extensa lista de promoções que incluem diversas individuais e retrospectivas. O filme de Mário Carneiro, com 11 minutos de duração, mostra diversas passagens da carreira deste gaúcho, natural de Restinga Seca, que viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro e agora está novamente morando em Porto Alegre.

O grande mérito deste curta-metragem é mostrar Iberê como um pintor em contínua evolução. Por muito tempo rotulado como um artista maldito, Iberê vem encontrando na década de 80 o reconhecimento de seu talento, principalmente em seu Estado. E isso parece contribuir para que ele esteja se renovando continuamente. No filme de Mário Carneiro isso fica evidente pela sutileza do realiza-

dor, que preferiu fazer um jogo com a expressão "sem fim", para sublinhar que a inquietação de Iberê não permite que haja tempo para uma acomodação a certos apelos do mercado de arte, pois seu trabalho artístico mantém uma coerência exemplar.

Para muitos, Iberê é tido como um dos nomes mais representativos da pintura brasileira contemporânea, capaz de igualar-se em talento com outros expoentes da arte internacional. Dono de uma pintura inconfundível, cria através de suas pinceladas fortes e volumosas, telas que não deixam nenhum espectador indiferente. Através de um pseudo-abstracionismo consegue manter-se distante de modismos, aparecendo como uma figura ímpar na arte brasileira.

Neste ano, nada mais justo que Iberê Camargo seja o alvo de inúmeras homenagens que estão sendo programadas, mas para as quais ele está trabalhando sem parar em seu atelier, na Cidade Baixa. São exposições, programadas para três capitais brasileiras — Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre — que têm ocupado o tempo do artista desde o final do ano passado.

Paralelo a estas mostras contemporâneas foi pensado o projeto "Iberê Camargo: 70 Anos" que é formado por uma retrospectiva no Museu de Arte Moderna no Rio e no Museu de Arte de São Paulo, abrangendo o período compre-

endido entre 1932/1984 e incluindo o lançamento de um livro sobre o artista.

A idéia deste projeto partiu de um aficionado pela obra deste artista, o carioca Paulo Roberto Tosta. Em 11 folhas datilografadas ele explica e justifica seu objetivo, dizendo que considera Iberê Camargo como o maior destaque vivo das artes plásticas brasileiras. A grandiosidade do projeto "Iberê Camargo: 70 Anos" pressupõe a existência de patrocinadores, assim como tem acontecido com a Sul-América, a Souza Cruz e a IBM, tem dirigido seu marketing para projetos culturais, sejam balés, óperas ou exposições de arte.

Também aqui, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão da SUSEC, já iniciou o levantamento para uma mostra retrospectiva de caráter regional, muito embora o artista preferisse uma mostra mais seletiva da qual ele seria o curador.

Enquanto a promoção de caráter nacional, cujo orçamento é de milhões, tenta contatos com empresas do Rio, São Paulo e Porto Alegre, visando sua realização, o MARGS, com uma promoção mais modesta, também está tentando um patrocínio.

Sem aguardar auxílio de empresas ou do Governo, quatro galerias particulares vão homenagear o mestre Iberê com individuais que deverão acontecer simultaneamen-



Iberê Camargo: 70 anos em novembro (foto de Martin Streibel)



Vasco Prado: 70 anos em abril

te, em setembro. No Rio de Janeiro, Thomas Cohn vai expor pinturas de grandes dimensões, enquanto Cláudio Gil mostrará trabalhos menores. Em São Paulo, a Galeria Luíza Strina será responsável por uma individual que colocará Iberê no mercado paulista, do qual sempre se manteve afastado. E em Porto Alegre, a Galeria Tina Presser voltará a mostrar seu trabalho, a exemplo do ano passado, mas em grandes formatos.

Tudo isso é mais do que merecido para este artista que, ao atingir 70 anos, continua numa curva ascendente. No Rio Grande do Sul é um caso ímpar o de Iberê, artista de grande inquietação criativa, dificilmente encontrada até entre os mais jovens.

NOTA: Não é só Iberê que comemora 70 anos em 1984. Também Vasco Prado, escultor de prestígio nacional aniversaria em abril e entre as comemorações previstas figuram uma individual na Galeria

Skultura, em São Paulo, e uma retrospectiva no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que também cogita lançar um livro sobre a trajetória deste artista que, natural de Livramento, já expôs em vários países do mundo.

Marchands vêm ao Sul: é Iberê

Na semana que passou, houve uma revoada de alguns dos maiores marchands brasileiros em Porto Alegre. Do Rio, vieram Thomas Cohn e Cláudio Gil. De São Paulo, chegou Luisa Strina. Súbito interesse do Centro pela produção artística local? Embora existam aqui artistas e obras em número e qualidade suficiente para motivarem essa explicação, o fato é que o grande mestre do abstracionismo, Iberê Camargo, completa 70 anos. A data será comemorada em setembro com mostras simultâneas de pintura no Rio, São Paulo e Porto Alegre. Morando no Sul, Iberê atraiu os galeristas até ele com a força de sua carreira construída no Centro do País. Os marchands não costumam investir em pesquisas regionais. A própria Luisa Strina admite: "A desinformação do Centro em relação à produção regional é um pouco culpa do nosso comodismo. Nós, marchands, não nos dispomos a procurar, porque a demanda dos artistas com quem a gente já trabalha é muito grande".

Apesar das freqüentes observações da crítica especializada de que as galerias do Centro do País precisam renovar seus horizontes, o maior volume de mostras continua girando em torno de um reduzido elenco de artistas que se reveza nos mesmos locais de exposição. Luisa Strina, em 10 anos de atuação com média de sete exposições anuais, só mostrou a obra de 30 artistas, grupo que o ferino colunista paulistano Telmo Matino apelidou de "Strina Boys". Luisa se diverte, mas justifica: "isto é resultado de uma linha de atuação que escolhi dentro do mercado e creio que esse direcionamento significa uma evolução cultural. Escolhi a arte de vanguarda para trabalhar e me mantive dentro dela. Outros que trabalhem os demais setores".

Ela nega que essa especialização (já existente em Porto Alegre) signifique um fechamento. "O que se viu, nestes últimos anos, foi uma mixagem entre a arte produzida no Rio e em São Paulo, que antes

eram dois mundos absolutamente estanques, a tal ponto de Volpi valer milhões em São Paulo e ser desconhecido no Rio, por exemplo. Hoje existe mais intercâmbio".

Quando Luisa Strina resolveu criar a sua galeria, existiam outras 250 em São Paulo. "Minha opção sempre foi pela vanguarda. Fui a primeira a vender as madeiras pintadas de Baravelli. Claro que para sustentar essa aposta no novo tenho que vender uns quadros caros, investimentos seguros como Portinari, Di Cavalcanti..." E Iberê? Fica dentro da linha da galeria ou na categoria dos quadros? Luisa se entusiasma: "Iberê, aos 70 anos, continua sendo vanguarda. Ele influencia a geração de 80, ele é o pai desses pintores que costumo mostrar. Todos os novos expressionistas têm influência dele, direta ou indiretamente. A força da pintura gestual, intensa, de Iberê, traça rumos a sua frente".

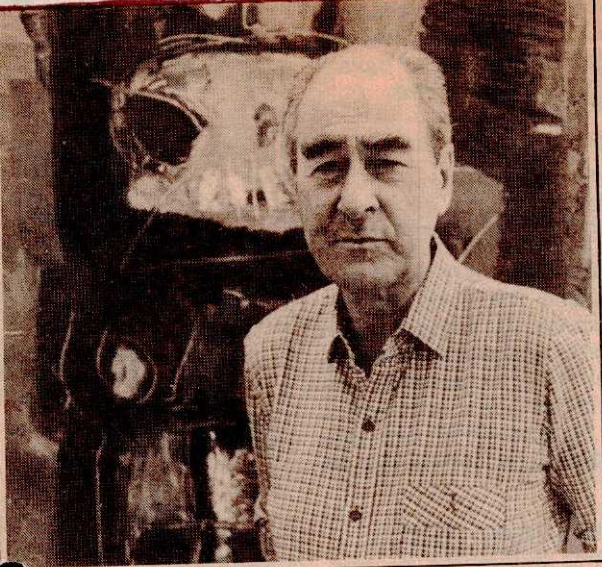
Uma pergunta fica no ar: e se Iberê não tivesse saído do Sul?



Strina: "a desinformação é um pouco culpa do nosso comodismo"



Pintura recente de Iberê Camargo



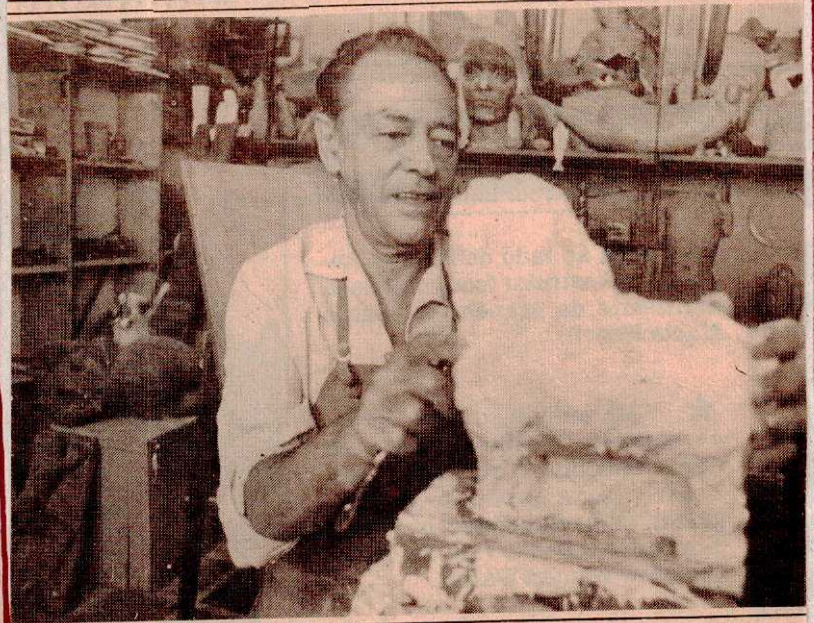
ARTISTAS GAÚCHOS

Funarte promoverá grandes exposições

Nos planos da Funarte para o Rio Grande do Sul este ano estão duas grandes retrospectivas de artistas gaúchos, que serão montadas no Margs. A primeira será em setembro, sobre a obra de Iberê Camargo, e em novembro será a vez de Vasco Prado. A informação foi prestada pelo assessor da direção executiva deste órgão federal, Sérgio Toripan, que, ao lado de Marlene Custódio, diretora-adjunta do Instituto Nacional de Música, passou alguns dias no Estado, para entrar em contato com várias instituições, falar sobre a disponibilidade de verbas e conhecer de perto os projetos gaúchos.

Esta postura faz parte da nova política da Funarte, que a partir deste ano decidiu delimitar a data de entrega dos projetos e reunir representantes de todos os seus institutos, ao lado da assessoria técnica, para fazer uma análise mais global dos pedidos de auxílio. De acordo com Sérgio Toripan, este ano houve um número gigantesco de pedidos. "E foi justamente em 84 que houve uma grande redução das verbas para a área cultural, o que provocou uma reação geral. Então, ao invés de analisar individualmente o conjunto da demanda do Rio Grande do Sul, a disposição é de tentar saber, junto a seus órgãos culturais, o que se configura como uma política cultural do Estado". Dentro desse quadro, houve a programação destas duas retrospectivas, além de um apoio maior ao Curso de Pós-Graduação em Artes da PUC, já que esses cursos são raríssimos no País e existe uma grande necessidade de formar pessoal nessa área.

Na área da música, a Funarte já tem uma experiência bastante antiga no Rio Grande do Sul, tanto no apoio a projetos de entidades, como em promoções em colaboração com órgãos locais na área de corais, apresentação da Rede Nacional de Música, assistência às orquestras jovens, a bandas de música e, agora, de uma maneira muito forte à educação musical. Este ano, o apoio da Funarte ao Seminário Internacional de Música, promovido pelo Instituto de Artes, além da cedência de professores, foi também financeiro.



Iberê Camargo e Vasco Prado terão retrospectivas em setembro e novembro

RIO DE JANEIRO, 20 DE JULHO DE 1984

TRIBUNA DA IMPRENSA/11



Luiz Augusto

Iberê & muita arte

1 — Iberê Camargo está residindo em Porto Alegre e completa 70 anos no dia 18 de novembro. Assim, está sendo organizada uma grande mostra de seus trabalhos, que terá por cenário o Rio de Janeiro, São Paulo e a capital gaúcha, tudo no decorrer do mês de setembro. No Rio, as obras ficarão em exposição na Cláudio Gil, Studio de Arte e na Thomas Cohn-Arte Contemporânea. Em São Paulo será na Galeria Luisa Strina. Porto Alegre tem dois locais escolhidos: a Galeria Tina Presser e uma grande Retrospectiva no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. É Cláudio Gil quem está elaborando, com o maior dos cuidados, o catálogo.

2 — Petrópolis soube recuperar o seu "Palácio de Cristal", um esplêndido exemplo a ser seguido. Agora, o "Palácio" está funcionando ativamente, inaugurando hoje a mostra do pintor George Luiz, após haver apresentado as esculturas de Maria Martins, que teve na cidade serrana um dos seus lugares prediletos.

3 — Yonne Bergamaschi sempre costuma mostrar suas pinturas na Galeria do Iate Clube do Rio de Janeiro. E isso, irá acontecer novamente, pela décima vez, no próximo dia 26. Entretanto, Yonne é uma artista que sabe se movimentar, sendo esta a sua 65ª mostra pelo mundo inteiro, pois além do Brasil ela já exibiu suas pinturas nos Estados Unidos e por toda a Europa.

Entre homenagens

O Sr. Sabino Arias recebeu o Prêmio "Tendências" e por isso vai ser homenageado pelos amigos com um almoço, marcado para a próxima terça-feira. Na organização estão Lauro Guimarães, o Coronel Pio Müller e o jornalista Remy Gorge Filho. Entre as presenças confirmadas o Ministro Nestor Jost.

A nova idade do Professor Dagmar Chaves teve mis-

sa solene no Outeiro da Glória, rezada pelo Monsenhor Nardal e presidida pelo Provedor-Mor da Imperial Irmandade, Sr. Mauro Viegas. Para abraçarem o Professor Dagmar compareceram o General Jonas Corrêa, o General Calvet Fagundes, o Ministro Venâncio Igrejas, o Procurador Harold Sommer, os escritores Jaime Spetorow, Durval Lobo, Cheides Miguel e Marco Aurélio Caldas Ribeiro.

As alfinetadas de Clodovil

"Seda Pura & Alfinetadas" tem um fiozinho de história, nem chega bem a ser uma peça. Mas, em cena, aparece uma figura incrível, cheia de um magnetismo total, que é Clodovil Hernandez. É por isso que vale ir ao Teatro Ginástico, pois a peça é Clodovil o tempo inteiro: nos monólogos, criando "cacos", nos belos figurinos (como ele está bem vestido!) e na comunicação que ele consegue com a platéia, ainda mais a modorrenta da última quarta-feira. Ele ganhou o público e a peça, bem auxiliado pela alegria e "garra" de Jalusa Barcellos.

No camarim, Clodovil falou muito, sobre tudo e com a inteligência costumeira ele não perdoa nada. E está num belo camarim, sem luxos exagerados, sem sedas puras ou cetins, mas de um bom-gosto à toda prova. E ele nos contou que tem de ser mesmo assim, pois agora sua vida está sendo o teatro. São nove espetáculos semanais, e ele fica mais lá do que em qualquer outro lugar. Tudo bonito e como ele quer. Enquadrado na parede um bilhete de Elis Regina, com carinho por ele e quase uma prova de sua próxima morte.

Sobra talento em Clodovil.

Gota D'Água

★ Maria Carlos Sottomayor continua fazendo o maior sucesso na França, agora por ela mesmo, não mais precisando da tutela de Jean-Paul Belmondo. Os franceses tiraram a Maria de seu nome e, em Paris, ela se chama apenas Carlos Sottomayor, sendo que o "Jours de France" a classifica como "a suntuosa brasileira".

★ No Rio de Janeiro, mais precisamente no "Caesar Park", se hospeda o Real Sultão de Kedah, um dos 13 Estados da Malásia, e que será recebido pelo embaixador da Malásia no Brasil, sr. Khor Eng Hee. Na sua rota está Brasília e, dia 22, parte para Acapulco.

★ Dia 27, foi a data escolhida pelo cônsul da Suécia e sra. Lars Berg, para abrirem as portas de sua residência, ao lado do Itanhangá Golfe Clube, num coquetel dedicado aos amigos. A causa é que ele se aposenta da carreira diplomática, mas vai ficar residindo aqui mesmo no Rio de Janeiro, cidade em que realmente ama viver.

★ Dona Vanda Sarmento Florêncio de Abreu completa 90 anos e reúne toda a família, tanto os ramos dos Sarmento como dos Florêncio de Abreu. Uma

bonita festa, dia 25, na residência da aniversariante.

★ A cantora Diana Ross realiza o sonho de sua movimentada existência ou seja interpretar Josephine Baker no cinema. Será uma superprodução, com cenas que se passam na Martinica, Paris e nos Estados Unidos. Para adquirir uma pronúncia à la Baker, Diana Ross se muda para Paris, a fim de garantir um sotaque afrancesado no seu inglês.

★ Antes do lançamento de seu livro, dia 23, o bailarino Fernando Bujones reúne a imprensa especializada, hoje, no Salão Apoador, do Rio Palace. Ele falará do livro, do que foi a estréia de "Giselle" (ontem) e ainda dos seus 15 anos de carreira, sendo 10 como primeiro bailarino.

★ Segunda-feira a recepção pelo cinquentenário da Springer, às 19 horas, no Restaurante Rio's. Recebendo os convidados Paulo Vellinho e Mário Amato.

★ Na ausência de Luiz Augusto esta coluna está sob a responsabilidade de Luiz Carlos Machado Lisboa e Sérgio Caldieri.

★ O Rio é uma Festa!

Redator-interino

Cinco vezes Iberê

Poucos artistas foram tão eloquentemente homenageados como será Iberê Camargo, em setembro próximo. Aproveitando o ano em que ele comemora seu 70º aniversário quatro galerias do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre e o Museu de Arte do Rio Grande do Sul se uniram num projeto pioneiro, em termos de Brasil. O resultado são cinco exposições que acontecem quase simultaneamente na primeira quinzena de setembro.

Dia 1º de setembro, sábado ao meio-dia, Iberê estará inaugurando uma retrospectiva no Museu de Arte do Rio Grande do Sul reunindo desenhos, pinturas, gravuras e outras técnicas, experimentadas pelo artista gaúcho no decorrer de mais de 40 anos de carreira. A mostra conta com o apoio da Subsecretaria de Cultura/SEC e permitirá ao público uma avaliação de evolução do trabalho deste que é considerado um dos expoentes máximos da arte contemporânea no Brasil. Paralelamente serão promovidas sessões de curta-metragem "Iberê Camargo — Pintura, Pintura", de Mário Carneiro e de um audiovisual realizado pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS.

Ainda no dia 1º, às 21h, a Galeria Tina Presser, estará inaugurando uma mostra do trabalho atual do artista. Ali Iberê estará representado por pinturas e

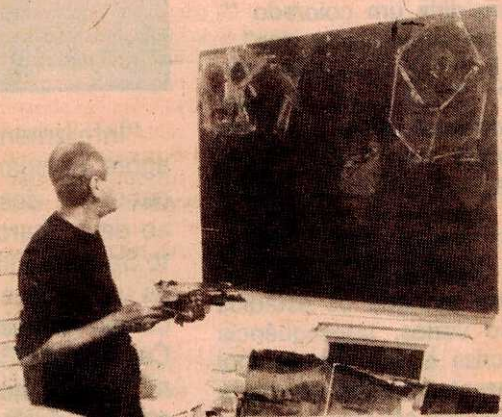
guaches onde a figura é uma constante. Através desta série, produzida em 1984, o pintor proporciona outra demonstração de sua extrema vitalidade criadora e inquietação permanente, dificilmente encontradas em outros artistas de sua geração. Esta individual permanecerá aberta durante todo mês de setembro, de segunda a sábado.

A série de exposições terá continuidade no dia 11 de setembro em São Paulo, na Galeria Luisa Strina. Há mais de 20 anos ele não expõe naquele importante centro cultural do país.

No Rio de Janeiro, onde Iberê possui atelier, serão realizadas as outras exposições programadas. Dia 13, no Studio Cláudio Gil e dia 15, no Thomas Cohn Galeria de Arte. Acompanha as cinco exposições, um catálogo de 24 páginas, 14 reproduções a cores, com textos dos críticos Frederico Moraes (O Globo) e Wilson Coutinho (Jornal do Brasil).

Este projeto artístico-cultural deverá figurar entre os acontecimentos mais importantes das artes plásticas de 1984, já que proporciona o contato com a obra recente de um artista, em três Estados, simultaneamente, e também revitaliza o interesse pela obra deste gaúcho de Restinga Seca que hoje desfruta de merecido prestígio pois o valor de sua arte é inquestionável.

Presser
Décio



Iberê Camargo, várias homenagens aos 70 anos

Jornal: ZH- 2.º caderno

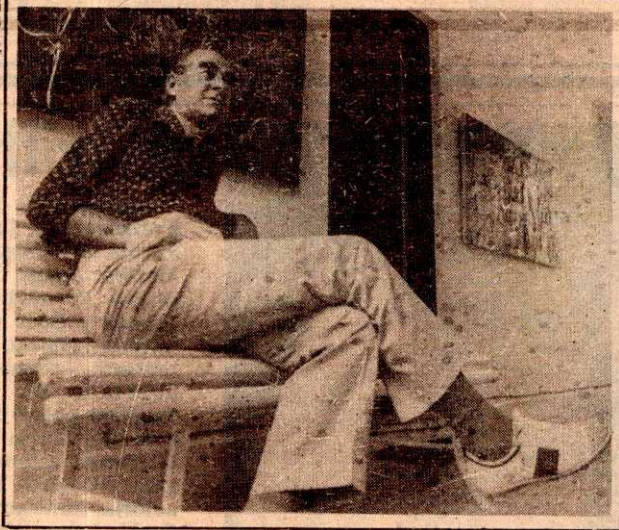
Data: 16 / 08 / 84

Página: 9

Assunto: Iberê Camargo

● Iberê Camargo está preparando viagem a São Paulo e Rio, mas antes executa retrato do escultor Xico Stockinger, seu amigo de longa data e por isto merecendo o trabalho, um estilo de pintura não comum ao pincel de Iberê.

Arquivo/ZH



Em setembro, homenagens no Margs, na Galeria Tina Presser e em galerias de São Paulo e Rio

Entre as homenagens que estão sendo preparadas para Iberê Camargo, no ano em que comemora seus 70 anos, destaca-se a retrospectiva organizada pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão da Susec, que será inaugurada dia 1º de setembro, sábado, às 12 horas. Natural de Restinga Seca, ele iniciou seus estudos em Porto Alegre e ainda na década de 40 transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde construiu uma carreira marcada pela inquietação. Hoje, Iberê é considerado como um dos mais importantes artistas contemporâneos do Brasil e seu nome aparece com destaque em publicações internacionais.

Também dia 1º de setembro, a Galeria Tina Presser inaugura uma mostra atual de Iberê, reunindo pinturas e guaches. Fora de Porto Alegre, estão programadas mostras em São Paulo (Galeria Luisa Strina, 11 de setembro) e no Rio: Stúdio Gláucio Gil (dia 13) e Thomas Cohn (dia 15).

ARTES PLÁSTICAS

Margs comemora os 70 anos de Iberê

por Luiz Carlos Barbosa

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul inaugura, no dia 1º de setembro, uma retrospectiva da obra de Iberê Camargo. A mostra, que reunirá desenhos, pinturas, gravuras, tapeçarias e outras experiências realizadas pelo artista gaúcho, é uma homenagem ao seu 70º aniversário. Natural de Restinga Seca, Camargo iniciou seus estudos em Porto Alegre, transferindo-se, na década de 40, para o Rio de Janeiro, onde construiu uma carreira (que completa 40 anos), marcada pela inquietação. Hoje é considerado um dos mais importantes artistas contemporâneos do Brasil, inclusive com nome em destaque em publicações internacionais.

Além da retrospectiva organizada pelo MARGS, órgão da Subsecretaria de Cultura da SEC, ainda no mês de setembro, outras exposições serão realizadas em comemoração aos 70 anos de Iberê Camargo. Em 1º de setembro a Galeria Tina Presser abre uma mostra da obra atual, reunindo pinturas e guaches. Em São Paulo, a Galeria Luisa Strina, no dia 11 de setembro realiza outra exposição. No Rio de Janeiro, no Studio Claudio Gil, dia 13 e na Tho-

mas Cohn Galeria de Arte, no dia 15, também será comemorado o aniversário de Iberê Camargo.

A retrospectiva do MARGS permanecerá em exposição até 30 de setembro e poderá ser apreciada de terças a domingos, das 10 às 17 horas. No mesmo período serão programadas sessões do curta-metragem "Iberê Camargo: Pintura, Pintura" e de um audiovisual realizado pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa do MARGS.

INDICAÇÕES

DIANA DOMINGUES — Mostra de desenhos e vídeos, intitulada "Universumulti". São 24 trabalhos que integram as pesquisas da artista gaúcha. Na Sala da Galeria (2º andar do MARGS, praça da Alfândega), até o dia 29 de agosto. De terças a domingos, das 10 às 17 horas.

ARLINDO DAIBERT — Desenhos, pinturas e objetos estilizados, que integram estudos e pesquisas com ideogramas. Na Galeria Tina Presser até 31 de agosto, de segunda a sexta, das 10 às 12 e das 14 às 20 horas. Sábado, das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.

KATIA PRATES — No Espaço Investigação do MARGS. Trabalho experimental intitulado "Kha-

Trang". Até 23 de agosto, de terças a domingos, das 10 às 17 horas.

MARITÉ — "Formas da Terra", painéis tridimensionais em cerâmica (óxidos e esmaltes), em suportes de vidro fumêes. Na Pequena Galeria do MARGS (praça da Alfândega), até dia 26 deste mês, de terças a domingos, das 10 às 17 horas.

MOURA — Relevos aquarelados e uma série inédita de gravuras em metal. Na Galeria Singular até dia 27 deste mês, de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 19 horas. Sábado, das 9 às 13 horas. A Singular fica na rua Frederico Linck, 45.

TEKNE PONTO DE ARTE — Mostra do acervo. Pinturas e gravuras de Antônio Meier, Gutierrez, João Henrique, entre outros. Na rua Padre Chagas, 305. De segunda a sexta, das 9 às 12 e das 14 às 19 horas. No sábado, das 10 às 13 horas.

ALPHONSUS — Mostra de pinturas a óleo sobre tela. No Centro Municipal de Cultura (avenida Érico Veríssimo, 307). Diariamente das 8 às 18 horas.

WANITA MENEZES — Na Galeria do Arco (rua Almirante Delamare, 237), de segunda a sábado, das 14 às 18:30 horas.

FLÁVIO ROCHA — Pinturas a óleo sobre tela, com motivos europeus e asiáticos. Na Galeria Açorianos (Travessa do Carmo, 84), de segunda a sexta, das 8 às 18 horas. A exposição fica até o dia 24.

Jornal: Revista ZH
Data: 19 / 08 / 84
Página: 8
Assunto: Iberê Camargo

••• O setor de artes vive os preparativos para a retrospectiva de Iberê Camargo que acontecerá no Museu de Artes do Rio Grande do Sul, completando-se com a mais recente produção de Iberê, que será apresentada na Galeria Tina Presser. Evelyn Berg Ioschpe teve oferecimentos de telas de diversos colecionadores do Rio e São Paulo. Entre os telegramas recebidos, concordando em ceder as telas para a exposição, figura o de Oswaldo Aranha Neto. A montagem da mostra no Museu deverá ter estilo categorizado e, para tanto, é possível a vinda de Zunega, o responsável pelas montagens do Salão Nacional e outras realizações da Funarte.

19.08.84 REVISTA ZH 8

PINCELADAS

O Núcleo de Documentação e Pesquisa do Museu de Arte do Rio Grande do Sul está participando da elaboração do catálogo nacional das mostras de Iberê Camargo que vão assinalar os 70 anos desse grande mestre da pintura. O catálogo terá uma entrevista realizada pela equipe do Margs com o artista e será distribuído nas exposições marcadas para 1º de setembro (Margs e galeria Tina Presser), 11 (galeria Luisa Streina, SP), 13 (Studio Cláudio Gil) e 15 (Galeria Thomas Cohn), estas duas últimas no Rio.

■ **NERY** — Também para 1º de setembro a galeria de Yara Kraft prepara uma exposição: Ismael Nery, o grande pintor trágico do Modernismo, que terá catálogo com texto de Icléia Cattani e reproduções a cores. Depois de Porto Alegre, a mostra irá itinerar por Santa Maria, Caxias, Pelotas e Rio Grande.

■ **MAGLIANI** — A Galeria Municipal de Arte, de Pelotas, apresenta até dia 28 de agosto uma individual de desenhos e pinturas de Maria Lídia Magliani. A artista pelotense, atualmente radicada em São Paulo, apresenta uma nova série de trabalhos de sua temática de personagens urbanos, com muita cor e liberdade de traço.

■ **SALÃO** — A Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais (Rio) e a Associação Profissional dos Artistas Plás-

ticos de São Paulo decidiram manter a posição adotada já na edição anterior do Salão Nacional: a indicação de uma chapa de três nomes para o júri de seleção, a ser votada pelos artistas participantes. Foram indicados Abelardo Zaluar, Antonio Henrique Amaral e Glauco Pinto de Moraes, este último por sugestão de artistas gaúchos.

■ **GRAVURA** — Prosseguem as reuniões para criar uma Associação dos Gravadores. Os artistas interessados em organizar a categoria estão convocados a comparecer quinta, às 18h, no Atelier Livre do Centro Municipal de Cultura. Danúbio Gonçalves está apoiando.

■ **TOMASELLI** — A Bolsa de Arte vai mostrar, de quinta, às 21h até o final do mês, aquarelas e pinturas de Maria Tomaselli que irão ser expostas em Viena (Áustria) em setembro, na galeria Elefant. Nas pinturas, Maria resolveu, com muito humor, um velho drama de muita gente: os quadros podem ser pendurados em qualquer posição. Nessa série, nunca haverá obra "de cabeça para baixo".

■ **CANCLINI** — Um dos maiores teóricos de artes da América Latina, o mexicano Nestor Maria Canclini, está em Porto Alegre esta semana. Ele vai participar do painel "Os Intelectuais e a Questão Cultural", no Campus do Vale (Ufrgs). A promoção, do curso de pós-graduação em Antropologia, Sociologia e Política, integra o V Seminário de Estudos Latino-americanos. O painel com Canclini será sexta-feira, com início às 9h30min. Informações e inscrições pelo fone 36.0055.

Pena que tanta coisa errada esteja ocorrendo nesta cidade

Pena que tenha sido cancelada a apresentação, no Teatro Vila-Lobos, "por motivos técnicos", do Balé Neoconcreto I e II de Lygia Pape. Ansiosamente esperado pelas novas gerações e sucessivamente adiada, a reencenação do balé, baseado num poema de Reynaldo Jardim e coreografado por Gilberto Motta, estava prevista para segunda-feira passada e em segunda apresentação para hoje. Esperamos que sejam superados os "motivos técnicos" e que não tenhamos que aguardar mais 25 anos para rever uma das muitas revoluções proporcionadas pelo movimento neoconcreto.

Pena, também, que o Rioarte, não tenha dado divulgação ao trabalho que Paula Carneiro da Cunha vem apresentando no Salão de Vidro da PUC, "Em cima da terra, embaixo do céu". O trabalho, que integra o "Projeto poética do espaço", patrocinado pelo próprio Rioarte, envolve a participação ainda de Yolanda Freire, Dayse Arantes e Paula Pape (filmes e slides) e o cartaz, desenhado por Waltércio Caldas. Trata-se de uma pesquisa em torno de símbolos e a última apresentação será hoje, às 20h30m.

Pena que as galerias, museus e demais instituições do circuito de arte continuem divulgando, com atraso, suas exposições. Para prejuízo do público e dos próprios artistas.

Pena que museus e galerias não se consultem antes, visando a elaborar seu calendário anual. Estou prevenindo uma enorme acumulação de eventos significativos para a semana próxima. Vejamos: na segunda-feira, 3, a Galeria Saramenha expõe Roberto Magalhães e a Galeria Realidade comemora os 60 anos de Manabu Mabe com ampla exposição de sua produção re-

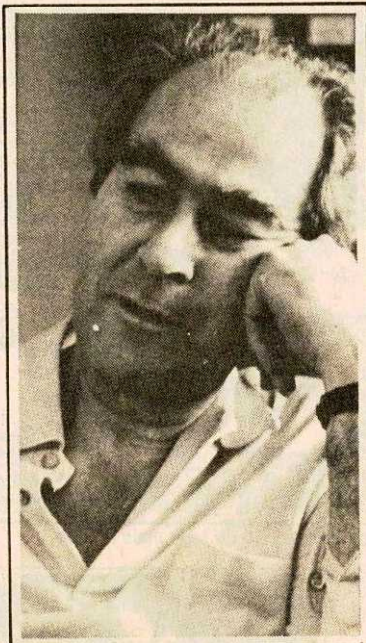
cente. A mostra estará inaugurando um novo e amplo espaço. Na terça-feira, o Museu de Arte Moderna inaugura nada menos que cinco exposições; ampla retrospectiva de Arcangelo Ianelli, com cerca de 200 obras, livros, filmes e audiovisual, exposições de esculturas de Cleber Machado (terraço), Haroldo Barroso (Foyer e jardim) e Ascânio Monteiro e fotografias de Artur Omar. E na quarta-feira, a galeria do Banerj abre seu ciclo de exposições sobre a arte no Rio de Janeiro, com um levantamento do movimento neoconcreto.

Pena, também, que Arcangelo

Ianelli tenha se submetido a longa e delicada intervenção cirúrgica, após uma repentina crise de angina, justamente no momento em que preparava, com tanto entusiasmo, sua retrospectiva no MAM carioca. Várias vezes adiada nos últimos dois anos, a mostra, contudo, será inaugurada no dia previsto, terça-feira, 4 de setembro, pois todas as pessoas envolvidas na sua organização querem que ela seja um sucesso. E o público carioca, finalmente, poderá ver todo o percurso de sua pintura que atinge, hoje, plena maturidade, sobretudo no plano da cor.

do, será inaugurada no dia previsto, terça-feira, 4 de setembro, pois todas as pessoas envolvidas na sua organização querem que ela seja um sucesso. E o público carioca, finalmente, poderá ver todo o percurso de sua pintura que atinge, hoje, plena maturidade, sobretudo no plano da cor.

O festival dos 70 anos de Iberê Camargo



Iberê Camargo: exposições no Rio, São Paulo e Porto Alegre

E o Rio prepara-se, também, para participar do festival Iberê Camargo, comemorativo dos seus 70 anos. O festival começa na próxima quarta-feira, em Porto Alegre, com duas exposições, uma no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, de caráter retrospectivo, e outra, reunindo pinturas e guaches, na Galeria Tina Presser. Prossegue em São Paulo, dia 12, na Galeria Luíza Strina, e no Rio, dia 13, na Galeria Claudio Gil, e dia 15, na Galeria Thomas Cohn. Na verdade, a parte carioca do festival já começou, com as duas telas-cartazes de Iberê que integram a mostra "Intervenções no espaço urbano", em duas galerias da Funarte. Pena que não se tenha podido realizar a mostra "Viva a pintura", reunindo trabalhos de vários pintores cariocas e paulistas em homenagem a Iberê, e que vinha sendo organizada por Rubens Gerchman. Fala-se em realizá-la, em outubro vindouro, no Rio Design Center. A propósito, Franz Weissmann completa em setembro 70 anos, e ninguém pensou em homenageá-lo.

Pena, ainda, que a exposição de fotografias de Ivan Cardoso, o "terrífico" homem da múmia, tenha durado apenas uma semana. As 60 fotos que expôs na Galeria Saramenha, semana passada, constituem um importante "documento" da vida cultural brasileira. As fotos surpreendem pela capacidade de Ivan em captar o artista (o homem criador, o homem de cultu-

ra) em sua inteireza psicológica, no seu espaço íntimo, na sua dimensão pública. Alguns exemplos: a rigorosa organização do espaço de trabalho de Haroldo de Campos, poeta e tradutor, informação semiótica do rigor de produção intelectual, o tom debochado das fotos de Macalé e Raul Seixas, este um autêntico anti-star, a melancolia de um ídolo caído e de um clube em fase de decadência, Jairzinho, do Botafogo, a deliciosa encenação do cineasta Guará diante do túmulo de Oscar Wilde, em Paris, o décor kitsch de Carlos Imperial, o rosto diabólico de Leopoldo Heitor, a intrigante foto de João Havelange, ex-campeão de natação, hoje nadando nas águas do futebol internacional, o beicinho vanguardista de Bário, o rosto forte, viril e confiável de um ídolo da crítica de cinema francesa, Samuel Fuller, a calça toda suja de tinta de um artista polivalente e totalmente mergulhado no trabalho, Burle Marx, o vestido juvenil de Lygia Clark, uma artista sempre jovem ou a frenética Lidoka vendo o mundo às avessas. Seria mesmo o caso de voltar a expor este "painel" fotográfico em outro local do Rio. Já.

Circuito nacional: o Museu Lasar Segall, de São Paulo, inaugurou na última quinta-feira exposição de seu patrono unicamente com obras, 80 ao todo, nas quais se aborda a questão judaica. Entre os trabalhos expostos, uma obra-prima da arte brasileira e mundial, "Navio de imigrantes", de 1939/41. A exposição integra-se ao ciclo promovido pela Secretaria municipal de Cultura de São Paulo e Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, contando a história da imigração judaica em São Paulo. Outras exposições de caráter coletivo estão previstas para este ano. Ainda em São Paulo, mostra de desenhos e pinturas de Helga Miethke, na Galeria Paulo Figueiredo, e de Heloísa Pessoa, na Galeria Itaú. "Universusmulti", mostra circulante de Diana Domingues, de Caxias do Sul, chega ao Museu de Arte Moderna da Bahia. E Raul Córdoba expõe pinturas recentes, de caráter geométrico, no hall do Teatro Universitário da Universidade Federal do Mato Grosso, em Cuiabá.

Journal: JC-Panorama
Data: 24 / 08 / 84
Página: 7 (Lea Therezia)
Assunto: Iberê Camargo

Nas artes -

A partir do dia primeiro de setembro, no Teatro Renascença, estará sendo encenada uma versão da novela "Crônicas de Uma Morte Anunciada" de Gabriel Garcia Marques. Trata-se de uma produção do Grupo Tear, com o título de "Crônica da Cidade Pequena" e traz no elenco, Marco Franchetti, Nazaré Cavalcanti, Pedro Wayne, Roberto Mallet, Sérgio Lulkin e Sônia Coppini.

Também neste dia, a Galeria de Arte Masson, após dois meses em reformas, inaugurará seu novo horário de vernissage, sábado às 11 horas, mostrando as pinturas de Romanelli. As próximas exposições da Galeria, serão Eduardo Cruz e Aldemir Martins.

Ainda no dia primeiro de setembro, e numa homenagem ao pintor gaúcho Iberê Camargo, estarão acontecendo duas exposições do artista. Uma no MARGS, às 12 horas e outra na Galeria Tina Presser, às 21 horas, com pinturas e guaches recentes de Iberê, onde a figura humana está sempre presente.

Já no 19º andar da Galeria Malcon, a Moura Jardim, artes e serviços estará mostrando os trabalhos de Edison Mayer, a partir de hoje, às 20h.

“O artista não enfeita”

por Luiz C. Barbosa

Numa fluência excepcional para quem optou pela comunicação visual, Iberê Camargo adverte. “a hora é grave, o artista não está no mundo para enfeitar, mas para registrá-lo”. Com estas afirmações, em entrevista a este jornal, procurou expressar sua visão de mundo, enquanto homem e artista, dizendo que a arte é sempre comprometida, “ideológica, mas não partidária”. No ano em que completa 70 anos (em novembro), se confessa: “tenho a mesma preocupação, seriedade e dificuldade de sempre, mas com a vontade de fazer tudo o que posso, não o melhor”.

Iberê Camargo, que tem uma filha (Gerci), e dois netos (Carlos Iberê e Doralice), não aparenta os quase setenta anos, pela disposição física e vivacidade. Uma pessoa inquieta que, por vezes, pela emoção, deriva para o tom do discurso, ao mesmo tempo que acaricia o pelo de martin (um gato não siamês). Com uma rotina simples, disciplinada pelas madrugadas de trabalho em seu atelier, ele revela o gosto pelo passeio no centro, “na Rua da Praia, muito descaracterizada”, no fim da tarde, “na hora do lusco-fusco”.

Maria Coussira Camargo, a esposa e companheira incansável, professora de desenho, formada em artes plásticas, que prepara telas e tintas para o marido, é o seu “anjo”. Mas ela não concorda com a opinião de muitas pessoas, que a responsabilizam pelo sucesso de Iberê. E pondera que “ele tem muita garra, teria caminhado sozinho”. Porém admite que sempre lhe deu todo o apoio e um tratamento carinhoso, que faz dele, aos 70 anos um homem saudável.

Natural do hoje município de Restinga Seca e filho de um agente de estação ferroviária, Iberê gostava de desenhar desde os quatro anos. Com a mudança da família para Santa Maria, ingressou na Escola de Artes e Ofícios da Cooperativa da Viação Férrea, onde pela manhã, estudava matérias teóricas, e à tarde, dedicava-se na mesma escola, à pintura. Hoje, confessa-se estarecido com o nível de ensino das escolas. A “sua” escola, exclusiva para filhos de ferroviários (administrada pelos irmãos maristas), além de um alto nível de ensino, oferecia cursos técnicos (mecânica, marcenaria, pintura), fornecia alimentação, e material escolar.

Para Iberê Camargo, que participou da campanha das eleições “diretas já” e pintou um painel com motivo ecológico, “o que vale é o homem”. Ele entende que o artista, “como todo homem”, deve escutar e olhar com seus próprios olhos e ouvidos. “E tem que lutar para responder ao sentimento maior, que é o do povo, pois a arte tem o sentido universal”, completa.

O artista gaúcho, que não aceita rótulos, por considerá-los “uma coisa tola”, iniciou seus estudos artísticos, em Porto Alegre, com o pintor João Fährion. Transferindo-se para o Rio de



Iberê Camargo: no colo, martin. Na parede, o auto-retrato

Janeiro, em 1942, com uma bolsa de estudos na Escola Nacional de Belas Artes, depois de dois meses resolveu abandoná-la para fundar o “Grupo Guignard”. Ele explica que na época, “era moço, ávido de aprender” e a instituição muito acadêmica. Com o Primeiro Prêmio do Salão Nacional de Arte Moderna (viagem ao exterior), em 1947 vai para Paris, onde teve aulas com Lhote, e mais tarde, na Itália, com Petrucci e Achilli.

Considerado pela crítica, ao lado de Manabu Mabe, o mais importante artista contemporâneo sul-americano, no campo do abstracionismo informal, ele diz que o artista é a pessoa que “enxerga” numa dimensão superior. Para ele o “pintor morre com o pincel na mão”, e acrescenta, “se todos trabalhassem como os pintores, este País seria um colosso”.

Como integrante de uma comissão da Funarte que promove pesquisas para a produção de materiais para artes plásticas, acha que a memória na-

cional não pode ficar “desbotada”. Por isso salienta: “a memória deve usar o melhor veículo de permanência”. Mas revela que os preços são caros: um rolo de tela de dez metros custa Cr\$ 820 mil e uma folha de papel Cr\$ 12 mil. Sua relação com o mercado de arte é boa, pois “felizmente soube escolher as pessoas para trabalhar, que só têm me gratificado”. Mas lamenta que tenha que se preocupar com o retorno, uma vez que compra em dólar e vende em cruzeiros. Mesmo assim acha que as importações devem ser liberadas.

Em comemoração aos 70 anos de Iberê Camargo serão realizadas cinco exposições. Em Porto Alegre, uma retrospectiva no MARGS e uma mostra de seu trabalho atual na Galeria Tina Presser, inauguram no dia 1º de setembro. Em São Paulo, na Galeria Luísa Strina, dia 11 de setembro; no Rio de Janeiro, dia 13, no Studio Cláudio Gil e dia 15, na Thomas Cohn Galeria de Arte, completam as homenagens.

Evelyn Berg

Iberê Camargo: 70 anos

O imenso Iberê Camargo faz jus, a partir do próximo sábado, a um festival de homenagens pelos seus 70 anos que inicia no Museu de Arte do Rio Grande do Sul com a retrospectiva de sua obra, transfere-se para a Galeria Tina Presser ao cair da noite e depois se estende a São Paulo (Galeria Luiza Strina) e Rio (Galerias Cláudio Gil e Tomas Cohn). Um catálogo único marca estes eventos e fala da obra, apesar de ser difícil sintetizar Iberê numa trajetória que o fez chegar aos primeiros entre os primeiros das artes plásticas neste país.

Haveria mil e uma histórias para contar sobre o artista ao anunciar as comemorações de seus 70 anos de idade. Além de tudo, o homem não pára nunca de pensar e, ao pensar, de dizer o que pensa, agrade ou desagrada seu interlocutor. Ao dizer, inclusive, Iberê surpreende: de quem se espera só talento plástico e formal (o que não é esperar pouco), encontra-se propriedade verbal. Iberê fala e escreve bem. Mais: não perdeu nunca sua capacidade de indignação.

Em 1979 fui entrevistá-lo para Zero Hora e na conversa ele me contou uma fabulosa fábula verdadeira que eu repito aqui no momento em que as coisas estão do jeito que estão e até, sei lá, para que a gente não esqueça do tempo do táxi-lotação. A cena é iberíssima e passa-se no interior de um lotação carioca, com limite de passageiros em pé previsto para o número cabalístico de sete. Iberê embarca no veículo sem se dar conta de que já estava lotado. Como, no entanto, neste país se dá um jeito em tudo, mesmo no que não tem jeito, o cobrador dá a dica:

— Tá lotado, mas o senhor fica assim que, sabe? Tudo bem.

— Fico assim como?

— Assim: acocorado. Aí o guarda passa e nem repara.

— Só que eu não vou me acocorar.

E para não deixar quaisquer dúvidas:

— Eu não vivo de cócoras. Eu não sou co-nivente. E pára já esta porcaria que eu vou descer.

Bons momentos da temporada

- O melhor momento do segundo semestre é justamente com o encontro da liderança rural gaúcha que chega para a Exposição Internacional de Esteio. O encontro não é apenas na expectativa dos julgamentos e remates mas a movimentação social, em tempo integral. Esta é igualmente a semana de importantes acontecimentos artísticos, como a realização da mostra que vai assinalar o setentão de Iberê Camargo, desdobrando-se em duas ocasiões. O Museu de Arte do Rio Grande do Sul realiza a retrospectiva e na galeria Tina Presser veremos uma nova coleção de trabalhos. Uma semana com momentos de grande beleza, portanto. Catherine Deneuve está chegando para participar do lançamento de sua coleção de jóias, e fica durante uma noite no Sul.
- May Petersen Jardim organiza uma tarde de chá no restaurante do Parque Assis Brasil na quinta, reunindo nomes conhecidos para colaborar com as obras assistenciais da Secretaria da Agricultura.
- O Laçador, um dos mais importantes trabalhos de escultura gaúcha, assinado por

Caringi, faz parte da coleção de esculturas reunidas para a Noite dos Metais Nobres, um acontecimento inédito da semana que chega. A direção da Carro do Povo soma o requinte dos trabalhos de nossos mestres da escultura com a apresentação do Santana a um grupo de convidados especiais.

- Os casais José Mário Junqueira Neto e José Henrique Meirelles Castejon estão chegando amanhã para encontro com Cabeto e Mireja Bastos, que vieram de Uruguaiana com os filhos. José Mário Junqueira Neto é presidente da Federação Paulista de Pólo, representa o Brasil na Federação Internacional de Pólo, e vem para acompanhar a movimentação da Expointer, especialmente no que se refere a cavalos.
- Um elaborado catálogo a respeito da atividade e obra de Ismael Neri, incluindo poesias e trechos literários a respeito do artista, indica a qualidade da mostra de seus trabalhos no Kraft Escritório de Arte. Ao mesmo tempo será inaugurada uma exposição com trabalhos de artistas gaúchos homenageando o grande nome das artes plásticas.

CIRCUITO NACIONAL**Porto Alegre abre
festival de Iberê**

Foram inauguradas em São Paulo as mostras de Maurício Nogueira Lima, "Visão construtiva", no Centro Cultural, colagens de Hudinilson Jr., na Galeria Suzanna Sassoun, e pinturas de Inácio Rodrigues, na Galeria Blue Life. Enquanto isso, o Museu de Arte Moderna prorrogou até 6 de setembro a exposição do arquiteto e desenhista carioca Carlos Leão. Na Galeria Bonfiglioli foi lançado o livro de Alice Brill "Mário Zanini e seu tempo". (Ed. Perspectiva).

● E começam em Porto Alegre, com duas exposições, as comemorações dos 70 anos de Iberê Camargo. No sábado serão inauguradas uma retrospectiva de sua obra, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, e uma exposição com trabalhos recentes (pinturas, guaches e desenhos) na Galeria Tina Presser.

“O artista não enfeita”

por Luiz C. Barbosa

Numa fluência excepcional para quem optou pela comunicação visual, Iberê Camargo adverte, “a hora é grave, o artista não está no mundo para enfeitar, mas para registrá-lo”. Com estas afirmações, em entrevista a este jornal, procurou expressar sua visão de mundo, enquanto homem e artista, dizendo que a arte é sempre comprometida, “ideológica, mas não partidária”. No ano em que completa 70 anos (em novembro), se confessa: “tenho a mesma preocupação, seriedade e dificuldade de sempre, mas com a vontade de fazer tudo o que posso, não o melhor”.

Iberê Camargo, que tem uma filha (Gerci), e dois netos (Carlos Iberê e Doralice), não aparenta os quase setenta anos, pela disposição física e vivacidade. Uma pessoa inquieta que, por vezes, pela emoção, deriva para o tom do discurso, ao mesmo tempo que acaricia o pelo de martin (um gato não siamês). Com uma rotina simples, disciplinada pelas madrugadas de trabalho em seu atelier, ele revela o gosto pelos passeios no centro, “na Rua da Praia, muito descaracterizada”, no fim da tarde, “na hora do lusco-fusco”.

Maria Coussira Camargo, a esposa e companheira incansável, professora de desenho, formada em artes plásticas, que prepara telas e tintas para o marido, é o seu “anjo”. Mas ela não concorda com a opinião de muitas pessoas, que a responsabilizam pelo sucesso de Iberê. Ela pondera que “ele tem muita garra, teria caminhado sozinho”. Porém admite que sempre lhe deu todo o apoio e um tratamento carinhoso, que faz dele, aos 70 anos um homem saudável.

Natural do hoje município de Restinga Seca e filho de um agente de estação ferroviária, Iberê gostava de desenhar desde os quatro anos. Com a mudança da família para Santa Maria, ingressou na Escola de Artes e Ofícios da Cooperativa da Viação Férrea, onde pela manhã, estudava matérias teóricas, e à tarde, dedicava-se na mesma escola, à pintura. Hoje, confessa-se estarrecido com o nível de ensino das escolas. A “sua” escola, exclusiva para filhos de ferroviários (administrada pelos irmãos maristas), além de um alto nível de ensino, oferecia cursos técnicos (mecânica, marcenaria, pintura), fornecia alimentação, e material escolar.

Para Iberê Camargo, que participou da campanha das eleições “diretas já” e pintou um painel com motivo ecológico, “o que vale é o homem”. Ele entende que o artista, “como todo homem”, deve escutar e olhar com seus próprios olhos e ouvidos. “E tem que lutar para responder ao sentimento maior, que é o do povo, pois a arte tem o sentido universal”, completa.

O artista gaúcho, que não aceita rótulos, por considerá-los “uma coisa tola”, iniciou seus estudos artísticos, em Porto Alegre, com o pintor João Fahion. Transferindo-se para o Rio de



Foto: Eneida Serrano

Iberê Camargo: no colo, martin. Na parede, o auto-retrato

Janeiro, em 1942, com uma bolsa de estudos na Escola Nacional de Belas Artes, depois de dois meses resolveu abandoná-la para fundar o “Grupo Guignard”. Ele explica que na época, “era moço, ávido de aprender” e a instituição muito acadêmica. Com o Primeiro Prêmio do Salão Nacional de Arte Moderna (viagem ao exterior), em 1947 vai para Paris, onde teve aulas com Lhote, e mais tarde, na Itália, com Petrucci e Achilli.

Considerado pela crítica, ao lado de Manabu Mabe, o mais importante artista contemporâneo sul-americano, no campo do abstracionismo informal, ele diz que o artista é a pessoa que “enxerga” numa dimensão superior. Para ele o “pintor morre com o pincel na mão”, e acrescenta, “se todos trabalhassem como os pintores, este País seria um colosso”.

Como integrante de uma comissão da Funarte que promove pesquisas para a produção de materiais para artes plásticas, acha que a memória na-

cional não pode ficar “desbotada”. Por isso salienta: “a memória deve usar o melhor veículo de permanência”. Mas revela que os preços são caros: um rolo de tela de dez metros custa Cr\$ 820 mil e uma folha de papel Cr\$ 12 mil. Sua relação com o mercado de arte é boa, pois “felizmente soube escolher as pessoas para trabalhar, que só têm me gratificado”. Mas lamenta que tenha que se preocupar com o retorno, uma vez que compra em dólar e vende em cruzeiros. Mesmo assim acha que as importações devem ser liberadas.

Em comemoração aos 70 anos de Iberê Camargo serão realizadas cinco exposições. Em Porto Alegre, uma retrospectiva no MARGS e uma mostra de seu trabalho atual na Galeria Tina Presser, inauguram no dia 1º de setembro. Em São Paulo, na Galeria Luisa Strina, dia 11 de setembro; no Rio de Janeiro, dia 13, no Studio Cláudio Gil e dia 15, na Thomas Cohn Galeria de Arte, completam as homenagens.

Aguardado há meses, preparado pelo artista durante longas incursões madrugadas dentro em seu ateliê da rua Lopo Gonçalves durante o último e tórrido verão gaúcho, o Brasil começa a conhecer sábado o maior conjunto de telas jamais expostas simultaneamente em toda a carreira de Iberê Camargo. Para comemorar os 70 anos deste que é unanimemente considerado um dos pintores mais importantes da atualidade e dos mais vitais e renovadores que o País já produziu, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul abre, ao meio-dia de 1º

de setembro, uma retrospectiva de sua obra. À noite, a galeria Tina Presser inaugura exposição de pinturas e guaches recentes onde o mestre do abstracionismo se revela jovialmente figurativo.

As homenagens continuam dia 11, em São Paulo, com exposição de pinturas na galeria Luisa Strina e se desloca para o Rio de Janeiro onde, dia 13, a galeria Cláudio Gil e dia 15 a galeria Thomas Cohn também fazem individuais da vigorosa produção pictórica de Iberê.

Começa o festival de pintura Iberê Camargo

"Pintura não se explica, pintura é", costuma sentenciar Iberê aos que lhe crivam de perguntas, perplexos e maravilhados diante desses compactos blocos de tinta ora modelados na superfície da tela diretamente do tubo, ora arranhados em caligrafia precisa sobre a pasta farta. Forma e cor se fundem, surgem novos elementos: a âncora e o anzol. Persistem os carretéis e dados, retorna a figura humana com inventividade exuberante.

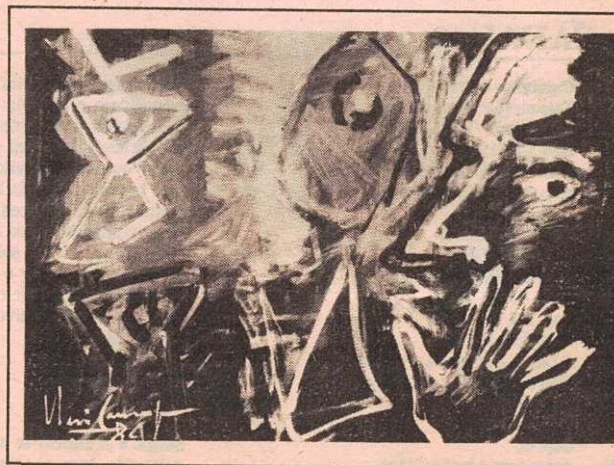
Como observa o crítico carioca Frederico Moraes no catálogo que une as cinco mostras simultâneas: "É como se as águas paradas e pesadas de sua pintura interior — lodaçais e pântanos — comessem a se movimentar, abrindo espaços para a transparência da me-

mória". Iberê confirma que, guri de Restinga Seca, gostava de fundir pequenas âncoras para seus barquinhos de brinquedo, ficava horas pescando junto ao rio e observando aquela paisagem aquática que até hoje o fascina. Os carretéis eram improvisados em soldados: de um lado os maragatos, de outro os chimangos, fuzis improvisados com palitos quebrados em ângulo e enfiados no orifício superior do carretel.

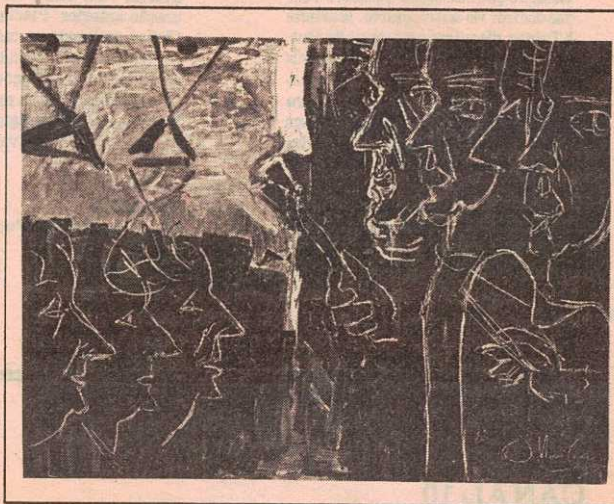
Mas Iberê é também e principalmente drama e tensão. Como observa o próprio artista: "Não pinto modelos, mas emoções. O tema pouco importa. Importante é a maneira de ver, de dizer, de fazer". Muitas vezes ele já se definiu como "uma ilha de sofrimento". Sofrimento que o acompanha especialmente

no ato da criação. Ele é incapaz de permanecer pintando, de pé, durante mais de 12 horas ininterruptas. O corpo depois reclama em câimbras, mas a luta com as tintas sempre se trava acesa até a vitória final. Que passa por incontáveis estágios, pincel acrescentando mais tinta e espátula arrancando tudo novamente.

— Sou muito exigente no que faço. Por isso, faço e refaço. Persigo o que intuo. Nesse garimpar sem pausa encontro as minhas gemas. Às vezes, sujo a cor no desespero de expressar, achando sempre que a obra ainda não está bastante forte e livre. Tenho ojeriza pelo efeminado da forma. Quero arte brutal, violenta, suja, se necessário for, mas veemente, viva: verdade.



Guache sobre papel: o onipresente carretel e um auto-retrato



"Imagens", pintura recente que confirma o retorno ao figurativo

Jornal: ZH - 2º Caderno
 Data: 27 / 08 / 84
 Página: 5 (Angélica de Moraes)
 Assunto: Iberê Camargo

Iberê visita RBS

Rubens Borges/ZH



O pintor Iberê Camargo visitou ontem o diretor-presidente da RBS, Maurício Sirotsky Sobrinho, a quem entregou um convite para a inauguração das exposições comemorativas de seus 70 anos de idade — uma mostra retrospectiva, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, e uma mostra do trabalho atual, na Galeria Tina Presser.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Quinta-feira, 30 de agosto de 1984

IBERÊ CAMARGO, 70 ANOS

TRÁGICO DANÇARINO DO ABISMO

caderno

B

ONTEM, no seu ateliê em Porto Alegre, indiferente ao frio, que vem transformando os arbustos da cidade em cristais congelados, Iberê Camargo consumia-se em 20 horas de trabalho ininterrupto. "Não consegui depois dormir", disse o artista, que fará 70 anos em 18 de novembro. No ateliê, pequeno, aumenta o calor de sua paixão: a pintura. E, no fundo do ateliê, depois de tanto trabalho algo talvez ficará inacabado: uma tela. "Estão envelhecendo-me, antes do tempo", completa, com humor, sabendo que as comemorações dos seus 70 anos irão ocorrer antes de novembro.

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul abrirá este sábado suas portas, para mostrar um conjunto de trabalhos de Iberê, ao mesmo tempo em que a galeria gaúcha Tina Presser exibirá suas pinturas recentes. Em 11 de setembro será a vez da galeria paulista Luiza Strina e 13 e 15 do mesmo mês, no Rio, a Cláudio Gil Studio de Arte e a Thomas Cohn também homenagearão Iberê, exibindo as suas mais recentes pinturas. Havia uma proposta para o MAM, conduzida por Rubens Gerchman, de mostrar obras de artistas que foram discípulos de Iberê, como, por exemplo, Carlos Vergara, Carlos Zilio e o cineasta Mário Carneiro, também artista plástico.

Iberê é, na acepção larga do termo, um mestre; em consenso da crítica séria não vacila em considerá-lo como um dos poucos maiores pintores brasileiros deste século. Dois anos atrás, o poeta e crítico Ferreira Gullar ficou paralisado diante de uma pequena mostra de Iberê na Cláudio Gil. A obra de Iberê — com sua extrema originalidade e segura maestria — o remetia para um problema típico que vive a crítica de arte brasileira. "Quando se vê uma exposição como esta de Iberê Camargo, a gente lamenta que elas sejam tão raras, que de fato se veja tão pouco de boa pintura nas galerias do Rio. E, se não fosse por outra razão, bastaria uma: a carência de mostras de alta qualidade deseduca e leva até a própria crítica a baixar o seu nível de exigência. De fato, se a linguagem da pintura pode atingir o grau de expressividade e realização estética que se verifica nos quadros de Iberê, por que exigir menos de outros pintores?"

A tela branca é para Iberê uma infinitude; a prática de pintar, uma dança trágica

Iberê — como Volpi — consegue realizar duas coisas difíceis em artes plásticas: uma modernidade que não é uma cópia de procedimentos modernos e uma originalidade extremamente pessoal. Iberê ainda tem a configuração de uma crise da modernidade, com o seu peso trágico e de catástrofe, que não atingiu a doce melhice de um sábio olho operário e das lições do "trecento", como Volpi.

A modernidade de Iberê nos toca agora. Desatando-se das amarras da crítica cotidiana, Frederico Moraes, no catálogo da mostra, por ver muita pin-

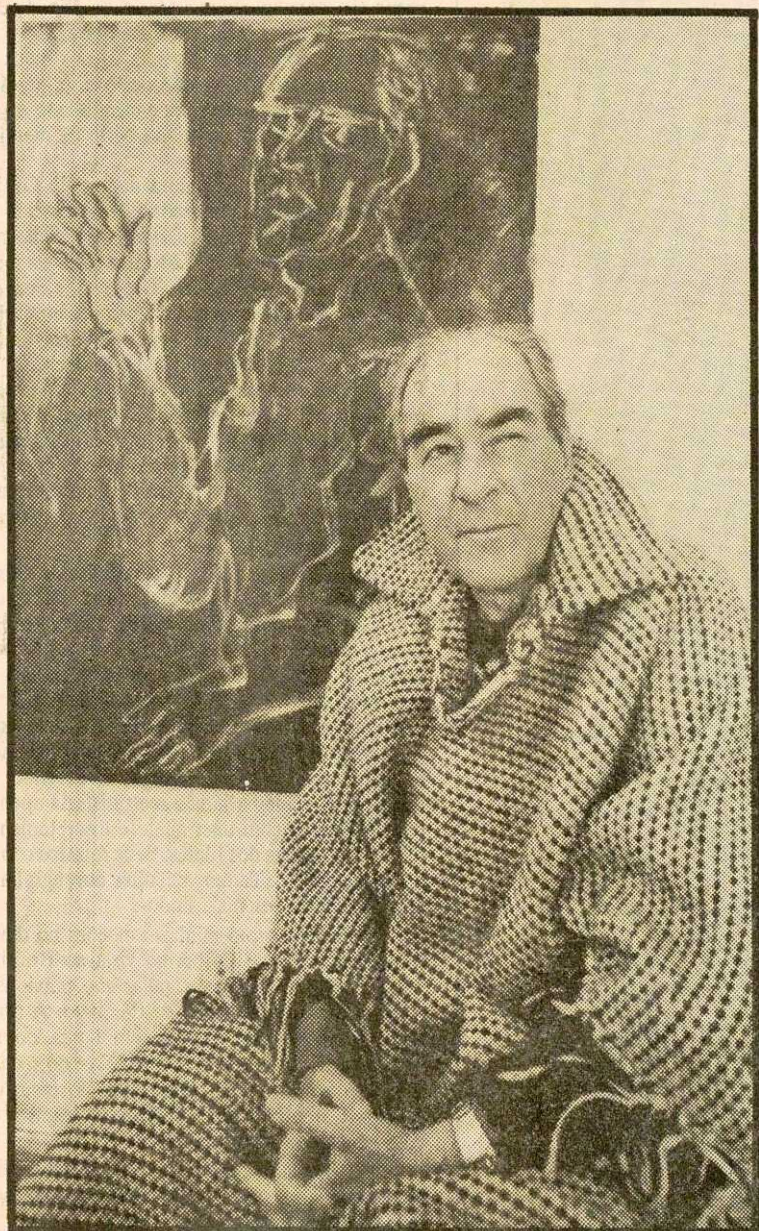
tura, sabe. "Aos 70 anos, ele realiza, hoje, a pintura mais jovem do Brasil," escreveu avisando, com sutileza, para todo mundo da geração 80. Neste mesmo catálogo, fui obrigado a escrever: "a obra de Iberê encarna, hoje, dentro da arte brasileira, o próprio sentido da pintura, a própria existência da pintura, a sua lógica e a sua substância."

Mas este artista não é feliz. "Tenho uma visão trágica da vida", diz. A sua própria prática de pintar é uma dança trágica. Todos os críticos que o viram na ação de pintar um quadro percebem o mundo de transfiguração que passa pela sua percepção, pelo seu corpo. É o único pintor de fato, entre nós, no qual a idéia da pintura de Merleau-Ponty, o filósofo da pré-objetividade do mundo, da relação entre percepção e pintura, cai como uma luva. Trabalhando, seu corpo é todo tensão e movimento, ação e suspensão da ação. O modelo transforma-se a cada segundo. Iberê apaga a imagem pintada. Retorna. Espreme o tubo de tinta na tela, que vai criando linhas, blocos de cor, surge a figura do modelo. Para quem vê está perfeita. Mas não para o pintor. O modelo é uma exigência incalculável de sua percepção. Num gesto brusco, Iberê apaga a figura perfeita. Recomeça, de novo. Ninguém sabe se aquele quadro estará terminado. A tela branca para Iberê é uma infinitude, um prolongado abismo. Vinte horas depois, o que para todos seria um quadro terminado, continua o retorno da sua dança diante da tela ou então o quadro é jogado fora. "Faço obra que o Brasil de Delfim Neto não comporta. Perdulário, por ser mau pintor. Obcecado, que procura, que procura e não sabe o que procura, e procura fundo, e gasta tudo e é capaz de jogar todo o patrimônio como um jogador louco que perde tudo numa noite. Eu sou o grande jogador", escreveu.

O gasto excessivo de tintas em sua obra, necessário porque constrói a originalidade de sua linguagem, o leva a criticar a política que impede artistas de comprarem tintas do exterior. No Museu de Arte do Rio Grande do Sul serão apresentados dois desenhos juvenis de Iberê, uma cópia da *Cabeça de Cristo*, de Tiepolo, e uma cópia de um retrato de Borges de Medeiros. "Estão perfeitas — diz. — Como o papel era estrangeiro não existe, depois de tanto tempo, nenhuma mancha."

Impaciente, ele considera que o projeto na Funarte para pesquisa de uma boa tinta nacional é bom, mas ele não tem mais tempo para esperar os resultados. "Se a roda já foi inventada, por que vou esperar a invenção da roda?", pergunta, com a lógica de quem vai fazer 70 anos. Iberê Camargo não é um homem rico e seus quadros não são excessivamente caros, mas gasta por um rolo de tela Cr\$ 820 mil, que podem ser jogados fora se a pintura não lhe parece boa. Daí a idéia de um jogador perdulário.

Como artista de tensão trágica o seu mito do pintor é o de Sísifo, que um existencialista como Albert Camus recolocou, modernamente, em circulação. "Penso em Sísifo, obrigado a rolar uma pedra sem pausa e sem repouso. A ele se assemelha o pintor que dia e noite é obrigado a pintar, sem trégua, durante a vida toda, sem esmorecer.



"Minha vida é uma busca sem fim do Absoluta"

Mas o que seria de Sísifo se não fosse mais obrigado pelos infernos a rolar sua pedra, e do pintor que não sentisse mais a compulsão de pintar, de pintar sem trégua? Seriam ambos criaturas sem destinos, dentro deles cavar-se-ia um imenso vazio"

Este gaúcho de Restinga Seca, filho de um ferroviário de classe média pobre ("No tempo do meu pai gastava-se o dinheiro para comprar os sapatos e depois esperava-se muito tempo para comprar o chapéu. Os dois eram obrigatórios"), não tinha estímulo nenhum, em casa, para supor que fosse, um dia, dedicar-se à pintura. "Na minha casa só existia a Bíblia e um livro que suspeito que fosse de alguma história de Jules Verne". Mas desenhava sempre. "Era já a paixão", afirma.

Teve uma carreira difícil no meio de arte hostil como nosso, tanto que depois de ganhar um prêmio de viagem à Europa, voltou sem estufar os peitos na glória viajada. Quando um amigo o apresentava como artista, desconfiava. "Eu fui para aprender. Não me considerava um artista." Percorreu todos os museus. "Eu olhava muito, centímetro por centímetro, como era a relação do quadro, como um marceneiro que procura ver como aquilo foi resolvido." Na volta, começou a pesquisar até chegar à

fase famosa dos carretéis, nascidos e criados num jogo de tinta, tensão psicológica, elaboração de uma imagem interior que entraria no quadro. Os carretéis foram, na infância, os seus únicos brinquedos.

Desde 81, Iberê coloca nas suas telas a figura humana num contexto extremamente dramático. Esta expressividade abre para o pintor uma nova aventura. A pintura de Iberê é hoje complexa com a introdução de novos signos — incluindo os carretéis — e a carga dramática da figura, por vezes traços concisos e o clamor sombrio de um grande desespero. Com Iberê, a pintura, depois de tanto tempo de calma impessoal, reencontra na autobiografia das imagens que ele constrói um ato de liberação auspicioso. Ele recoloca a biografia, o drama, a carga pessoal de uma vida voltada a ser destino. Durante muito tempo, a pintura brasileira não teve, criado por um único artista, todo o fermento agitador de um movimento. "Eu tenho sede do Absoluta. Minha vida foi sempre uma repetição da busca para alcançar o Absoluta." A Geração 80 pode sentir-se orgulhosa.

Descobriu-se, afinal, quem era o seu melhor pintor.

Um sábado das artes plásticas

- Atração do Salão Mourisco (Biblioteca Pública do Estado) neste sábado, 18h30min, é o pianista e compositor Geraldo Flach. No programa, exclusivamente músicas de Geraldo. Promoção Subsecretaria de Cultura, com entrada franca.
- Galeria de Arte Masson (Andradas, 1459) abre sábado novo horário para vernissages. Será às 11h, com mostra de Romanelli, artista carioca figurativo.
- Grande acontecimento das artes plásticas, no fim de semana, será a abertura das exposições dedicadas aos 70 anos de Iberê Camargo. No Margs (Praça da Alfândega), será ao meio-dia de sábado, com mostra de mais de 50 trabalhos; na Galeria Tina Presser (Paulino Teixeira, 35), será às 21h do mesmo dia, com pintura e guache atuais. No Margs, a exposição poderá ser visitada também domingo, das 10h às 17h. O Margs também produziu um audiovisual sobre o artista, que será apresentado diariamente às 16h30min.
- Artes plásticas contam com mais uma forte atração, neste sábado. Das 17h às 22h, o Kraft Escritório de Arte, com apoio do Grupo Gerdau, abrirá uma exposição de obras de Ismael Nery, um dos mais importantes artistas brasileiros. O catálogo com a reprodução de todas as obras expostas será vendido, com renda para o trabalho assistencial do gabinete da primeira dama do Estado.
- O Teatro Vivo, que está apresentando o excelente "O Casamento do Pequeno Burguês", estréia sábado a peça infantil **Pluft**, o **Fantasmilha**, de Maria Clara Machado. Será no Teatro Renascença (Érico Veríssimo esquina Ipiranga), às 16h. No elenco, Denize Barella, Flávia Aguiar, Miriam Ribeiro, Antônio Carlos Brunet, Léo Ferlauto, Ivan Mattos e Oscar Simch. Direção de Irene Brietzke. Ingressos a Cr\$ 4 mil e Cr\$ 3 mil, no local. Patrocínio Banco Europeu e Subsecretaria de Cultura.
- **Casamento do Pequeno Burguês** não será apresentada domingo, excepcionalmente.
- Neste domingo, 10h, no Teatro Presidente, a peça infantil **Mil e Uma Histórias**, de Carlos Carvalho. Entrada franca, abrindo o projeto Teatro de Fim de Semana, da Subsecretaria de Cultura.
- Música nos Bairros terá, domingo, o Madrigal de Porto Alegre se apresentando na Igreja São Sebastião (Protásio Alves, 2542), às 16h, e o violonista Eduardo Castanera na Igreja Nossa Senhora das Graças (Wenceslau Escobar, 2380), às 17h. Entrada franca.
- Sábado, 20h, o SESI apresenta seu 8º Festival de Talentos, com manifestações artísticas de trabalhadores. Será no Auditório da Assembléia Legislativa.
- A Festa do Chamarão, marcada para sábado e domingo passados no Parque da Harmonia, e transferida por causa do mau tempo, não será realizada neste fim de semana. Será em outubro, e os ervateiros interessados em participar devem ligar para 25.4743 ou 25.4744 ou procurar a Empresa Portoalegrense de Turismo — Travessa do Carmo, 84.

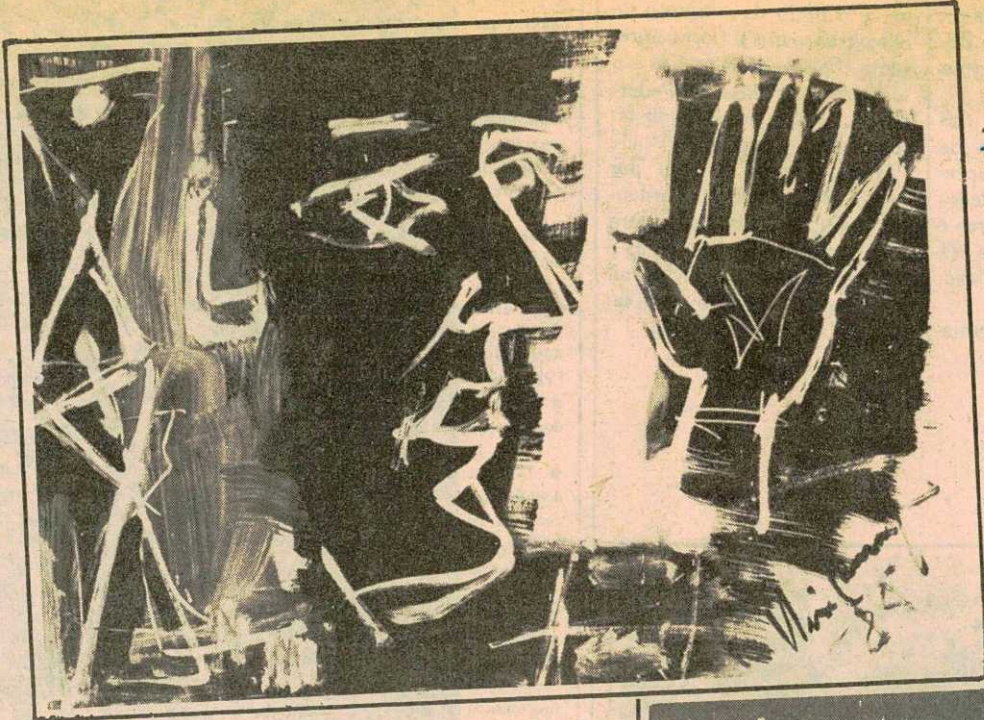
Cinco exposições de Iberê

Em novembro próximo o artista gaúcho Iberê Camargo estará comemorando seu 70º aniversário. Para homenageá-lo diversas galerias e o MARGS, órgão da SUSEC, estarão inaugurando exposições e uma retrospectiva, em setembro. A série de mostras será iniciada em Porto Alegre, amanhã, às 12 horas, com o Museu de Arte do Rio Grande do Sul inaugurando uma retrospectiva da carreira deste que é considerado como um dos mais importantes pintores contemporâneos do Brasil. No mesmo dia, às 21 horas, a Galeria Tina Presser inaugurará a exposição de pinturas e guaches recentes de Iberê, onde a figura humana está sempre presente.

A série de exposições programadas terá continuidade, dia 11 de setembro, em São Paulo, na Galeria Luísa Strina, onde o pintor gaúcho mostra-

rá telas de grandes dimensões. Em seguida ele irá para o Rio de Janeiro prestigiar a abertura de mais duas mostras: dia 13 de setembro, no Studio Cláudio Gil e dia 15 de setembro, na Galeria Thomas Cohn.

Esta é a segunda homenagem que a Galeria Tina Presser presta a Iberê Camargo no ano em que completa 70 anos. Em janeiro último, a galeria promoveu o lançamento do filme "Iberê Camargo - Pintura, Pintura", de Mário Carneiro. Agora realiza esta individual onde estarão reunindo cerca de 30 obras, todas de 1984. A mostra permanecerá aberta à visitação até o final de setembro, de segunda a sexta, das 10 às 12h e das 14 às 20 horas e aos sábados, das 10 às 12h e das 14 às 19 horas. O endereço é Rua Paulino Teixeira 35, fone: 32-37-26.



Homenagens aos 70 anos de Iberê

A galeria Tina Presser abre amanhã uma mostra relativa aos 70 anos de Iberê Camargo, ao mesmo tempo em que o MARGS abre sua mostra comemorativa, a exemplo do que farão outras três galerias de arte. (Página 2)

APOIO: SUSEC

Face
Carretos
inicia
nova peça

Página 2

Reunião de Família encerra temporada



Reunião de Família, com texto de Lya Luft e adaptação de Caio Fernando Abreu com direção de Fernando Alabarse encerra neste domingo sua temporada no Clube de Cultura. (Página 2)

A estréia do Grupo Corpo



O Grupo Corpo, de Minas Gerais, inicia suas apresentações no Teatro São Pedro, com temporada que será encerrada no próximo domingo. (Página 2)

Iberê: Quando não estou pintando me sinto perdido...

Marga
Tórrez

Setembro é o mês de Iberê Camargo. Em comemoração aos 70 anos de idade do pintor, várias entidades culturais se uniram para homenageá-lo. Sábado ao meio-dia foi inaugurada no Museu de Arte do RGS uma retrospectiva da obra do artista, expondo pinturas, desenhos, gravuras que o pintor realizou no decorrer de quase 40 anos de carreira. À noite, na Galeria Tina Presser foi aberta a mostra dos trabalhos recentes em pintura e guache de Iberê. Ainda em setembro três galerias do Rio de Janeiro e São Paulo estarão expondo a pintura do artista gaúcho.

Nascido em Restinga Seca, em 18 de novembro de 1914, Iberê Camargo acha que não merece tanto destaque por estar fazendo 70 anos: "Eu não estou sentindo esse negócio de ter 70 anos. Me sinto a mesma pessoa que era há 50. Vivendo a vida, realizando aquilo que sempre realizei". Segundo ele, quanto mais o indivíduo se aproxima do fim, mais deve apressar o passo, pois assim vive mais. Pintar dia e noite, sem trégua, resulta em um viver, em um prazer. "Quando não estou pintando me sinto muito perdido no mundo, muito só".

O pintor acha que as pessoas têm medo da vida: "As pessoas não vivem porque não mordem a vida. São tímidas, desejosas, mas nunca têm coragem de fazer o que pensam, de realizar suas fantasias. O importante não é a fantasia e sim viver essa fantasia. A pessoa fica se poupando, se guardando, não sei para quê. Há indolência, falta de coragem e de capacidade de apreensão", complementa.

Falando sobre a presença constante dos carretéis nos seus quadros, tanto antigos como recentes, Iberê diz que além de ter sido um brinquedo da sua infância, ele se considera uma pessoa carregada de reminiscências. E explica por que o carretel — e não uma bola ou um carrinho — ficou como elemento de sua pintura: "Quando era criança fazia combates com os carretéis. Nessa época o Brasil vivia uma guerra civil e eu, como toda criança que convivia nesse clima, procurava seguir os passos dos adultos".

"PERSIGO O ABSOLUTO"

Depois foram se agregando outros elementos dados, pirâmides, mãos, figuras — mas ele não sabe explicar: "É muito difícil saber por que os pensamentos ocorrem. Minha cabeça é um céu onde surgem idéias sem saber o porquê". Para ele o que predomina é sempre a expressão do quadro, então, pouco importa que seja uma figura ou uma abstração. Acredita que na sua pintura tudo deve ter uma simbologia, mas ele não se preocupa em decifrar esses signos e sim em perseguir o absoluto dentro da qualidade de uma obra.

O artista afirma saber quando um quadro está terminado, reconhecer quando uma forma está resolvida. E cita uma frase de Jorge Luis Borges: "Eu sei o que é o tempo, mas se me perguntam não sei dizer".

Ele diz que o mesmo acontece ao lhe perguntarem quando um quadro está pronto. "Como Guinard", complementa, "esse pintor intuitivo disse uma vez que um quadro está pronto quando faz "Tchin". Há certas coisas, certos momentos que acontecem assim. Faz "Tchin". Para ele isso nada mais é do que a imensa sensibilidade do ser humano e sua infinita capacidade de percepção.

Jornal: ZH - Guia

Data: 1º / 09 / 84

Página: 11 (Gasparotto)

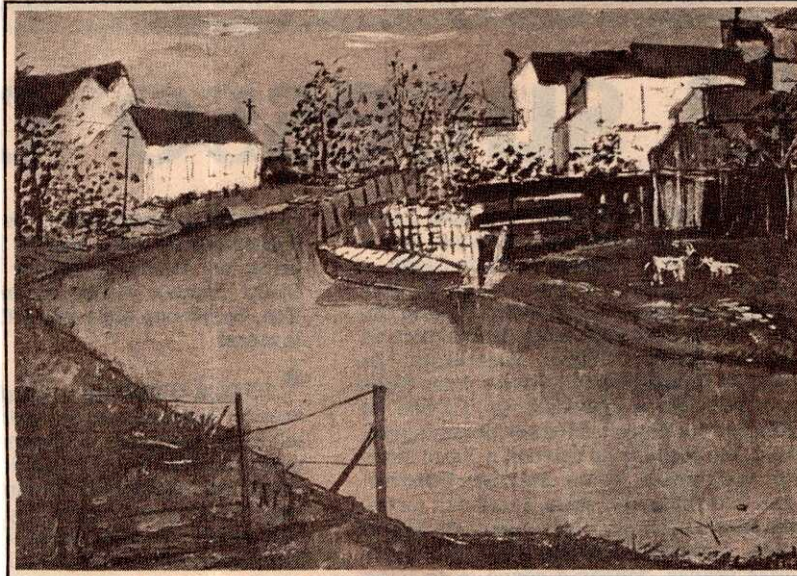
Assunto: Iberê Camargo

- Sábado nobilíssimo em matéria de arte é o que acontecerá como fecho de uma semana de múltiplos acontecimentos na esfera social. Mestre Iberê Camargo é o centro das comemorações que iniciam no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, com quickdrinques e continuam à noite com a inauguração da mostra na Galeria Tina Preser.

- Uma coleção de telas, com evidência para os temas da atividade rural, foram criadas por Romanelli para a inauguração que a Galeria da Masson está realizando no final da manhã de hoje. Será o primeiro encontro dos interessados em arte, no final da manhã.

- A mostra homenagem a Ismael Nery é outro dos acontecimentos previstos para este sábado, agora consagrado para vernissages, com uma coleção de desenhos do grande artista no Kraft escritório de Arte, que paralelamente realiza uma coletiva de artistas gaúchos.

Três exposições abrem hoje na cidade



Uma paisagem de Iberê, que inaugura mostra na Tina Presser e no Margs

Iberê Camargo

Hoje às 21 horas, a Galeria Tina Presser (Paulino Teixeira, 35) estará inaugurando uma individual de Iberê Camargo, dando continuidade à série de mostras programadas dentro das comemorações dos 70 anos deste artista gaúcho. A exposição reúne pinturas e guaches onde a figura humana está sempre presente. Iberê comemora seu 70º aniversário em novembro próximo, mas desde o início deste ano vem sendo motivo de uma série de homenagens. Em janeiro Tina Presser deu início, com a exibição, em primeira mão, do filme "Iberê Camargo: Pintura, Pintura". Em seguida, a Sala de Exposições da UFSM, em Santa Maria, e o Atelier Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre fizeram exposições em sua homenagem. O Museu de Arte do Rio Grande do Sul, órgão da Susec, organizou uma retrospectiva do artista que será inaugurada também hoje às 12 horas.

Cultura e Lazer

ARTES PLÁSTICAS

Iberê Camargo: começa o ciclo de homenagens

Um brinde a Iberê Camargo, que ocorre nesse sábado, dia 1º de setembro às 12 horas no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), abre as festividades-exposições em homenagem aos 70 anos do artista gaúcho. O fundador do Ateliê Livre da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, que segundo Ferreira Gullar "atingiu a plena maturidade", movendo-se "com precisão num universo pictórico", também estará, às 21 horas, na Galeria Tina Presser. Porém as comemorações continuam no decorrer deste mês no eixo Rio/São Paulo, pois trata-se de um dos nomes mais importantes das artes brasileira e sul-americana, na opinião da crítica.

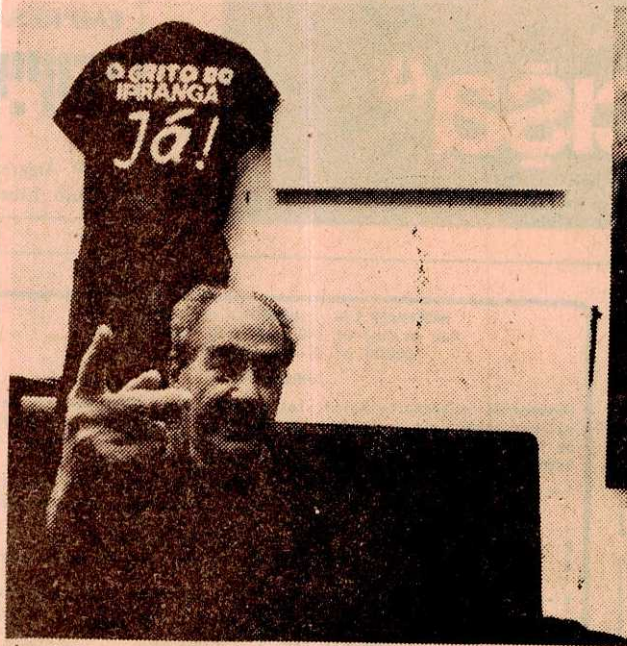
O MARGS realiza, até 30

de setembro, uma retrospectiva abrangendo as décadas de 40, 50, 60, 70 e 80 com óleos e documentos de intervenções urbanas. As obras reunidas incluem o acervo do MARGS, coleções particulares, inclusive de outros Estados, e peças cedidas por outras instituições culturais. No dia 4 de setembro às 17 horas, dentro de "Encontros no Museu", o público poderá travar contato e discutir com o artista sobre a sua obra em exposição.

Paralelamente à mostra, de quartas a sábados, às 16:30 horas, será projetado um audiovisual sobre o artista e sua produção recente, que foi criado pelo Núcleo de Documentação e Pesquisa deste órgão da Subsecretaria de Cultura da SEC.

Dentro destas comemorações, às 21 horas de hoje, a Galeria Tina Presser inaugura uma individual, que reúne pinturas e guaches recentes, onde a figura humana é uma constante. Esta exposição na Tina Presser dá continuidade ao seu programa de homenagem a Iberê, que iniciou em janeiro deste ano com exibição do filme "Iberê Camargo: Pintura, Pintura" de Mário Carneiro.

A partir de 11 de setembro a produção contemporânea do artista gaúcho estará na Galeria Luiza Strina, em São Paulo. E no Rio de Janeiro nas Galerias Cláudio Gil, no dia 13; e na Thomas Cohn, dia 15, completam o ciclo de homenagens a Iberê Camargo.



Iberê Camargo: alvo de muitas homenagens



ROTEIRO

IBERÊ CAMARGO — Pinturas e guaches de sua produção contemporânea, até o dia 30 de setembro, na Galeria Tina Presser (rua Paulino Teixeira, 35). De segunda a sexta-feira, das 10 às 12 e das 14 às 20 horas e no sábado das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Inauguração hoje às 21 horas. No Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Praça da Alfândega), retrospectiva, de terças a domingos, das 10 às 17 horas. Inauguração hoje às 12 horas.

Brindando ao talento sempre renovado

■ O Museu de Arte do Rio Grande do Sul deu a partida na série de comemorações do septuagésimo aniversário do pintor Iberê Camargo. E vale reprisar a afirmativa do crítico de arte Frederico Moraes de que "ele realiza, hoje, a pintura mais jovem do Brasil".

Signos, carretéis, setas. Uma dança infinda desfila a nossos olhos, egressa da pintura do Mestre. O carretei toma forma e transfigura-se, surgem autorretratos, é o diálogo do artista com sua obra, da obra com o espectador.

Iberê chega ao auge de sua carreira retornando ao eixo Rio-São Paulo, cidades que o acolheram sempre e onde foram conquistados prêmios importantes como o de viagem ao estrangeiro no Salão de Arte Moderna em 47.

Mas que não se enganem os que pensarem que nosso pintor agora descansará de sua árdua batalha, pois, guerreiro incansável, perseguirá sua verdade sempre em sua grande aventura existencial, que é: sempre pintar.

Daqui, o meu abraço, Iberê! Que venham mais setenta anos.

■ Acontecimentos em que arte de qualidade é a predominância formam a melhor parte da agenda. O Country Club terá coquetel, das 19h30min às 22h, abrindo a exposição de telas, pratarias e tapetes persas que

fazem parte da coleção a ser vendida no leilão que acontecerá nas noites de terça e quarta-feira. O catálogo conta com peças como a escultura Uirapuru, de Tenius, uma natureza morta assinada por Manoel Santiago, um dos artistas de cotação alta com os colecionadores, e a tela com tema de bolada, do artista carioca Messias Neiva. Roberto Dockhorn e os companheiros de direção da construtora que leva seu nome mais uma vez associam a um empreendimento de arte uma data importante para a empresa. Estão comemorando cinco anos de atividade com esta promoção.

■ A escolha de setembro para ocasião do sim dá continuidade ao ritmo da temporada social que está intensa. Andrea Gomes Nunes, que deverá ser uma das bonitas noivas deste ano, e Eduardo Schapke terão bênção nupcial na quinta-feira, e uma recepção no Plaza São Rafael servirá para comemorar.

■ A data do centenário do jurista espanhol padre Francisco de Vitória será assinalada pela conferência proferida pelo conselheiro Amador Martínez Morcillo, da Embaixada da Espanha. O diplomata e a sra. Morcillo estão chegando como convidados do Consulado da Espanha, que também patrocina a ocasião. Será nesta quinta-feira, no salão do Instituto de

Cultura Hispânica, onde também acontecerá o coquetel, após a conferência.

■ Esta semana Brasília terá acontecimento reunindo diplomacia, sociedade e mundo político com a ocasião do sim de Liss Mary Fraga Araújo e o diplomata José Mauro da Fonseca Costa Couto, no Santuário de Dom Bosco. Os noivos recebem com os pais, Marylin e Henrique Fonseca de Araújo, embaixador e sra. Mauro Sérgio da Fonseca Costa Couto — atuais representantes do Brasil em Angola, para os cumprimentos na exclusiva Academia de Tênis de Brasília.

■ Os deputados Carlos Renan Kurtz, Roberto Cardona e Francisco Machado Carrion Junior são os nomes que terão evidência na realização da 23ª Edição do Prêmio Springer por um Rio Grande Maior que acontecerá na tarde de terça-feira, reunindo os convidados no plenário da Assembléia Legislativa.

■ Ismael Nery é um dos gigantes da arte no Brasil. Seu primeiro descobridor foi o marchand paulista Giuseppe Baccaro. Sua obra circulou com grande aceitação nos leilões realizados na década de 60, e hoje ressurge em nosso Estado no Kraft Escritório de Arte. Trata-se de uma escolha bem feita que merece ser prestigiada.

Jornal: ZH, 2º caderno
Data: 03 / 09 / 84
Página: 5 (Artes visuais
Angélica de Moraes)
Assunto: Iberê Camargo

Pintor abstrato sim, mas bem ligado no real

Um segmento importante da retrospectiva de Iberê Camargo atualmente em exposição no Museu de Arte do Rio Grande do Sul (simultânea com individual na galeria Tina Presser) é a documentação das intervenções urbanas realizadas pelo artista desde a década de 40 e que culmina neste 1984, quando se integrou à campanha Pró-Diretas. O mestre do abstracionismo sempre buscou opinar e influir na realidade concreta, não se limitando à tarefa já por si importante de criar um novo vocabulário estético.

O pintor realizou, em julho passado, dois grandes painéis sobre o tema das Diretas, para a mostra sobre intervenções urbanas, patrocinada pela Funarte, no Rio. Neles, Iberê se refere à bomba do Riocentro e culmina sua participação co-

lando na superfície da tela o macacão de trabalho, que tem a inscrição nas costas: "grito do Ipiranga: Diretas Já".

No catálogo que documenta as mostras há, no entanto, uma imprecisão sobre o assunto. O crítico Frederico Moraes cita um texto do artista como se fosse manifestação pelas Diretas. Perdão, professor, mas não é. Iberê referia-se aos movimentos pacifistas, que lutam contra a instalação de mísseis nucleares na Europa. O texto foi redigido em dezembro de 1983, quando o pintor realizava, a convite de Zero Hora, um out-door para as ruas de Porto Alegre. O Partido Verde, movimento ecológico da Alemanha Ocidental, enviou correspondência ao artista felicitando-o pela obra.

Jornal: ZH, 2º caderno
Data: 03 / 09 / 84
Página: 9 (Gasparotto)
Assunto: Iberê

Merecido reconhecimento ao artista

● Iberê Camargo e sua Maria foram o centro de um dia repleto de comemorações, no sábado, iniciando o festival dos setentões do pintor. A mostra no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, com o brinde de champanhe ao meio-dia, foi o primeiro encontro para as manifestações, que alcançaram o encontro dos ponteiros, à meia-noite, na Galeria Tina Presser.

● A retrospectiva do museu, com trabalhos que estimulam diversas visitas à exposição, permite uma visão da carreira de intensa atividade de Iberê. Registro especial merece o biombo de propriedade de Leda Braga Couto.

● A mostra na galeria Tina Presser, com os mais recentes trabalhos e alguns retratos assinados por Iberê, mostra o atual estágio de sua pintura e as emoções marcantes nestes 70 anos de vivências. Entre os retratos incluídos na mostra, fiquei impressionado pelo da artista Katia Prates.

Entre muita gente presente nas duas ocasiões e os cumprimentos ouvidos, particularmente gratificantes as palavras que diziam ser possível aquilatar o nosso atual estágio de cultura com as duas exposições e a manifestação de tantos interessados pelos acontecimentos.



Maria Camargo e Tina Presser durante a exposição e homenagem aos 70 anos de Iberê

Gasparotto

Entre o que foi anotado este fim de semana

● Evelyn e Daniel Ioschpe foram anfitriões de um almoço na tarde de sábado após a inauguração da mostra retrospectiva de Iberê Camargo. Reunindo nomes da cultura e artes o almoço estendeu-se por muito tempo sofrendo interrupção com falso alarme de fumaça no acervo do museu. Felizmente apenas um susto sem fundamento.

● Entre as pessoas que acompanhavam Catherine Deneuve no coquetel do Country Club tive oportunidade de conversar com Vera Piegas. Comentando a entrevista coletiva, Verinha, que conheci quando fui hóspede de seus pais, casal Tarso Piegas, em Paris, disse estar frustrada por não ter conseguido contentar a muitos do presentes. Ela foi alfabetizada em Paris e atualmente reside no Rio e vai acompanhar Catherine até o final da turnê. Considera Catherine uma européia extremamente simpática e comentou seu interesse pela culinária característica de cada região que visitou.

● Leda Braga Couto, cujo biombo está fazendo parte da retrospectiva de Iberê, esteve no museu para cumprimentar o artista de quem é amiga há longa data. Leda prepara-se para percorrer roteiro pelo Oriente, em breve.

Segunda-feira, 03.09.84/ZH SEGUNDO CADERNO

MARGS

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Subsecretaria de Cultura
Secretaria da Educação e Cultura

Pça. da Alfândega, s/n.º - fone: 21-8456 - 90000 - Porto Alegre

35), até o dia 30 de setembro. De segunda a sexta-feira, das 10 às 12 e das 14 às 20 horas. E no sábado, das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. No Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Praça da Alfândega), de terça a domingo, das 10 às 17 horas, até o dia 30 deste mês, retrospectiva de sua obra da década de 40 até os anos 80. As duas mostras comemoram os 70 anos do artista gaúcho.

ISMAEL NERY — Exposição de desenhos a lápis, nanquin, caneta, carvão e aquarelas, até o dia 18 deste mês na Kraft Escritório de Arte (rua Filadélfia, 136). De segunda a sexta, das 10 às 12 e das 14 às 19 horas, no sábado, das 10 às 12 e das 15 às 19 horas.

SINGULAR — Mostra do acervo que inclui pinturas, gravuras e esculturas de Malagoli, Scliar, Alice Soares, Elizabeth Turkinez, Anita Kaufmann, e Irineu Garcia, Entre outros. Na travessa Frederico Link, 45, de segunda a sexta, das 9 às 19 horas, e no sábado, das 9 às 13 horas.

CAMBONA — Mostra do acervo com pinturas, gravuras, esculturas e aquarelas de Marcelo Grassmann, Antônio Maia, Alice Brüggemann, Pietriña Checacci e Carlos Tenius, entre outros. Na rua Dona Laura, 204, de segunda a sexta, das 9 às 19 horas, e no sábado, das 9 às 13 horas.

ROTEIRO

IBERÊ CAMARGO — Exposição de sua obra contemporânea de pinturas e gauches na Galeria Tina Presser (Paulino Teixeira,

Journal: ZH. 2º Caderno

Data: 05 / 09 / 84

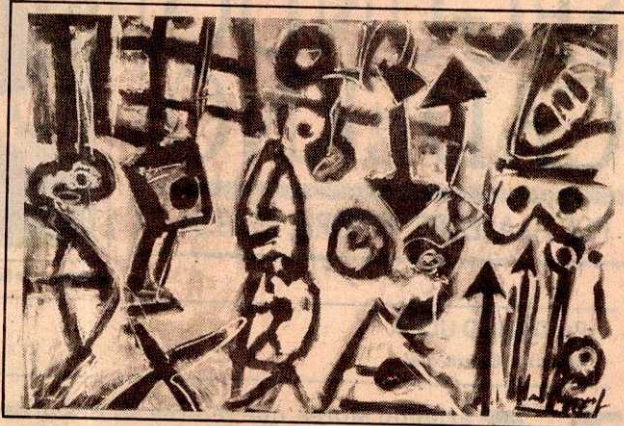
Página: 9 (Gasparotto)

Evento: Iberê Camargo



A mostra retrospectiva de Iberê Camargo conta com um excepcional biombo que o artista pintou especialmente para Leda Braga Couto. Trabalho que desperta o entusiasmo dos colecionadores de arte.

Iberê em duas mostras



Duas exposições de Iberê Camargo, comemorativas aos 70 anos do pintor, podem ser vistas atualmente em Porto Alegre. No Margs (Praça da Alfândega) mostra retrospectiva, com visitação de terça a domingo, das 10h às 17h; na Galeria Tina Presser (Paulino Teixeira, 35), pintura e guache atuais. Visitação de segunda a sexta-feira, das 10h às 12h e das 14h às 20h; sábados, das 10h às 12h e das 14h às 19h.

Das Duas Uma

Será nesta sexta-feira a estréia do novo espetáculo do grupo Ven Dê-Se Sonhos. **Das Duas Uma**, criação, roteiro e direção do grupo e texto final do cineasta Giba Assis Brasil, é a história da produção de um filme que fala da vida de Edi e Maia, um músico e uma poeta, que se amam e se matam.

Das Duas Uma, realização da Luz Produções, estará no Teatro do Ipe (Borges de Medeiros, 1945), mostrando "uma história que brinca com a surpresa do público num jogo em que não falta o humor".

Jornal: JC - Panorama
Data: 06 / 09 / 84
Página: 7 (Lea Therezia)
Assunto: Iberê Camargo

7 - 6/9/84 - PANORAMA JC

LEA THEREZIA

Destaques

A vitalidade de Iberê Camargo

Foi um sábado de muito movimento no MARGS, quando da inauguração da mostra retrospectiva da obra de Iberê Camargo, comemorativa aos seus 70 anos. Uma mostra de fôlego e cuja importância pode ser comprovada pela vitalidade sempre presente em sua obra. Dela constam obras que integram o acervo do Museu, além de peças cedidas por colecionadores gaúchos e pelo próprio artista, entre eles, um painel im-



Evelyn Berg
Ioschpe, Daniel
Ioschpe e Ecléa
Fernandez



Léa Therezia e
Iberê Camargo



Aninha e Paulo Franco de Medeiros

portante, de propriedade de Suzana Chaves Barcellos.

À noite deste mesmo

dia, iniciou uma exposição de trabalhos atuais do artista, em exposição

na Galeria Tina Presser. Em outras capitais brasileiras como o Rio de Janeiro e São Paulo, também estarão ocorrendo concomitantemente, exposições com a produção atual de Iberê.

Realmente uma promoção das mais importantes no panorama de artes gaúcha. De parabéns, Evelyn Berg, que contente, e com motivos de sobra, recebia entre

outros, Paulo Amorin, o subsecretário de Cultura, que vem realizando um trabalho dos mais fecundos à frente de sua Pasta.

Também no MARGS, Daniel Ioschpe, Antonietta Barone, Ana Luíza e Paulo Franco de Medeiros, Colorinda Sordi, Fábio Coutinho, Théo Germano e muitíssima gente mais.

Fotos de Ilka Portes.

foto 23

Jornal: Z. H. 2.º caderno

Data: 06 / 09 / 84

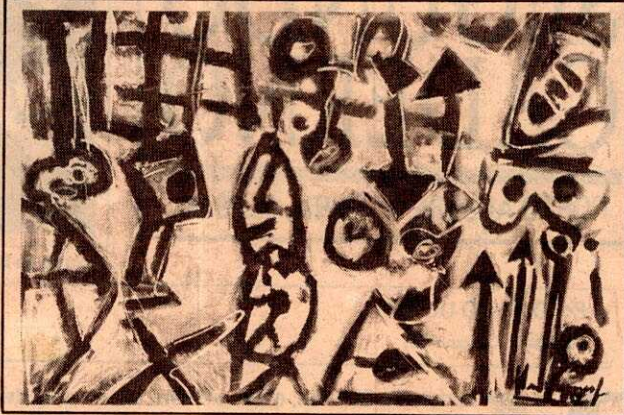
Página: 9 (Gasparotto)

Assunto: Iberê

Chegou ontem ao Sul o ministro conselheiro da Embaixada da Espanha em Brasília, Amador Martínez Morcillo e esposa, Carmen de la Pena, também diplomata e exercendo cargo de adido cultural. Na noite de hoje o ministro fará uma conferência no Instituto de Cultura Hispânica da PUC sobre a vida do jurista espanhol, padre Francisco de Vitória. O casal de diplomatas será recepcionado pelo cônsul da Espanha e a sra. Fernando Martínez Westerhausen.

Pretendem visitar a exposição retrospectiva e a nova coleção de Iberê Camargo, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul e na Galeria Tina Presser respectivamente, antes de dar um pulo na Serra onde passam o feriadão.

Iberê em duas mostras



Dois exposições de Iberê Camargo, comemorativas aos 70 anos do pintor, podem ser vistas atualmente em Porto Alegre. No Margs (Praça da Alfândega) mostra retrospectiva, com visitação de terça a domingo, das 10h às 17h; na Galeria Tina Presser (Paulino Teixeira, 35), pintura e guache atuais. Visitação de segunda a sexta-feira, das 10h às 12h e das 14h às 20h; sábados, das 10h às 12h e das 14h às 19h.

A
artes

"Eu não passo a vida a limpo. A minha vida é essa, com todos os erros, todas as imperfeições, todas as sombras. Não tenho nenhum pudor com isso. Sou apenas homem"

IBERÊ

Um rio de tintas

Por ANGÉLICA MORAES

Existe um caudaloso rio de pintura chamado Iberê Camargo. É rio de tinta: denso, encrespado, farto. Suas nascentes estão na década de 40, seu estuário ainda não foi descoberto. Sabe-se que ocupa vasto território da arte e, indisciplinado, invade margens e deixa húmus para toda uma nova geração de pintores.

A água é uma presença muito forte na memória e no pincel de Iberê. "Tenho saudade dos rios da minha infância. Tenho saudade das sangas, do mistério das águas paradas, das sombras dos galhos, do meu rosto refletido e facetado nessa superfície líquida. Lembro o verão, o banho com as meninas ariscas, fujonas. O desejo. Tenho cá comigo um projeto de roteiro de viagem pelos meus rios de guri. Quero rever as sangas onde me banhava nas manhãs de inverno, roxo de frio, para cumprir um ritual espartano que me enrijece a vontade. Quero ir no Cacequi, onde quase morro afogado. Quero ir no Turupi, quero pescar no Sarandi. A gente deve viver como o rio: se renovando sempre. E sempre sendo a gente mesmo".

Iberê sempre foi Iberê. Ver-lhe uma retrospectiva — como esta atualmente em exposição no Museu de Arte do Rio Grande do Sul — é constatar que, mesmo cumprindo a longa trajetória de 40 anos de pintura e de evolução de linguagem, mesmo tendo começado como paisagista sensível e avançado para o abstracionismo mais vigoroso do Brasil, Iberê é Iberê. A pincelada superposta, a diluição da figura, a composição abstratizante já existia nos riachos interioranos (sempre a água...) que pintava então. Se olharmos estas telas bem de perto, indentificamos a mesma epiderme, embora ainda sem os relevos de tinta acrescentados em 60, com a maturidade.

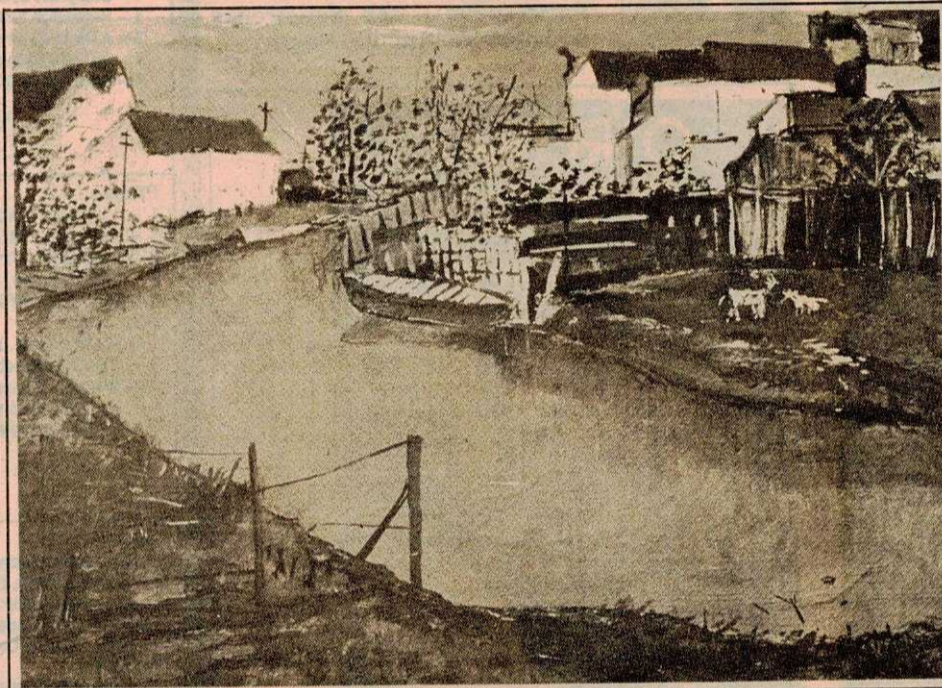
Emergem os carretéis

Em 1942, o filho do ferroviário de Restinga Seca — 28 anos de impaciência e ebulição criativa que não se bastavam com a Escola de Artes da Cooperativa da Viação Férrea de Santa Maria nem com as aulas de Arquitetura no Instituto de Belas Artes de Porto Alegre — segue para o Rio de Janeiro. Se esperava orientação mais segura, enganou-se. Logo briga com a acadêmica Escola de Belas Artes e decide crescer por ele mesmo. Cria uma dissidência: o Grupo Guignard. Cavalete às costas, perambula pelas paisagens urbanas, fixando o bairro de Santa Teresa, os anônimos ângulos de rua, as casas. É com uma dessas telas que ganha o prêmio de viagem ao estrangeiro do Salão de Arte Moderna de 1947.

Na Europa, estuda com De Chirico e André Lothe. Bebe cada centímetro quadrado de pintura que vê nos museus, para aprender a fina carpintaria do ofício. A década de 50 encontra-o de volta ao Rio, a pincelada ganhando maior destreza e começando a emergir da memória os signos pessoais de sua arte: os carretéis.

Saudade dos caudilhos

"Como pintor, sempre escolhi modelos abertos, isto é, que oferecessem possibilida-



A água é presença forte na obra de Iberê Camargo

de às minhas fantasias. Nascido no interior, num pequeno lugarejo, absorvi todo o silêncio e toda a tristeza da campanha. Este silêncio carregado de sortilégios, halo de tristeza que envolve as coisas, tem sido o tema permanente dos meus quadros. Os carretéis, objetos de infância, tornaram-se os símbolos constantes de tensões e dramas que pressinto no mundo em que vivo. Não pinto modelos, mas emoções".

Carretéis também são símbolo de valentia, de luta. Com eles, o guri de Restinga Seca encenava batalhas gaúchas, luta de chimangos e maragatos. "Tenho saudade dos caudilhos Honório Lemes, Zeca Neto. Eles eram os meus heróis, estavam presentes nas minhas fantasias e nos caramelos que eu comia e que vinham enrolados no retrato deles. Eu colecionava essas figuras. Os mitos da minha infância tinham altivez, grandeza, rebeldia. Tenho pena dessa infância de hoje, onde a figurinha colecionada é o Pató Donald. Somos um país culturalmente ocupado. Empobrecemos. Fomos domesticados".

"Meu medo é que a gente tenha herdado no sangue a passividade desses índios que se deixaram trucidar pelos espanhóis, se deixaram espolar pela febre de ouro do europeu. Hoje quem nos trucidou e espolia é o FMI, são os agiotas internacionais querendo juros e mais juros. E o brasileiro fica dizendo amém, sim senhor. Ainda que eu seja um só, estou contra. Eu digo não".

Tecido de tinta

Na década de 60, Iberê se entrega completamente ao abstrato. Aparecem os vermelhos puros, a tinta lançada diretamente do tubo, o espatulado descobrindo velos de cor na espessura da pasta. Instala-se o tecido pictórico definidor do artista, cheio de volumes e sutilezas.

Mas abstrato não é ausência de expressão do real. Está lá no Margs para quem quiser conferir: 1964 é assinalado por um quadro

onde, subitamente, o artista suprime essa alegria toda de relevos e tons. Um opressivo marrom ocupa todos os espaços da tela, convulsionado em movimentos que se fecham sobre si mesmos. "O artista é um sujeito muito humano, que tem responsabilidade com a hora em que vive. Ele deve opinar, falar, reclamar".

A década de 70 consolida a maturidade da palheta, o que não significa que a partir daí ele tenha-se limitado a reproduzir soluções plásticas. Ele é um rio, lembra? Mutável e eterno. Surgem novos signos: os dados. Símbolo do acaso, da sorte, do destino? Também, e muito mais. Rio se explica? Rio apenas flui, generoso.

Agora o volume d'água já rompe diques, inunda a planície. Até identificamos na Geração 80 (mais recente moda carioca de pintura) os herdeiros de Iberê. Pode ser. Mas pintar — demonstra o mestre com sua própria trajetória — é sedimentar emoções, é destilar pacientemente sua própria e inconfundível essência no filtro do tempo e das vicissitudes. Haverá oitenticidade?

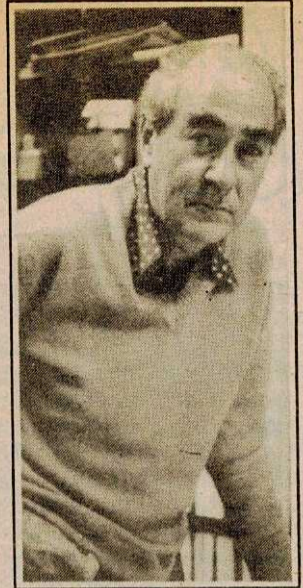
Angústia humana

A pintura atual de Iberê — em exposição na galeria Tina Presser e simultaneamente na galeria paulista Luisa Strina e nas cariocas Cláudio Gil e Thomas Cohn, com tributo aos 70 anos do mestre — tem a onipresença das cores escuras, do preto, do azul-marinho. O braço experimentado do gravador em metal age na superfície da tinta como se ela fosse a chapa de uma água-forte: rasga fundo. E, em lugar da cor metálica do risco na matriz da gravura, ele deixa à mostra a urdidura da tela.

Os traços ágeis e precisos traçam figuras. O mestre do abstracionismo virou figurativo? Não. O rio é sempre um rio. Ou, como ele comenta: "Eu não me pareço a não ser comigo mesmo". As figuras são esquematizadas, sintéticas, essenciais. Não perse-



Iberê aos sete anos



O artista em seu atelier

guem a semelhança com o modelo, mas a relação coerente entre suas próprias linhas.

É uma pintura afinada, como sempre, com a expressão de sua época. Isso bem observa o amigo e crítico de arte carioca Helmer Barbosa, em correspondência pessoal ao pintor: "Nesta época tão agressiva quanto cínica, você dá forma à angústia do homem médio, que vê com perplexidade o mundo atual. O que interessa na sua pintura é o homem com toda sua inquietude e seu drama solitário".

Hoje, como sempre, Iberê está pintando a angústia da Humanidade, e o medo do cataclismo nuclear. Medo que agora se adensa no Brasil, somado à crise nacional que submete pela prepotência e aniquila pela inflação.

"Estou exigindo uma coisa que talvez não exista em abundância: valentia. É questão de sobrevivência, porque estamos em um funil. As coisas só vão piorar. Onde está a nossa cultura, o nosso espírito? Meu drama, por exemplo, é não saber se vou continuar tendo tinta para pintar. O Governo impede a importação delas. Terei que me transformar em contrabandista ou assumir que sou do Terceiro Mundo e pintar com merda em folha de bananeira".

Velho gaiteiro

"Um povo sem cultura não é povo, não é nação. Os bens da civilização — entre eles a tinta a óleo — devem ser um direito de todos. Não vejo sentido em se pretender economizar divisas impedindo essa importação. Seria melhor se o Brasil exportasse a preços justos seus produtos, para depois poder comprar o que precisa. Tem nexos entregar a preço de banana o nosso minério para depois exigir que a gente ande de tamanhos?"

O maragato Iberê se inflama de justa ira contra o que denomina "achinelamento nacional". E, de novo, o "velho gaiteiro", como se definiu em 1962, quando reclamava do "marasmo cultural" do Rio Grande. "Eu quero balle, quero agitação. Aí falo, sacudo, acordo o gaúcho. Quando penso que ele se levantou, vejo que apenas se virou para o outro lado e continua dormindo. Eu fico desesperado".

Agora o gaiteiro decidiu ficar pelo seu Rio Grande mesmo. "Sou filho de Restinga Seca, sou de Jaguarí, sou da Boca do Monte, sou de Santa Maria, sou de Porto Alegre, sou de todo o Rio Grande, porque em cada um destes pedaços de terra vivi um pedaço da minha vida. Voltei para beber de novo essa paisagem, para admirar essa linha ondulada das coxilhas que parecem corpo de mulher. Ver aquelas árvores com longas barbas-de-pau, ver as nuvens daqui. Isso tudo me emociona. Voltei à minha terra por amor".

Olhando para trás, ele nada busca esconder. "Me contaminei, pequei sim, mas pequei porque sempre vivi com paixão. Eu não passo a vida a limpo. A minha vida é essa, com todos os erros, todas as imperfeições, todas as sombras. Não tenho nenhum pudor com isso. Podem entrar, podem olhar, podem espionar. Porque o que eu tenho tu tens também. É a condição humana. Eu sou apenas um homem".

Recorde de exposições, com homenagem

Um recorde: 23 exposições serão inauguradas esta semana, duas em Niterói. Porém, são poucos os destaques, entre eles duas homenagens: 70 anos de Iberê Camargo (quinta-feira no Stúdio Cláudio Gil, sábado na Galeria Thomas Cohn); e 60 anos de Manabu Mabe, (quarta-feira, na Galeria Realidade). Roberto Magalhães fez uma cuidadosa seleção de seus melhores trabalhos desta década para a mostra que inaugura amanhã, na Galeria Saramenha. Scliar expõe pinturas no Rio (Galeria Anna Maria Niemeyer) e serigrafias em Niterói (Aliança Francesa) e José Paixão faz incursões na aquarela em sua nova mostra, no Centro Cultural Cândido Mendes. Vamos ao roteiro.

AMANHÃ, 10

Delírio e virtuosismo de Roberto Magalhães

Roberto Magalhães exerceu uma notável influência sobre as novas gerações de artistas. Dentro de seu grupo — Gerchman, Antônio Dias, Vergara — sempre se manteve discreto no seu canto, à margem, navegando na contracorrente das questões sociais e políticas que empolgavam os artistas dos anos 60. Com sua imaginação delirante e seu virtuosismo técnico, introduziu na arte brasileira uma temática nova e uma leveza formal, além de um humor que fizeram escola. Se, antes, Magalhães acrescentou olhos, bocas, nariz, enfim, deu um corpo à natureza, agora faz o mesmo com edifícios, automóveis, máquinas. O aspecto inovador de sua figuração dos anos 80 é justamente a urbanização de sua temática, a introdução de um elemento realista. E como se Magalhães descobrisse que o insólito não reside no fantástico, mas na realidade de todo o dia, ou que a fantasia não implica mergulhos psicanalíticos no inconsciente, mas na observação atenta do meio formal da cidade. Galeria Saramenha.

● Em seus quase 20 anos de carreira, Márcia Barrozo Amaral tem-se mantido fiel à geometria, ou melhor, à corrente construtiva que tem, no Brasil, muitos cultores. Dentro desse campo, Márcia tem feito extrapolações para o múltiplo e o relevo, ameaçando, sempre, chegar à escultura, que já existe, virtualmente, em seu trabalho. Em seus novos trabalhos, Márcia emprega a tinta acrílica sobre eucatex, material e suporte que ela considera os mais convenientes à severidade e disciplina cromática que se propõe alcançar.

● Elogiei na última exposição de gravuras de José Paixão (Galeria Banerj), o domínio técnico do material e seus temas, nos quais mesclava o popular da paisagem carioca com elementos simbólicos e arquetípicos. Entre esses dois polos temáticos passam também elementos raciais — José Paixão é baiano, neto de africanos e foi educado em terreiros de candomblé. Apresentando sua exposição de aquarelas no Centro Cultural Cândido Mendes, Alcídio Mafra, diz que Paixão "sabe exprimir, com muita agudeza e à sua maneira, toda uma identidade racial e, transmitindo-a, revela em sua pujança o significado histórico, a presença da África no Novo Mundo. Expressão essa que, transcendendo



Esta "Cena de subúrbio", de José Paixão, estará exposta no Centro Cândido Mendes

fronteiras de tempo e espaço, transforma em universal a particular temática que aborda".

● A Petite Galerie expõe trabalhos de Furi Simeți, artista siciliano que vive em Milão, Itália, onde, em 1965, integrou o grupo "Zero Avantgarde", que teve o patrocínio de Lúcio Fontana. Depois de residir durante longos períodos em Nova York, Simeți tem vindo ao Brasil com frequência, sendo esta sua primeira mostra em nosso País. Em sua obra, diz o crítico Vittorio Fagone, "se equilibram uma superfície reconhecível e fechada num limite plano, e um lugar de excitação, uma saliência desta superfície. Este lugar de excitação, o oval, participa da superfície e, ao mesmo tempo, lhe interrompe a continuidade..." O oval é uma imagem impalpável, pois se encontra no bordo de um limite, capaz de transformações topológicas ainda mais sutis quando se move do positivo ao negativo".

● Ainda amanhã, desenhos de Brigida Gioseffi Baltar, na Galeria Divulgação e Pesquisa, aquarelas de Tina Serra no Rio Design Center (Restaurante Nobili) e pinturas de Marianna Brandão, na Câmara Municipal do Rio, e acervo da Galeria MP2 com obras de Abelardo Zaluar, Angelo de Aquino, Bário, Nelson Augusto, Raimundo Collares, Ruth Gusmão e outros. Brigida Baltar não completou seu curso de arquitetura, participou de vários projetos de educação pela arte, fez cenografias para teatro e mais recentemente participou do projeto "Passa na Praça", que expôs pinturas em faixas, em

Jacarepaguá. O que mais influenciou seu desenho, entretanto, foi seu contato com o teatro. Em seu desenho, ela diz: "Há um clima de dramaticidade cênica, uma expressão que ressalta as qualidades do indivíduo e as suas relações em figuras que se tocam, se abraçam, se sufocam".

● De amanhã a sexta-feira, realiza-se na UNI-Rio (Urca) o II Congresso Brasileiro de História da Arte, que vai estudar o neoclássico e o ecletismo.

● Serão apurados amanhã, na Sala Aloísio Magalhães, da Funarte, a partir das 14 horas, os votos para os três integrantes do júri do VII Salão Nacional de Artes Plásticas dados pelos artistas inscritos. Os outros três, serão indicados pela Comissão Nacional de Artes Plásticas, ainda esta semana.

TERÇA, 11

No bule azul, a marca definitiva de Scliar

O percurso coberto pela obra de Carlos Scliar na arte brasileira, desde os anos 40, quando suas preocupações sociais eram mais evidentes, até os trabalhos formalmente mais depurados de hoje, já é de todos conhecido. Ou como diz Roberto Pontual, em texto recente, ele já deixou "sua marca no roteiro em espiral da arte brasileira". Em sua nova exposição, na Galeria Anna Maria Niemeyer, com apresentação de Rubem

Braga, quase todos os trabalhos giram, tematicamente, em torno de um bule azul.

● A obra do escultor Veiga Valle, que viveu na segunda metade do século 19 em Goiás Velho, é o tema de mostra fotográfica a ser inaugurada no Solar Grandjean de Montigny, no campus da PUC. Em 35 painéis serão analisados os tipos iconográficos e a estilística desse santeiro, que vai de um barroco tardio ao neoclássico.

● Já tendo circulado por vários endereços cariocas, chega agora ao Museu da Chácara do Céu, a mostra fotográfica "O bonde na paisagem carioca".

● Também com apresentação de Rubem Braga, o tapeceiro Elídio Garcia expõe seus trabalhos na galeria de arte da Fundação do Serviço Público Fesp, enquanto Mário Seroa mostra aquarelas na Galeria Espaço, do Planetário da Gávea.

● A Galeria Ipanema promove mais um leilão de arte, e o Centro Cultural Cândido Mendes lança, às 20h30m, o "Guia do Vídeo no Brasil", publicado em conjunto com a produtora "Olhar Eletrônico", que na ocasião estará projetando alguns de seus melhores programas.

● O Projeto Portinari completou cinco anos de trabalho. A efeméride será comemorada com a projeção do audiovisual "Cândido Portinari: um homem, um tempo, uma nação", seguido de conferência do filho do pintor, e diretor do Projeto, João Portinari. As 10 horas no auditório do Rio Datacenter, na PUC

QUARTA, 12

Diálogo sensível e íntimo com a matéria

O sucesso de Manabu Mabe é o resultado da confluência de pelo menos três fatores: a vaga internacional do Tachismo na década de 50, quando ele emerge como pintor, a importante contribuição japonesa ao desenvolvimento da arte brasileira e um bem-sucedido marketing no campo da arte: Mabe é um dos primeiros grandes sucessos brasileiros no exterior, depois de Portinari. Escrevendo no catálogo de sua exposição no Museu de Arte Moderna do Rio, em 1960, disse Jayme Maurício: "Trabalhando já exclusivamente com óleo, Mabe vai travando uma espécie de diálogo íntimo e sensível com a matéria que, por vezes, nos brancos sobretudo, ele domina e supera para revelar e transmitir surpreendentes e líricos acontecimentos da sua vida interior. Mabe requinta-se e se encanta nesta espécie de lua-de-mel com a Com a exposição de Mabe, a Galeria Realidade amplia seu espaço com novas salas.

● A mostra "Vestígios", reunindo 50 trabalhos de Leonardo Carneiro, Martin Streibel e Roosevelt Campos Nina, a ser inaugurada na Galeria de Fotografia da Funarte, é o primeiro resultado da seleção de portfólios enviados ao Instituto Nacional de Fotografia, para exames. A seleção foi feita por uma comissão integrada por Felipe Taborada, Beto Felício e Américo Vermelho, que levou em conta a "valorização de um olhar novo dentro da produção fotográfica brasileira atual". Streibel é gaúcho, Leonardo carioca e Roosevelt maranhense, mas vivendo no Rio.

● O Studio 03 (Avenida Ataulfo de Paiva, 135 loja 102) pretende abrir

Exposições, com homenagens a Iberê e Mabe



estará exposta no Centro Cândido Mendes

Braga, quase todos os trabalhos giram, tematicamente, em torno de um bule azul.

- A obra do escultor Veiga Valle, que viveu na segunda metade do século 19 em Goiás Velho, é o tema de mostra fotográfica a ser inaugurada no Solar Grandjean de Montigny, no campus da PUC. Em 35 painéis serão analisados os tipos iconográficos e a estilística desse santeiro, que vai de um barroco tardio ao neoclássico.

- Já tendo circulado por vários endereços cariocas, chega agora ao Museu da Chácara do Céu, a mostra fotográfica "O bonde na paisagem carioca".

- Também com apresentação de Rubem Braga, o tapeceiro Elídio Garcia expõe seus trabalhos na galeria de arte da Fundação do Serviço Público Fesp, enquanto Mário Seroa mostra aquarelas na Galeria Espaço, do Planetário da Gávea.

- A Galeria Ipanema promove mais um leilão de arte, e o Centro Cultural Cândido Mendes lança, às 20h30m, o "Guia do Vídeo no Brasil", publicado em conjunto com a produtora "Olhar Eletrônico", que na ocasião estará projetando alguns de seus melhores programas.

- O Projeto Portinari completou cinco anos de trabalho. A efeméride será comemorada com a projeção do audiovisual "Cândido Portinari: um homem, um tempo, uma nação", seguido de conferência do filho do pintor, e diretor do Projeto, João Portinari. As 10 horas no auditório do Rio Datacentro, na PUC

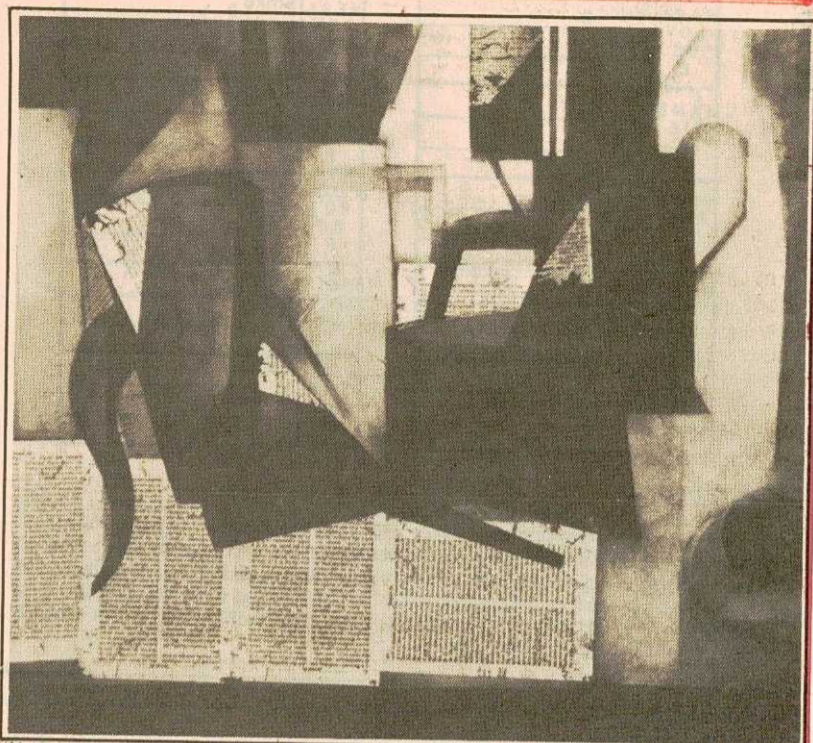
QUARTA, 12

Diálogo sensível e íntimo com a matéria

O sucesso de Manabu Mabe é o resultado da confluência de pelo menos três fatores: a vaga internacional do Tachismo na década de 50, quando ele emerge como pintor, a importante contribuição japonesa ao desenvolvimento da arte brasileira e um bem-sucedido marketing no campo da arte: Mabe é um dos primeiros grandes sucessos brasileiros no exterior, depois de Portinari. Escrevendo no catálogo de sua exposição no Museu de Arte Moderna do Rio, em 1960, disse Jayme Maurício: "Trabalhando já exclusivamente com óleo, Mabe vai travando uma espécie de diálogo íntimo e sensível com a matéria que, por vezes, nos brancos sobretudo, ele domina e supera para revelar e transmitir surpreendentes e líricos acontecimentos da sua vida interior. Mabe requinta-se e se encanta nesta espécie de lua-de-mel com a Com a exposição de Mabe, a Galeria Realidade amplia seu espaço com novas salas.

- A mostra "Vestígios", reunindo 50 trabalhos de Leonardo Carneiro, Martin Streibel e Roosevelt Campos Nina, a ser inaugurada na Galeria de Fotografia da Funarte, é o primeiro resultado da seleção de portfólios enviados ao Instituto Nacional de Fotografia, para exames. A seleção foi feita por uma comissão integrada por Felipe Taborda, Beto Felício e Américo Vermelho, que levou em conta a "valorização de um olhar novo dentro da produção fotográfica brasileira atual". Streibel é gaúcho, Leonardo carioca e Roosevelt maranhense, mas vivendo no Rio.

- O Studio 03 (Avenida Ataulfo de Paiva, 135, loja 102) pretende abrir



"Natureza morta menos tranqüila" (1984), de Carlos Scliar. Detalhe do bule azul

seu espaço para, a cada dois meses, expor cerâmica. A mostra inaugural é de Clara Fonseca, que estudou "ceramic design" na "Chelsea School of art", de Londres, cidade onde viveu cinco anos. A cerâmica de Clara é de alta temperatura, o que lhe permite integrar a cor na argila e, em seguida, usar a superfície como se fora uma tela.

- O Museu de Folclore Edison Carneiro, do Instituto Nacional do Folclore, expõe trabalhos realizados pelos índios canadenses (costa Noroeste do Pacífico) em cedro: casas, meios de transporte, objetos de cozinha e roupas.

- No Clube dos Decoradores, mostra de pinturas a óleo de Luiza Pinheiro.

- Nascido em Stuttgart, Alemanha, arquiteto e pintor, Stefan expõe no Cafe des Arts do Hotel Méridien, após ter sido bem acolhido pela crítica portuguesa em sua última exposição na cidade do Porto.

QUINTA, 13

Um jogador louco que perde tudo numa noite

O "festival" de homenagens a Iberê Camargo pelos seus 70 anos, começou em Porto Alegre, prosseguiu em São Paulo e agora alcança o Rio com duas exposições — a primeira, hoje, no Studio Cláudio Gil. Com exceção da mostra retrospectiva, realizada pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul, todas as demais mostram apenas a produção dos dois últimos anos. Iberê está melhor e mais jovem (em termos de linguagem, de frescura da forma) do que nunca e, como sempre, pinta compulsivamente. O artista, que partiu da figura e marcou posição como um dos mais viris pintores informais do Brasil, recua novamente para a figura para melhor expor o drama do homem — seu próprio drama e, também, o da pintura enquanto coisa viva. Iberê diz: Sou perdulário com as tintas. Faço obra que o Brasil atual não comporta. Perdulário, por ser mau pintor. Obcecado, que procura, que procura e não sabe o que procura, e procura fundo, e gasta tudo e é capaz de jogar todo o patrimônio como um jogador louco que perde tudo

numa noite. Eu sou o grande jogador".

- Na loja-galeria de Matias Marcier, no Shopping Center da Gávea, mostra conjunta de três ceramistas: Gilberto Paim, Elizabeth Fonseca e Cláudia Amorin. Os três jogam no que definem como "o desafio do pote", cuja presença decorativa impõe-se como riqueza e não como uma inadequação aos nossos dias". Acrescentam que, "ao invés de nos safarmos do risco em nome de algum purismo modernista, reconhecemos que nossas habilidades manuais precisam acompanhar-se de uma grande amplitude de idéias e de reconhecimentos para criar novos e bons potes de cerâmica, e nesta aventura nos lançamos".

- A Galeria Olivia Kann expõe pinturas de Stephan Eleutheriades, artista romeno, mas residindo no Brasil desde o início dos anos 50, aqui se formando em arquitetura e expondo pela primeira vez, individualmente, em 1956. Seu conterrâneo, o marchand Jean Boghici ("brigamos muito em romeno e fazemos as pazes em português") é que o apresenta, mas foi o crítico Teixeira Leite que, em 1965, definiu bem sua pintura: "equilíbrio cromático, sentido muito rigoroso da proporcionalidade, vontade de organização da forma, com aproveitamento total do plano em que se desenvolve, um ritmo bastante marcável, traduzido em proporções matemáticas progressivas". Sua pintura é figurativa e entre seus temas emerge a memória de Mangália, "pérola do Mar Negro, que desapareceu que nem cidade submersa".

SABADO, 15

Quadros de grande porte; figurativos

Se a mostra de Iberê Camargo, no Studio Cláudio Gil, vai reunir apenas óleos pequenos, a que se inaugura hoje, às 18 horas, na Galeria Thomas Cohn, terá poucas obras, mas todas de grande porte, possivelmente as mais figurativas de sua produção atual. O pintor estará presente nas duas exposições.

- Em Niterói, na Galeria Le Dome, mostra de pinturas de Eckener.

TERÇA, 11

No bule azul, a marca definitiva de Scliar

O percurso coberto pela obra de Carlos Scliar na arte brasileira, desde os anos 40, quando suas preocupações sociais eram mais evidentes, até os trabalhos formalmente mais depurados de hoje, já é de todos conhecido. Ou como diz Roberto Pontual, em texto recente, ele já deixou "sua marca no roteiro em espiral da arte brasileira". Em sua nova exposição, na Galeria Anna Maria Niemeyer, com apresentação de Rubem

Era sábado à tarde, por volta das 16h. O Museu de Arte do Rio Grande do Sul recebia grande visitação pública. A retrospectiva de Iberê Camargo recém tinha sido inaugurada. De repente, começa a se sentir um forte cheiro de queimado, vindo ninguém sabe de onde. Fumaça não se via. Só aquele cheiro, fazendo as pessoas logo lembrarem a esclerose da fiação elétrica do prédio e o acervo artístico de mais de mil obras de valor incalculável. O maior conjunto de obras de arte do Estado poderia ter o triste destino do Museu de Arte Moderna do Rio, destruído por um

incêndio também de origem elétrica? Iberê teria parte importante de sua obra vitimada pelas chamas, como o uruguaio Torres Garcia?

Felizmente o caso não foi tão grave assim. Ao final, constatou-se que foi apenas o reator de uma lâmpada fluorescente que queimou. Os laudos técnicos solicitados pela diretoria do MARGS foram tranquilizadores: não há risco iminente. Mas o Corpo de Bombeiros ponderou "como de capital importância" a instalação no prédio de mais equipamentos contra incêndio.

Margs: o susto sábado à tarde

Evelyn Berg, diretora do Museu, admite que levou um grande susto. "Eu estava em casa, reunida com o subsecretário de Cultura, Paulo Amorim; o diretor do Instituto Nacional de Artes Plásticas da Funarte, Paulo Herkenhoff; o jornalista Casemiro Xavier de Mendonça, crítico da revista Veja, e com a professora Isolda Paes. Uma plantonista do Margs me telefonou alarmada com o cheiro de queimado e me relatando que já tinha desligado a chave geral do prédio. Instruí que chamasse os bombeiros e depois, eu mesma, liguei para a CEEE. A Companhia me informou que só cuidava de redes elétricas externas, mas teve boa vontade em ir verificar o que estava acontecendo".

— Viemos todos para o Museu. Realmente, o cheiro de queimado era forte. Como o pé direito (altura das peças) do prédio é muito grande, o cheiro se espalhou e não sabíamos de onde se originava. A CEEE chegou mas não tinha competência para agir no caso. Fim de semana, o que fazer? A conselho do Corpo de Bombeiros, resolvemos deixar a chave geral desligada e não abrir o Museu à visitação no domingo, para nos cercarmos da máxima segurança.

Na segunda-feira, chegaram os técnicos da Secretaria de Obras. Um arquiteto, um instalador elétrico e um electricista fizeram a vistoria geral, localizando a lâmpada fluorescente com o reator queimado na sala do acervo. Constataram também que o prédio tem "uma situação estrutural excepcionalmente boa" e que os canos por onde correm

os fios são de ótima qualidade. O mesmo não foi possível dizer da fiação, necessitava ser substituída.

Dizendo-se "mais aliviada", Evelyn Berg agora preocupa-se em obter recursos para providenciar algumas das medidas de segurança sugeridas em laudo técnico pelo Corpo de Bombeiros, "para preservar de um sinistro o acervo artístico insubstituível": instalação de extintores portáteis (os existentes, segundo os Bombeiros, são "em número insuficiente e mal distribuídos"); sistema hidráulico de mangueira sob comando; chuveiros automáticos (sprinklers); alarme de incêndio com avisadores distribuídos pelo prédio e central de alarme junto à sala de vigilância, além de janelas sem grade fixa.

Os bombeiros aconselham "que essas medidas sejam tomadas de imediato", conforme o documento assinado pelo capitão PM Hamilton Gloor. Não se sabe ainda quanto poderão custar todas essas providências. Sabe-se, no entanto, que o acervo não está segurado. O seguro é feito apenas para as obras de terceiros em exposição no prédio.

A verba destinada pelo Estado ao Margs este ano foi de Cr\$ 29 milhões e 356 mil. Para conservação, os recursos são de apenas Cr\$ 10 milhões. O que fazer? Evelyn espera poder contar com o auxílio da iniciativa privada. "Afinal, do total de verbas que administramos este ano, 49,38% vem da iniciativa privada. Sabemos que o Estado luta com enormes dificuldades".

Foto Liberto Guerra/ZH



A diretora mostra o quadro elétrico geral do prédio

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP) inaugura sábado o "Arte na Rua 2", repetindo — com novos artistas e ampliando as mostras para Rio e Brasília — a promoção realizada em outubro do ano passado na capital paulista: a instalação de out-doors nas zonas mais movimentadas, visando abrir para um público maior a oportunidade de ver arte.

Sete artistas gaúchos participam dos out-doors que serão instalados em São Paulo: Ana Alegria, Clarice Jaeger, Enio Lippmann, Luis Barth, Mário Rohnelt, Milton Kurtz e Romanita Disconzi. A mostra, integrada por 150 artistas de 17 Estados brasileiros, inaugura simultaneamente no Rio e Brasília. Uma bela promoção de Aracy Amaral. Milton Nascimento tem razão: "O artista tem que ir aonde o povo está".

Segunda-feira, 10.09.84/ZH SEGUNDO CADERNO — 5

MARGS

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Subsecretaria de Cultura
Secretaria da Educação e Cultura

Pça. da Alfândega, s/n.º - fone: 21-8456 - 90000 - Porto Alegre

VEÍCULO: JORNAL DO COMÉRCIO PAG.: 7 (CAD.)
DATA: 11/9/84 SEÇÃO: DESTAQUES

— Em Porto Alegre estiveram no MARGS, onde em companhia de Evelyn Berg visitaram a exposição de Iberê Camargo. Desta vinda a Porto Alegre, deverão surgir projetos muito interessantes no campo cultural.

★ A Galeria Luísa Strina convidando para abertura da exposição de pinturas de Iberê Camargo, hoje às 21 horas. Iberê aos 70 anos realiza, hoje, a pintura mais jovem do Brasil; por isto as galerias de Porto Alegre, Rio e São Paulo realizam simultaneamente exposições de seus trabalhos homenageando o pintor.



Parte do universo escultórico do artista gaúcho Vasco Prado, na galeria Skultura

Vasco Prado e Iberê Camargo, arte que transpôs as fronteiras do Sul

Dois artistas gaúchos: Vasco Prado e Iberê Camargo. Ambos completando 70 anos e mais de 40 dedicados à arte, embora trilhando caminhos e suportes diferentes. Prado preferiu o barro, o bronze, o mármore para imprimir suas emoções. Camargo escolheu as tintas e telas para o mergulho de sua sensibilidade. As duas exposições começam hoje, às 21 horas. Vasco Prado na Galeria Skultura (alameda Lorena, 1.593) e Iberê Camargo na Luisa Strina (rua Padre João Manoel, 974A).

Acostumados aos fluxos e refluxos do mercado de arte nacional, eles nunca pensaram, mesmo nos momentos mais difíceis, transferir seus ateliês de Porto Alegre, para o eixo Rio/São Paulo em busca de um lugar melhor. Mas nem por isso descartam a tese de que fazer arte no Brasil é difícil, "e no Rio Grande do Sul mais ainda". Prado lembra os momentos difíceis do começo de carreira. "Sempre fui autodidata e só a partir da década de 50 passei a viver exclusivamente de arte. Anteriormente mantinha um emprego paralelo. Era praticamente impossível para um artista gaúcho sobreviver apenas de sua criação. Apesar de todos os obstáculos, ainda conseguimos implantar alguma coisa importante no Sul como o Grupo de gravura de Porto Alegre, onde trabalhei com Carlos Scliar. Esse núcleo foi tão importante que alguns artistas uruguaios foram trabalhar conosco e fundaram mais tarde o "Clube de Gravura de Montevidéu", que mantém até mesmo sede própria". Vasco Prado lembra que lamentavelmente o governo uruguaio vem pressionando o Clube. "Recentemente o prédio foi invadido pela polícia que quebrou tudo por causa de uma série de gravuras feitas a partir dos trabalhos de Pablo Neruda."

Mesmo expondo praticamente só esculturas, Vasco Prado nunca deixou a gravura. "Na realidade não sou e nunca fui gravador. Gosto de mexer com gravura e desenhos, não apenas

aqueles que me servem como croquis de minhas esculturas." Aos 70 anos, o artista encontra vitalidade para transformar seu trabalho. Ele acaba de ser premiado numa importante exposição de Escultura no Japão. "Não gosto de expor, isso implica automaticamente deslocamentos e eu não gosto de viajar. mas não pude deixar de atender ao convite do Museu ao Ar Livre de Hakone, pequena cidade próxima de Tóquio. Foi uma viagem de impacto que possivelmente refletirá no meu trabalho. Neste breve contato, pude avaliar o nível da escultura japonesa hoje e descobrir que a gravura original ainda mantém-se próxima de sua tradição oriental."

Profissional acima de tudo, Vasco Prado não prolongou sua estada no Japão justamente por causa do seu compromisso com a Galeria Skultura, cujo espaço está literalmente tomado pelos dorsos femininos em terracota, pelos cavalos em bronze e terracota e pelas pequenas peças eróticas, exemplares únicos, as meninas dos olhos desta mostra. Após a exposição ele pretende retornar ao Rio Grande do Sul, onde será homenageado em dois locais: na Galeria Singular, que lançará medalha comemorativa de seus 70 anos, e no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, que acaba de editar um livro contendo parte de sua obra escultórica.

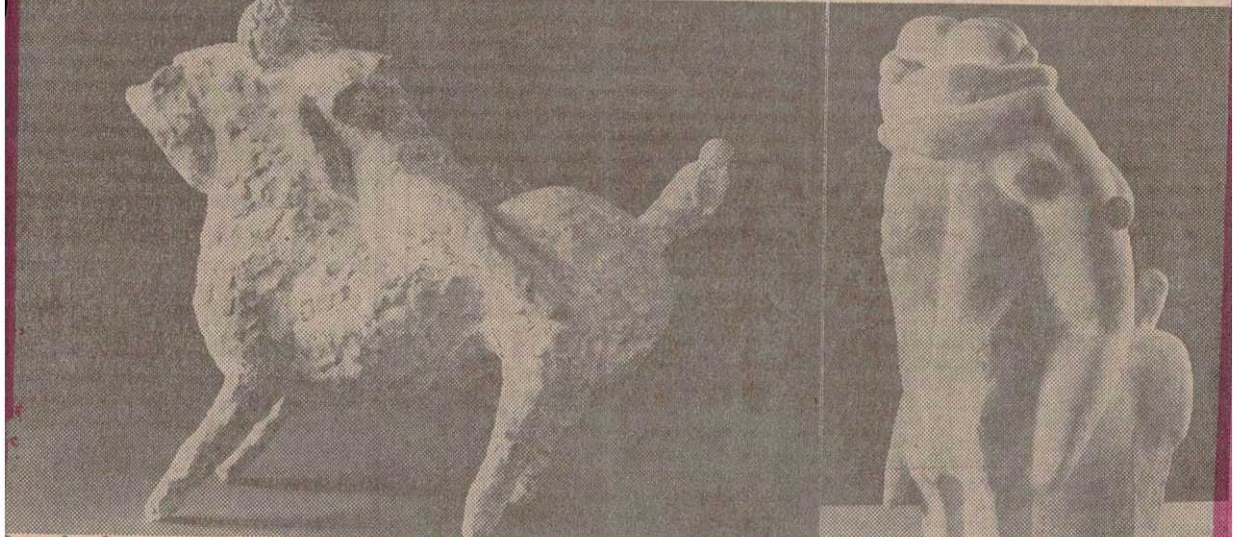
Assim como seu companheiro Vasco Prado, o pintor Iberê Camargo também será lembrado em grande retrospectiva no Museu do Rio Grande do Sul e ainda na Galeria Tina Presser, em Porto Alegre, e no Cláudio Gil Studio de Arte e Thomas Cohn-Arte Contemporânea, ambas galerias no Rio de Janeiro. Apesar de toda essa festa, ele não está feliz com seu trabalho. "Sou muito exigente comigo mesmo. Repensando esses 40 anos de arte, acho que poderia ter feito coisas melhores se a situação também fosse melhor. Como fazer um trabalho decente num país em que uma

folha de papel custa Cr\$ 12.000,00? Acho que a situação tem de mudar. Fui para as ruas pedindo as 'diretas', fiz o painel do coreto de Porto Alegre onde aconteceu o comício. Mas penso que agora estou sozinho nesta batalha."

Iberê Camargo faz questão de dizer que sempre viveu à margem de qualquer modismo nas artes plásticas. Mas hoje seu trabalho está muito próximo ao neo-fauve, ao neo-expressionismo. "Hoje eles estão 'peixando' comigo, como dizem os gaúchos. Se agora nos encontramos, puro acaso. Caminho pelo centro do rio, não vim de afluentes."

Há seis anos distante do circuito paulista das galerias, Iberê Camargo expõe uma série de nove telas, todas datadas do ano passado e deste, nas quais a figura humana ainda é o centro de tudo. "Sou exigente com o que faço. Por isso, faço e refaço. Persigo o que intuo. Nesse garimpar sem pausa encontro minhas gemas. Às vezes, sujo a cor no desespero de me expressar, achando sempre que a obra ainda não está bastante forte e livre. Tenho ojeriza pelo efeminado da forma. Quero arte brutal, violenta, suja se necessário for, mas veementemente viva."

Entre outras observações críticas Iberê Camargo ressalta o equívoco que algumas pessoas cometem com os artistas plásticos. "Pensam que nós devemos ser efeminados, falar sobre coisas etéreas. Eu, por exemplo, não costumo me calar, denuncio sempre que posso o clima de insegurança em que vivemos. Somado a isso, nós artistas temos ainda de transpor as barreiras que o sistema nos impõe para exercer nosso trabalho. Como o material de arte é considerado artigo de luxo no País, outro dia me peguei, nos meus 70 anos, comprando dois lápis de cor norte-americanos por Cr\$ 10.000,00 de uma menina. Comprei com a mesma emoção daquela vivida ainda criança em Jaguarí, quando meu pai comprava uma caixinha pequena de Johann Faber."



Depois de seis anos de ausência, Iberê Camargo...

Iberê, arte brutal aos 70 anos

MIGUEL DE ALMEIDA

Da nossa equipe de reportagem

O artista plástico Iberê Camargo, em mais de quarenta anos de pintura, atravessou movimentos de vanguarda, pintou paisagens, figuras, expôs em vários países, passou maus momentos, retratou instantes de forte intensidade — e de nada se arrepende. Como pintor, brilha na condição de iconoclasta e inovador dentro da arte brasileira. Comemorando seus 70 anos — que serão completados dia 18 de novembro —, realiza uma turnê: o pintor abre hoje, na Galeria Luísa Strina (rua Padre João Manoel, 974-A, às 21h00), uma mostra de pinturas. Na quinta, no Rio, na Galeria Cláudio Gil, expõe óleos em tamanhos pequenos e, no sábado, também no Rio, na Thomas Cohn-Arte Contemporânea, apresenta grandes pinturas. No dia 1º de setembro, teve duas outras exposições abertas em Porto Alegre — uma, com novos trabalhos e, a segunda, uma espécie de retrospectiva.

Assim, o gaúcho de Restinga Seca está de volta. E com esta exposição os trabalhos produzidos desde novembro de 83. No total, mais de sessenta óleos, fora os guaches e os desenhos. Mas sob cada tela, um intenso percurso, muitas vezes envolvendo traços abandonados pelo meio e retomados pacientemente. Iberê Camargo, ele sempre diz, é impaciente com sua obra, não descansa enquanto não enxerga ter esgotado todas as possibilidades. Daí, talvez, a explicação para a permanência de seu nome em todos esses mais de quarenta anos de vida artística — e ativa.

Elegante, sobrancelhas espessas, de humor refinado e discreto, o pintor retorna diferente: “As coisas nunca se repetem”, diz Iberê Camargo, e utiliza uma imagem de força para traçar sua profissão:

— Penso em Sísifo, obrigado a rolar uma pedra sem pausa e sem repouso. A ele assemelha-se o pintor que dia e noite é obrigado a pintar, durante a vida toda, sem esmorecer. Mas o que seria de Sísifo se não fosse mais obrigado pelos infernos a rolar sua pedra? E do pintor que não sentisse mais compulsão de pintar sem trégua? Seriam ambos criaturas sem destino e dentro deles se cavaria um imenso vazio.

Iberê odeia a pintura “efeminada”. E explica: “A pintura deve ser viril como potencialidade. E a coisa se aplica tanto aos homens como mulheres.” Não suporta o artista fechado em um esquema único: “O pintor tem de estar aberto a tudo que aparece. Não é porque faz o geométrico, apenas, que irá fechar olhos às outras coisas. Tudo interessa — e deve interessar — ao artista.” É um hóspede contumaz de cores escuras, soturnas, mesmo quando se envereda pelo figurativo: “São as sombras do mundo. Acho que o mundo é assim. Minha paleta é baixa. Minha pintura está mais para a música de câmara. Não tenho a eloquência das cores fortes. Meu trabalho é feito na surdina. Mas com profundidade.”

O poeta Iberê Camargo dispensa outras — e desnecessárias — palavras.

O coiffeur Paulo Fabian marcou coquetel em horário especial, às 20 horas de hoje, no Encouraçado 936 para apresentar as cabeças do Verão 85, com desfile-show. A visagista Silvinha estará participando do lançamento, que tem renda destinada ao Movimento Gaúcho Pelo Menor, com a maquiagem de verão nas manecas. Ela continua com as aulas em que o currículo permite conhecer todos os segredos da maquiagem. Entre outros nomes conhecidos que freqüentam as aulas, Luciana Fleck da Rosa, cujo atualíssimo corte de cabelos é de autoria de Paulo Fabian.

● A sra. Lourdes Noronha Pinto foi entrevistada recentemente a respeito da coleção de trajes que coleciona e que já foram apresentados numa bonita exposição em Pelotas. A exemplo do que acontece no Metropolitan Museum de Nova Iorque, Porto Alegre poderá ter um setor com exemplos das roupas vestidas em diversas épocas.

● Ontem foi o dia de cumprimentar meus amigos veterinários, especialmente aqueles a quem confiamos nossos companheiros de estimação. Afinal, dentre as infundáveis datas impostas pelo consumo, um dia que mereceu a justa comemoração.

● O médico e sra. Rivadávia Corrêa Meyer estiveram em Campinas, onde ele participou de encontro em que o tema foi oftalmologia, e depois fizeram escala em São Paulo.

● O calendário de comemorações dos setentões de Iberê Camargo foi iniciado aqui, com a retrospectiva no Museu de Arte do Rio Grande do Sul e a exposição na Galeria Tina Presser. Agora será a vez de inaugurar mostra comemorativa em São Paulo, na Luiza Strina, e depois no Estúdio Cláudio Gil no Rio. Por sinal, a coleção de quadros que está no Rio já teve várias aquisições, e uma delas realizada pelo embaixador do Panamá, que levou a tela para sua Pinacoteca na Embaixada em Brasília.

Iberê Camargo, o festival dos 70 anos

FREDERICO MORAIS

O festival de homenagens aos 70 anos de Iberê Camargo chega, finalmente, ao Rio. Começou em Porto Alegre, no dia 1 deste mês, a retrospectiva de sua obra organizada pelo Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs) e com a mostra de pinturas e guaches na Galeria Tina Presser. Prosseguiu dia 11, em São Paulo, na Galeria Luiza Strina, e completa-se esta semana, com as inaugurações das mostras de pintura das galerias Claudio Gil

(quinta-feira, às 21 horas) e Thomas Cohn (sábado, às 18 horas), ambas com a presença do artista. Com a exceção da mostra do Margs, nas demais exposições serão vistas apenas obras pintadas nos dois últimos anos, nas quais Iberê, sem negar as características gerais

de sua pintura, renova seu vocabulário temático-formal, mas sem se submeter a *ismos* ou correntes.

Antes — ele diz — havia uma divisão muito rígida entre concretismo, abstracionismo e arte figurativa, como se a gente pertencesse a um partido. Hoje, quando chego aos 70 anos de idade, isto me parece uma coisa tola. Esta compartimentação da arte em *ismos* castra, tolhe, limita, bitola. Porque a vida entra por todos os lados, por todos os poros do corpo respira-se a vida e tudo o que o artista disser com sinceridade será importante.

Ao organizar a mostra "Entre a mancha e a figura" (Museu de Arte Moderna do Rio, 1982), primeira de uma série de exposições que analisaram o fenômeno da nova pintura brasileira, e cujo coroamento, recente, foi "Geração 80, como vai você?", situei, como antecedentes desta pintura, Flávio de Carvalho, Ernesto de Fiori, Ivan Serpa (fase negra) e Iberê Camargo. Escolhi para a exposição quatro telas de Iberê, duas abstratas e duas figurativas, uma delas, um autorretrato. Este recuo de Iberê até a figura surpreendeu muita gente. Não a mim, que via na obra de Iberê justamente os dois pólos da mostra, a mancha e a figura, o signo abstrato e o signo figurativo buscando um ponto de encontro.

Agora, apresentando-o, juntamente com Wilson Coutinho, no



"Pintor, mártir e signos", de 1984: o reencontro de Iberê Camargo com a figura



Iberê Camargo: "Quero arte brutal, violenta, mas viva"

catálogo conjunto das cinco exposições que se realizam, em sua homenagem, encerro meu texto com esta afirmação: "Iberê ressurgiu, no centro da cena pictórica brasileira, com um vigor e uma energia insuperáveis. Aos 70 anos, ele realiza, hoje, a pintura mais jovem do Brasil". Novamente, muita gente se surpreendeu, menos o crítico paulista Casimiro Xavier de Mendonça, que encerra sua análise da pintura de Iberê Camargo para o último número da revista "Veja" com esta afirmação:

A renovação, mas sem a negação da obra anterior

É neste sentido que afirmo que Iberê Camargo realiza, hoje, a pintura mais jovem do Brasil. Homem maduro, marcado pela tragédia, preocupado com o destino do homem e do mundo, crítico severo de todos equívocos culturais, sociais e políticos, Iberê tem a idade de seus 70 anos. Sua juventude está na linguagem, na renovação formal. Encontro na nova pintura figurativa de Iberê o anzol, a âncora e o caracol, signos aquáticos, portanto. É como se as águas paradas e pesadas de sua pintura anterior — lodaçais, pântanos — comessem a se movimentar, abrindo espaços para a transparência da memória.

Em meio ao drama, o artista redescobre a infância, inclusive a da arte. Em seu ateliê, em

"De certa forma, com as cinco exposições de Iberê Camargo, a geração 80 — que atualmente celebra sua descoberta da pintura — encontra finalmente algum tipo de elo histórico com um pintor do passado".

Enquanto residiu no Rio, Iberê mantinha seu ateliê na cobertura de um edifício da Rua das Palmeiras, em Botafogo. Um ateliê à prova de som, rigorosamente fechado, paredes nuas, vazio de qualquer ornamento ou comodidades modernas. Sozinho diante da tela, que retocava sem cessar, eternamente insatisfeito, o artista lutava desesperadamente contra as bonitezas da forma, assim transformando auroras em noturnos. Muitas vezes, nessa luta, varou a noite, exausto — um bailarino solitário diante de sua dança interminável, um boxeador tentando nocautear a forma, um toureiro tentando imobilizar com seu gesto a matéria bruta, informe, "carne do mundo". Fechado em seu ateliê, "evitando a vida que tropeça nas calçadas" (Kafka), só tinha olhos e ouvidos para o que ocorria diante dele, na tela, alimentando, assim, seus próprios fantasmas interiores, que, pou-

Porto Alegre, me disse recentemente:

— Quando eu era criança, gostava de pescar, construir âncoras, navios de brinquedo. Queria ser capitão de navio. Um dos meus projetos atuais é visitar os rios de minha infância, rios onde me banhei e nos quais vivi muitas emoções. Um rio se renova sempre e assim devemos ser. Renovar para não morrer. Mesmo que esta renovação traga contradições, precisamos ter a coragem de avançar, enfrentar novas dificuldades.

E como o rio de sua infância, Iberê renovou-se, mas sem negar sua obra anterior. Foi ao fundo do poço, mergulhou sem ajuda de escafandro, percorreu todos os porões da sua alma e, ao retornar à superfície e reen-

co a pouco, acabaram por emergir no lodaçal de seus quadros. Depois de uma visita a esse ateliê, nos idos de 1977, escrevi esse trecho que, lido hoje, me parece premonitório, assustador: "Iberê sai do ateliê o menos que pode. E quando sai é para brigar. Como diz um dos seus críticos, "não perdoa a impostura e a fraude", "não troca a dignidade pela primeira fila", e ele mesmo se considera uma "trincheira que resiste".

Pois bastou sair à rua para que a tragédia o colhesse na calçada. Mas não parou de pintar e desenhar, nem mesmo na prisão. Afinal, este é seu ofício e, como Sisifo, a quem, tantas vezes, se comparou o artista, tenta cumprir seu destino. De volta ao Rio Grande do Sul, onde nasceu, continua pintando, agora, mais compulsivamente do que nunca. Hoje ele diz:

— A vida do pintor é a vida do homem. Um dia, a vida do homem-pintor foi sacudida pelos ventos da desgraça. Ferido, conheci o amor e o ódio, avalei a infinita capacidade humana no sublime e no sórdido".

Mas a tragédia do artista e da época que vivemos confluem para aquilo que, afinal, é o que conta, e o que vai ficar — a pintura. A forma em sua inteireza, em sua verdade. Diz o artista:

— Sou muito exigente no que faço. Por isso, faço e refaço. Persigo o que intuo. Nesse garimpar sem pausa encontro as minhas gemas. As vezes, sujo a cor no desespero de expressar, achando sempre que a obra ainda não está bastante forte e livre. Tenho ojeriza pelo efeminado da forma. Quero arte brutal, violenta, suja se necessário for, mas veemente, viva: verdade".

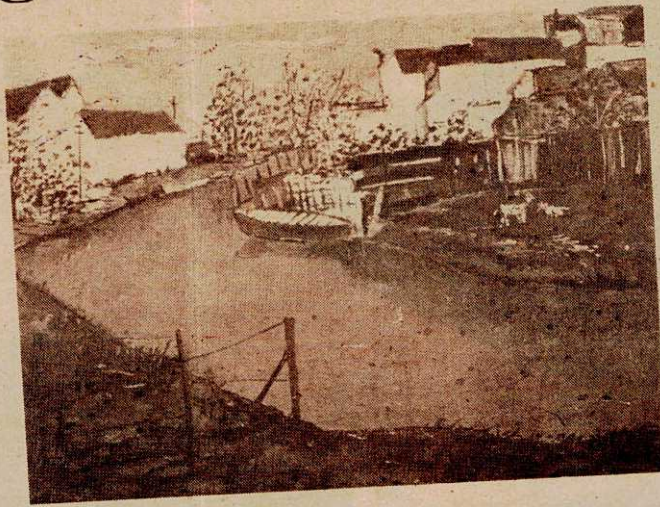
contrar a margem do rio, trouxe consigo, renovadas, as imagens que sempre o perseguiram. Os dados de sua nova pintura foram lançados, os carretéis voltaram a se movimentar, como fantasmas, como projeções de si mesmo, aqui e ali surgem cruces, setas, sinais, losangos, um exvoto, um falo, um rosto que se projeta num perfil espasmódico. Os signos-símbolos se metamorfoseiam: dado-carretel-fantasma, um puro sinal lingüístico ou gráfico significando interdição ou perigo. Os objetos e figuras traçados em branco, como um graffiti nervoso, sobre a pasta de tinta. Mas aqui e ali, também, neste rio noturno, surgem nesgas de luz: pequenos toques líricos de azul, lilás, carmim, amarelo ou verde, transparências.

Montagens bem transadas

Décio
Présser

A retrospectiva de Iberê Camargo e as jóias de Antonio Bernardo, duas exposições que estão montadas no Museu de Arte do Rio Grande do Sul até o final de setembro, vêm merecendo inúmeros elogios. Além da importância de ambas, merece ser destacada as bem realizadas montagens que contribuem para que o espectador as acompanhe com mais atenção.

Em Porto Alegre, poucas são as exposições que merecem cuidados especiais de montagem, quer em galerias ou nos museus. A maioria das mostras se caracteriza pelo descaso dos organizadores que acaba prejudicando o trabalho de alguns



Iberê Camargo, pintura, 1946

artistas. Para que isso não acontecesse com a mostra que homenageia os 70 anos do mais importante pintor gaúcho da atualidade, a FUNARTE enviou do Rio dois técnicos de montagem que, além de efetuarem um excelente trabalho com a retrospectiva, tiveram a oportunidade de passar alguns de seus conhecimentos para um gru-

po de interessados, através de um rápido curso realizado naquele or-
gão da SUSEC

Com as jóias de Antonio Bernardo o processo foi outro. O próprio artesão carioca encarregou-se de contratar uma firma que lhe preparou vitrines e uma iluminação adequada. A montagem foi acom-

panhada de perto por Bernardo, que transformou as duas salas negras do MARGS num ambiente sofisticado, onde suas jóias ganham o destaque necessário. Estes dois exemplos são suficientes para que fique registrada como é importante o visual de uma exposição que deve ser encarada como se fosse um show. Isso implica uma reformulação de conceitos, principalmente em Porto Alegre, onde a inexistência de pessoal especializado compromete o resultado final de inúmeras exposições.

Com o movimento cultural cada vez mais acentuado, nas galerias e museus, é preciso que haja uma conscientização da importância da montagem, principalmente numa cidade onde a maioria dos locais de exposições foi adaptada para tal. O resultado é que as mostras podem ser piores ou melhores dependendo do interesse dos promotores onde se inclui o próprio artista. Este precisa aprender que uma exposição não termina no momento em que acaba de fazer seu quadro ou escultura, mas sim no espaço que será mostrado.

Gasparotto

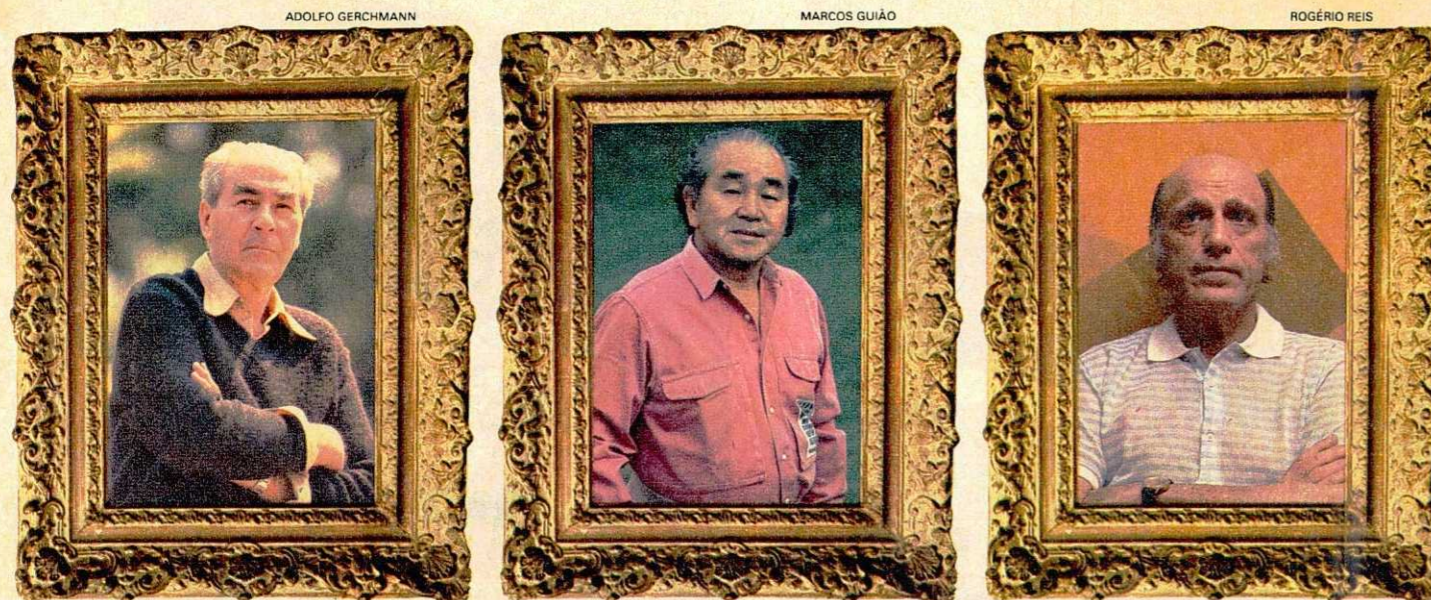
Iberê brindado no Rio

● A semana de luminosidade intensa deverá favorecer a elegância das convidadas de Leonides Bortoncello para o almoço de hoje. Realiza-se o primeiro acontecimento da campanha do Movimento Gaúcho Pelo Menor, que a partir de agora tem agenda repleta.

● Harry Stadlander e os demais nomes do Banco Denasa recepcionam para coquetel que vai assinalar a mudança para novas instalações, dia 20. Philip Parkinson, liderança do The First National Bank of Chicago, acionista do grupo Denasa, é o convidado de importância nesta ocasião em que nomes conhecidos do mundo financeiro nacional virão ao Sul.

● Cônsul Fernando Martinez de Westerhausen foi meu convidado para o jantar-reunião da Confraria Bon Gourmet na noite de ontem. Durante as conversas a respeito da entidade, ficou acertada para dia 2 de outubro uma noite de culinária espanhola com a projeção de filmes a respeito da cozinha da Península Ibérica.

● Cláudio Gil, dirigente do Estudio que leva seu nome no Rio, será um dos anfitriões de Iberê Camargo, após a inauguração da mostra comemorativa dos setentões do artista marcada para amanhã. Iberê será o centro de um grande jantar reunindo artistas e intelectualidade carioca.



Iberê Camargo, Manabu Mabe e Arcangelo Ianelli: uma vasta produção que agora troca as galerias pelos museus

Arte

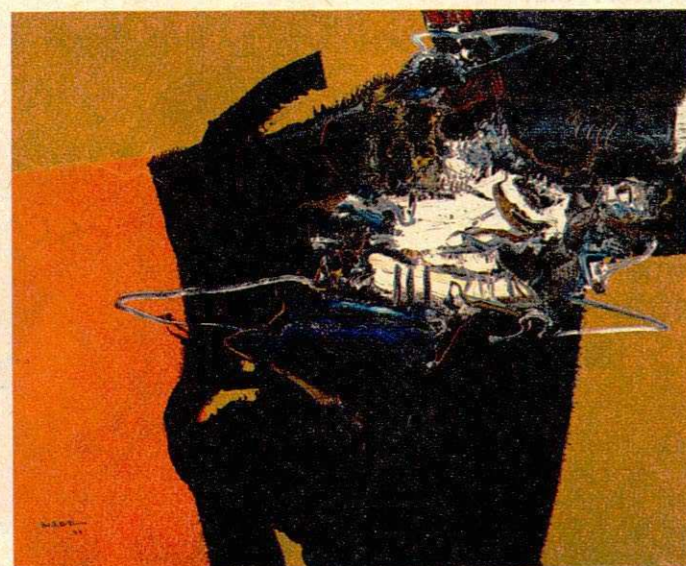
Uma geração de museu

Os grandes nomes da pintura brasileira dos anos 50 mostram um quadro pouco inspirado da nossa arte

Foi longa a marcha dos veteranos da pintura brasileira rumo aos museus do país. Mas ela está sendo inevitável. Um pouco por conformismo do mercado, outro pouco por promoção cronológica, e em parte porque não há mesmo um conjunto de obras mais representativo desta geração que oscila entre 60 e 70 anos de idade, começa a ser mostrada nos museus do país a obra dos pintores que há mais de 35 anos vinham se consagrando essencialmente em paredes de galerias e nos salões nobres da família brasileira. Nesta arrancada final rumo à entronização na história da arte brasileira deste final de século, o evento de maior interesse, esta semana, são as cinco exposições em torno dos 70 anos do gaúcho Iberê Camargo, cujo núcleo principal é uma retrospectiva montada no Museu de Arte do Rio Grande do Sul. A panorâmica — são pinturas, gravuras, guaches, desenhos e cerâmica — vem complementada por exposições de trabalhos re-

centes na galeria Tina Presser, de Porto Alegre, nas galerias Claudio Gil e Thomas Cohn, do Rio de Janeiro, e na galeria Luísa Strina, de São Paulo.

Trata-se, também, da primeira grande seleção de obras de Iberê Camargo desde sua volta a Porto Alegre, onde passou a re-



Manabu Mabe: ainda fiel às suas antigas composições

sidir em 1981 após ser absolvido judicialmente pela morte a tiros do engenheiro Sergio Areal, num incidente ocorrido numa rua do Rio. Além de Iberê, dois outros pioneiros das artes dos anos 50 também estão sendo festejados com impacto, no Rio. Para abrigar uma imponente retrospectiva de 200 telas, têmperas e litografias do paulista Arcangelo Ianelli, 62 anos, o Museu de Arte Moderna reservou todo um andar de seu prédio do Aterro. E Manabu Mabe, o japonês radicado em São Paulo que também inicia a festa de seus 60 anos com uma exposição de vinte telas (Galeria Realidade), já prepara a sua monumental retrospectiva para o próximo ano.

Os trabalhos desses três artistas podem ser usados, hoje, como uma luneta histórica para se rever o que pintava a geração jovem dos anos 50 e para avaliar se ela merece o posto de honra pela qualidade da pintura ou meramente pela inércia dos museus.

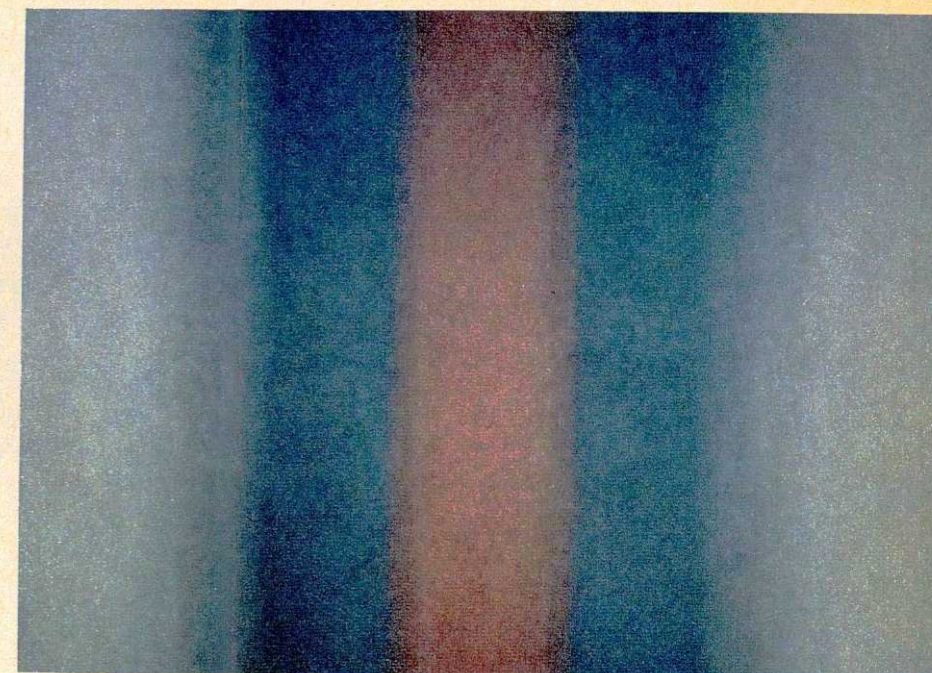
MANCHAS DE TINTA — Os três passaram pela figuração como estreados mas explodiram no Brasil com a arte abstrata que chegara ao país por meio das bienais. Em 1951, quando houve a I Bienal, o país engatinhava pela arte moderna. Tanto assim que naquele ano os premiados brasileiros foram Di Cavalcanti e Volpi, empatados como os melhores pintores do país, Arnaldo Pedroso D'Horta, como o melhor desenhista, e Bruno Giorgi, melhor escultor. Os prêmios internacionais daquele ano foram para a escultura de Henry

Moore, a pintura de Giorgio Morandi e o desenho do americano Ben Shann. O final dos anos 50 contudo já encontrou Ianelli, Iberê e Mabe mergulhados com total dedicação nas águas decorativas do abstracionismo lírico, também rotulado de "pintura informal", em que manchas de sólidas massas de tinta compunham efeitos na tela.

Mabe, aproveitando o grafismo da escrita oriental e dosando cores intensas, logo tornou-se uma estrela do informalismo. Ianelli, embora tenha feito também gigantescos painéis, com manchas flutuantes sobre a tela, só ganhou o prêmio de viagem ao exterior do Salão Nacional em 1964, quando conseguiu fazer formas geométricas de cores suaves emolduradas por linhas severas. O mais explosivo sempre foi Iberê Camargo. Mesmo em suas telas abstratas, a massa de tinta ganhava formas, como ampulhetas ou seus famosos carretéis, e sua caligrafia de pinceladas grossas mais o aproximava do expressionismo que simplesmente da abstração. Dos artistas da sua geração, Mabe foi o que mais rapidamente conseguiu uma expressão internacional. Seus quadros foram parar em mãos de colecionadores do Japão e dos Estados Unidos, inclusive do banqueiro americano David Rockefeller, mas sua produção muito intensa lhe foi fatal. Hoje, mesmo quando reproduz composições antigas, não consegue mais a força caligráfica dos anos 50, quando arrebatou o prêmio da Bienal. Ianelli também procurou inovar mas não encontrou um caminho convincente. Seu ponto forte eram os aplicados exercícios de geometria em telas de retângulos superpostos. Hoje, na exposição do Museu de Arte Moderna, revela novas telas nas quais pinta massas de cor que formam faixas justapostas.

Na verdade, nenhuma retrospectiva da produção artística das artes visuais dessa geração resultaria num painel imponente. Ao contrário da música brasileira, que conseguiu uma identidade própria com Tom Jobim, ou da arquitetura, com Oscar Niemeyer, a situação das artes visuais era anódina na época. Acima da preocupação em pintar um universo próprio, reinava a busca de uma síntese com as correntes internacionais.

DEDO ACUSADOR — Mesmo o caso de Milton Dacosta, 69 anos, outro peso pesado deste período, que já mereceu uma retrospectiva em 1981, não é fundamentalmente diferente. Seu ponto alto nos anos 50 foram as cidades geométricas, deslumbrantes paisagens construtivas de cores e geometria bem dosadas. A seguir ele descobriu a opulência das figuras femininas e passou a produzir uma Vênus em versões



Arcangelo Ianelli: nas telas recentes, faixas justapostas de cores suaves

infinitas, e só a qualidade de sua pintura neutraliza a cansativa repetição do tema. Aliás, a repetição temática paira como um severo dedo acusador sobre os artistas desse período. O que garante o seu espaço é a boa qualidade técnica que de uma forma geral permeia sua pintura.

Toda retrospectiva costuma ser uma faca de dois gumes, ao colocar em confronto diferentes períodos de um artista. No caso de Iberê Camargo e também na mostra de Ianelli, há uma tentativa de demonstrar que nenhum dos dois pintores está aposentado. Neste tira-teima, Iberê

sai inteiro, e de pé. Na verdade, sua pintura atual é tão forte que muitas telas das mostras paralelas poderiam confortavelmente reforçar o peso da retrospectiva. Numa tela como a *Homenagem a Maria Leontina*, por exemplo, em que a pintora, falecida em julho passado, é retratada numa postura hierática, há veia nova. De certa forma, com as cinco exposições de Iberê Camargo a *geração 80* — que atualmente celebra sua descoberta da pintura — encontra finalmente algum tipo de elo histórico com um pintor do passado.

CASIMIRO XAVIER DE MENDONÇA



Homenagem a Maria Leontina: nova figuração nas telas de Iberê Camargo

ARTES PLÁSTICAS

ALEGORIAS MELANCÓLICAS

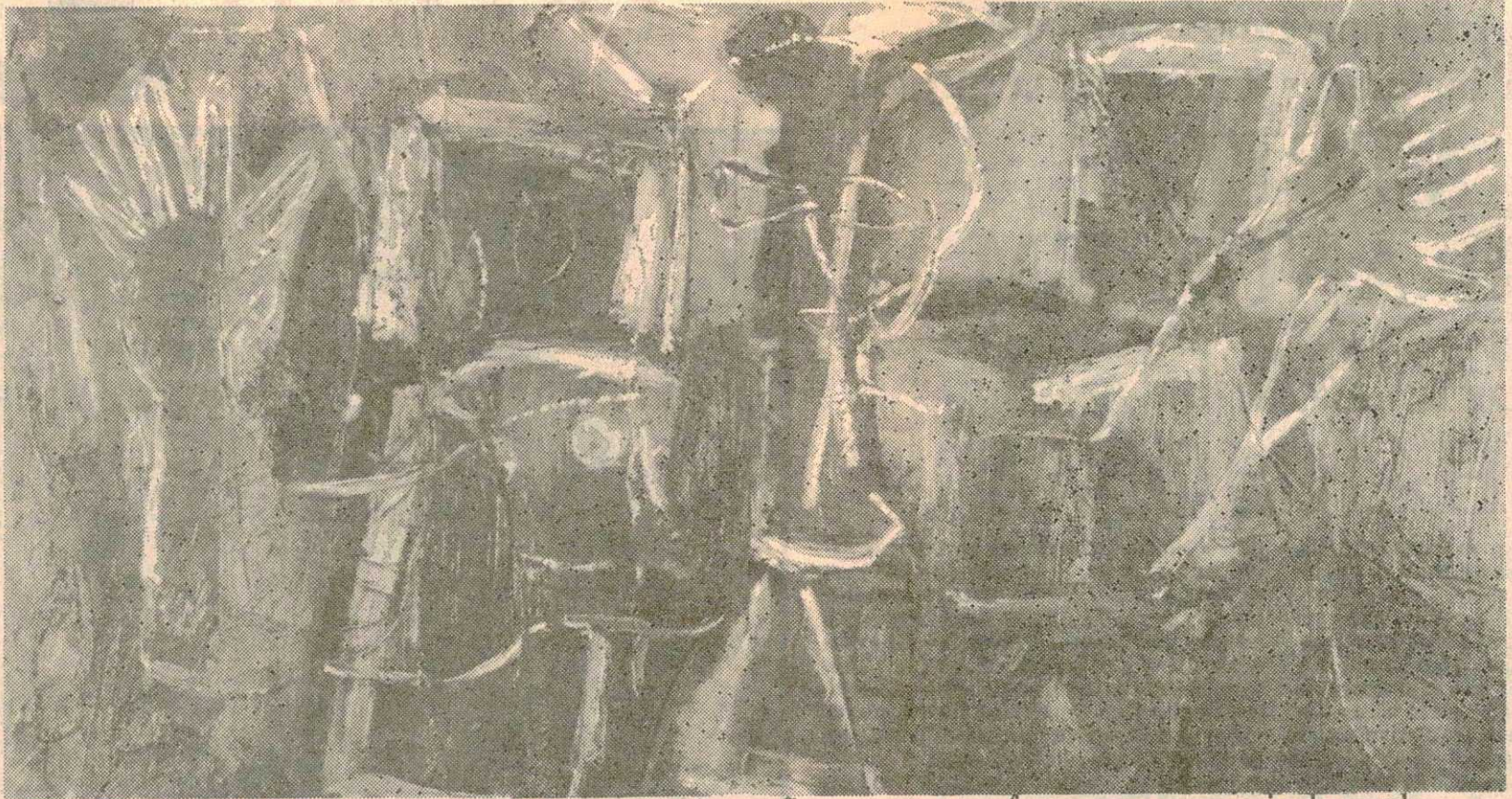
A pintura atual de Iberê Camargo (desde ontem na Cláudio Gil e a partir de amanhã na Thomas Cohn) é uma das provas irrefutáveis das qualidades intrínsecas da pintura num tempo em que tudo aparentemente foi explorado e que o artista trabalha sobre um conjunto de proposições estéticas definidas a partir da massificação dos processos pictóricos.

Só ao Beaubourg, em Paris, vão 10 milhões de pessoal anualmente. O estilo e os procedimentos penetram rapidamente nos processos de produção artística da massa culta, alguns transformando-se em artistas.

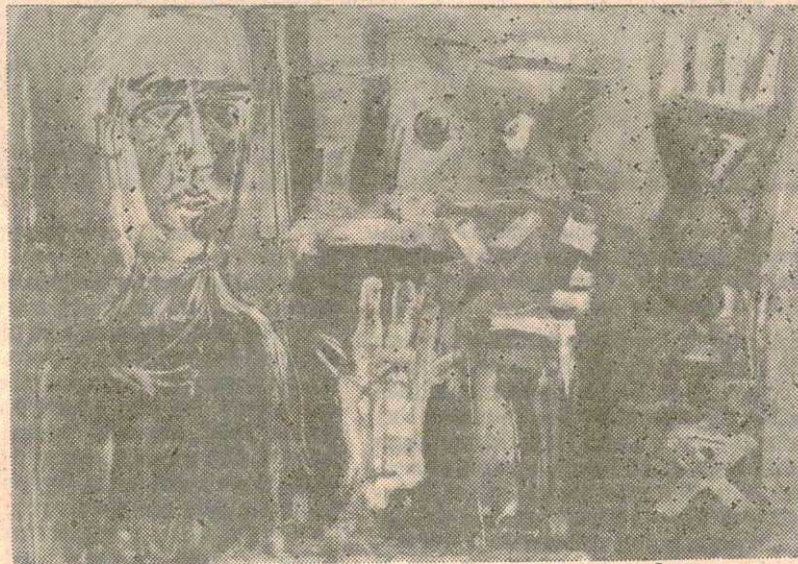
Esta avalanche de imagens deu, na Europa e nos Estados Unidos, novo vigor a pintura de caráter expressionista e um artista punha recentemente em sua tela um título indagador: **Quem tem medo do século XIX?**

É neste caminho de destruição, desconstrução e construção que a pintura de Iberê atualmente é uma das mais envolventes no Brasil. Na exploração constante dos meios da pintura — bidimensionalidade da tela, espaços virtuais, "pintura lisa" — enfim, todo esses procedimentos de conquista da obra de arte plástica acham-se, agora, a disposição técnica e criativa do artista. Trabalhar pessoalmente com essas conquistas, integrar um mundo original e pessoal nelas, tornou-se a grande dificuldade do artista na época em que as artes visuais estão num processo, talvez o mais vasto de sua história, de maior comunicação com um imenso público. Daí, uma redundância estilística, o estilo transformando-se numa coisa, que qualquer artista, com certa aptidão pode adquirir no mercado da visualidade.

É com incrível sinceridade que a obra atual de Iberê serve a todo esse



Hora I, de Iberê Camargo: por meio de transparências, a figura, como um fantasma, parece sair do quadro



E UM NOVO DISCO FEITO DE DESEJOS

CILÉA GROPILO

para de tanto. Ela quer o presente agora. Busca harmonia dentro de mim para não morrer de

acho que foi de tanto engolir sapo. Não engulo mais não.

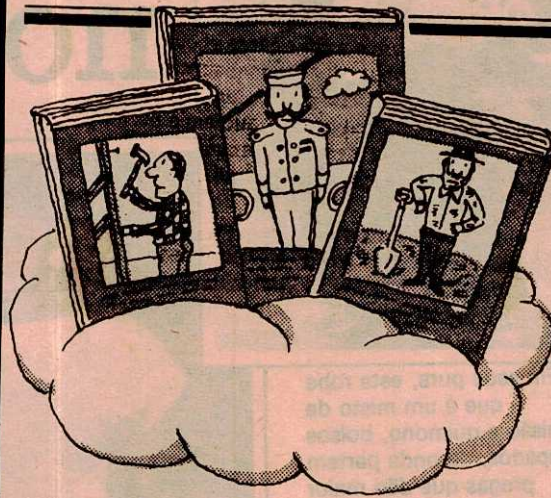
— Queriam mudar o título para *Ponto de* —
Norma cantora. Norma Canta Mulheres não foi um título bem escolhido. Acusada de homossexualismo, a atriz atacava agressivamente:

comendado a Aguiar pela

Gasparotto

★ A intelectualidade e nomes ligados as artes incorporaram-se à primeira etapa de comemorações aos 70 anos de Iberê Camargo com o vernissage de quinta-feira no Estúdio Cláudio Gil, no Rio. A exposição de pequenos quadros assinados por Iberê foi vista por Ferreira Goulart, o casal Alfredo Machado, ele o dirigente da editora Record cujos lançamentos incluem obras a respeito de arte, e Paula e Jones Bergamin entre muita gente conhecida que foi ao Estúdio. Depois aconteceu o jantar no apartamento de Cláudio Gil, quando Maria e Iberê foram homenageados. Logo mais, será ocasião do vernissage com os trabalhos de grandes dimensões de Iberê, desta vez na galeria de Thomás Cohn, no Rio.

DIÁRIO DE BORDO



* Como muitas outras pessoas, eu tinha a esperança de que os trabalhistas conseguissem formar, em Israel, um governo dedicado à causa da paz e da justiça social. Mas a coalizão com o Likud prova, ainda uma vez e melancolicamente, que política é apenas a arte do possível. Resta esperar que este possível inclua as mudanças que o líder trabalhista, Shimon Peres, anunciou como necessárias, e que são realmente necessárias.

* Há muitos anos Iberê Camargo denunciou, num famoso debate realizado no Teatro de Equipe, o "marasmo cultural" do Rio Grande do Sul. Menciono isto não apenas como homenagem ao espírito irrequieto de Iberê Camargo, que completa 70 anos presenteando o Rio Grande do Sul com uma retrospectiva no Margs, como também porque a lembrança daquela fase realmente devagar precisa funcionar como uma constante advertência. Ainda vivemos num período de marasmo? Acho que não, a julgar pelos numerosos lançamentos, espetáculos e acontecimentos. Nos últimos dias recebi convite para três peças de teatro: *Ensaio Geral*, *Ensaio da Vida* (Cla. Alfa Dez, no Teatro de Câmara), *A Casa de Bernarda Alba* e *Sob o Signo do Unicórnio* (grupo Face Carretos). Ventos novos sopram no Sul.

* Enquanto isto, bons filmes: *E La nave va*, do incrível (e também terno) Fellini; e *o cerebral Zelig*, de Woody Allen, sempre às voltas com seus problemas judaicos-psicanalítico-existenciais.

* Lya Luft de aniversário neste fim de semana. Motivo não apenas para uma *Reunião de Família*, mas para muitas homenagens à escritora que consolidou a vertente feminista e a abordagem da família em nossa literatura.

VEÍCULO: JORNAL DO COMÉRCIO PAG.: 71407
DATA: 17/9/84 SEÇÃO: DESTAQUES

IBERÊ

Algumas declarações importantes de Iberê Camargo, cujas obras encontram-se em exposição no MARCS e na Galeria Tina Presser.

— "A vida do pintor é a vida do homem. Um dia, a vida do homem — pintor foi sacudida pelos ventos de desgraça. Ferido, conheci o amor e o ódio, avalei a infinita capacidade humana no sublime ou no sórdido. Caminhei por caminhos ásperos sem outra luz que a da minha consciência. Neste transe conheci e amei mais os meus amigos.

"Hoje sou diferente, não mais aquele que conhecia porque lhe haviam ensinado. Tenho a minha própria experiência que marca, que é carne e sangue. A hora da desdita galvanizou-me. Fiz-me rijo como o homem que enfrenta o temporal, o vento."

Conheci um pouco mais do homem. Vou retornar ao MARCS para sentir melhor a sua arte e entender mais o artista. Vale a pena.

ARTE

Com grandeza e talento

Iberê Camargo numa mostra surpreendente

IBERÊ CAMARGO

• Galeria Luísa Strina, São Paulo

Há alguns anos, Iberê Camargo protagonizou uma tragédia e matou um homem no Rio de Janeiro. Parece-me hipócrita ou ingênuo pretender que, depois disso, seja possível olhar para a obra desse grande mestre da pintura brasileira com os mesmos olhos. No mínimo, saber que Iberê chegou a tal

uma individualidade que se transporta quase que fisicamente para a tela. De todos os abstracionistas brasileiros do tipo informal ou gestual, Iberê foi sempre o mais vigoroso, visceral e convincente. Esses poderes até hoje sobrevivem, junto com o envolvimento radical no ato de pintar. Sem a menor dúvida, Iberê morreria se fosse impedido de pintar. O fazer artístico lhe é tão necessário quanto comer e respirar. E os



“Figura e Signos”, de 1984: perfis angulosos como o de Iberê

paroxismo põe em relevo a complexidade mental que está por detrás de sua criação e lança novos contornos sobre seu universo estilístico, sempre sombrio e atormentado. Por outro lado, partindo do princípio de que toda arte é um ato de humanismo e amor à vida (mais até: é um bolsão de resistência da própria vida, um esforço de negação da entropia), a tragédia de Iberê causa particular perplexidade e sofrimento. Que bicho infeliz e imperfeito é o homem – e que terrível é sua circunstância!

Mas, também, que bicho imprevisível e imenso. Num poema comovente, escrevia o português Miguel Torga: “E apesar de tudo sou ainda o homem/ um bípede com fala e sentimentos”. Pode-se acrescentar, no caso de Iberê: ainda com grandeza e talento. Não fosse o perigo da retórica, diria que até de sua desgraça ele conseguiu extrair seiva para alimentar sua pintura. O impacto inicial da presente exposição é justamente o da força, da vida que nela se encontra, manifestada pela presença de

resultados, talvez por isso mesmo, continuam da mais absoluta e incontestável qualidade.

Essa qualidade não é nem um pouco perturbada sequer pela inesperada reclusão da figura humana no repertório de imagens de Iberê. Gravados com o cabo do pincel, em gestos nervosos de *graffiti*, ou desenhados diretamente com o tubo de tinta, em massas empastadas, surgem perfis angulosos como o do pintor ou máscaras com as mesmas sobrancelhas cerradas. Tem-se a impressão de que nesses semi-auto-retratos o artista, após a tragédia, procura escavar seu próprio eu, quem sabe procurando alguma explicação. E, por não ser gratuita – e sim resultante dessa necessidade interior –, a parcial volta à figura em Iberê Camargo não é nem traição nem incoerência. É, sim, a revelação de uma espécie de isótopo de Iberê, cujo *pathos* e contidência expressiva não encontram paralelo em nenhum outro artista brasileiro.

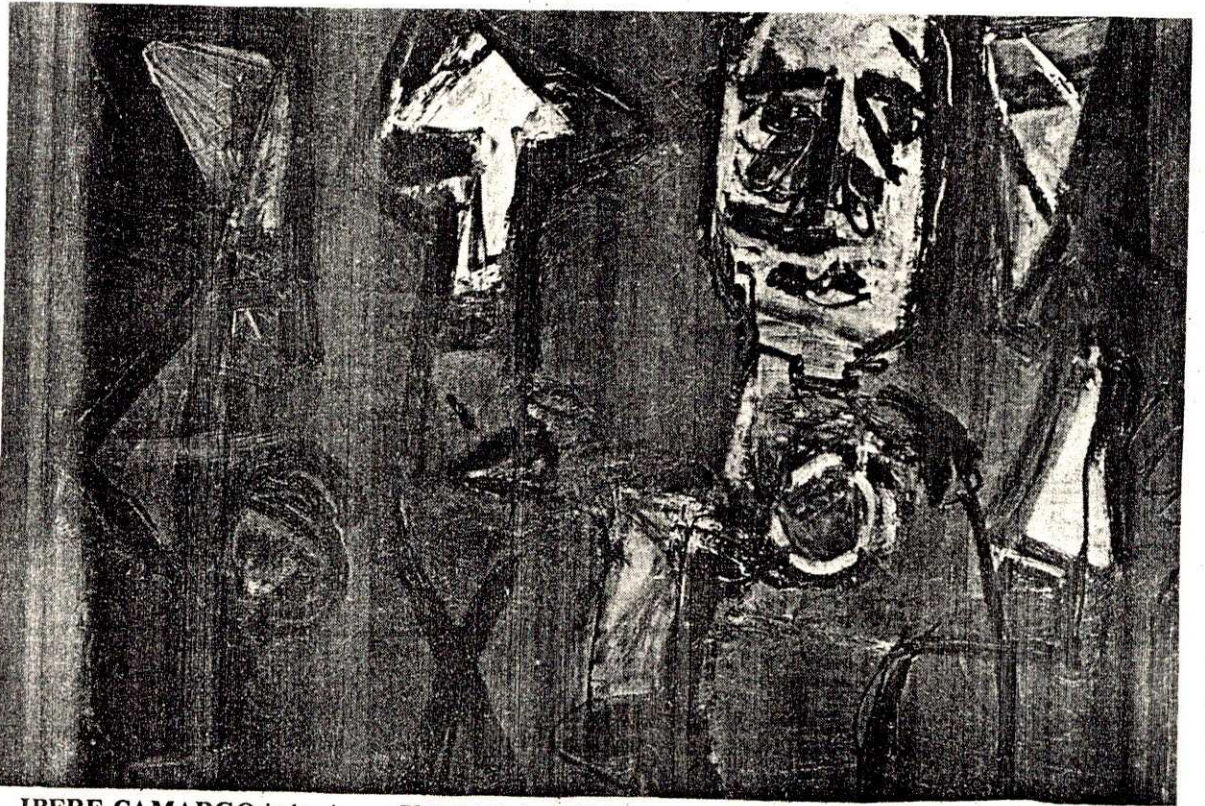
Olívio Tavares de Araújo▲

Jornal: Brazil Herald - NY

Data: 20 / 09 / 84

Página: 7

Assunto: Iberê Camargo



IBERÊ CAMARGO is having a 70th birthday celebration with exhibits in several major cities at the same time, including the exhibit at the Galeria Luiza Strina corner of Padre João Manuel and Oscar Freire (João Manoel 974 A 280-2471) in São Paulo. A nocturnal painter, he sees, to use the phrase of Fernando Pessoa, "*súbita mão de algum fantasma/oculto/entre as dobras da noite*" of a hidden ghost in the folds of the night". At the age of 70 he is one of the young

Jornal: Gazeta Mercantil Sul

Data: 22 e 24 / 09 / 84

Página: _____

Assunto: _____

Porto Alegre, sábado, 22 e segunda-feira, 24 de setembro de 1984 – GAZETA MERCANTIL SUL

Cultura e Lazer

ARTES PLÁSTICAS

IBERÊ CAMARGO — Mostra da obra contemporânea de pinturas e gauches na Galeria Tina Presser (Paulino Teixeira, 35), até dia 30 de setembro. De segunda a sexta-feira, das 10 às 12 e das 14 às 20 horas. E no sábado das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. No Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Praça da Alfândega), de terça a domingo, das 10 às 17 horas, até o dia 30 deste mês. Retrospectiva de sua trajetória desde a década de 40 até os anos 80.

MARGS

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Subsecretaria de Cultura
Secretaria da Educação e Cultura

Pça. da Alfândega, s/n.º - fone: 21-8456 - 90000 - Porto Alegre

Vasco Prado e Iberê Camargo, dois artistas gaúchos que fizeram de seus trabalhos uma arte sem fronteiras. Inovadores, às vezes políticos, mas sobretudo nomes brasileiros consagrados e respeitados por todos que apreciam as artes plásticas. O primeiro expõe sua recente produção escultórica na

Galeria Skultura, enquanto o segundo — os dois completando 70 anos de vida — tem três exposições para homenageá-lo, e uma delas em São Paulo, na Galeria Luisa Strina. Mesmo sem ser um militante político, Vasco Prado provocou polêmicas nesta área, nas décadas de 60 e 70, quando reinterpretou a

lenda gaúcha do "Negrinho do Pastoreio" e também uma figura da História, Tiradentes, segundo ele, com três bocas. Iberê Camargo, por sua vez, um artista que não se importa em ficar dia e noite inteiros com o tempo tomado por uma pintura, tem um temperamento impulsivo e utiliza em seus trabalhos cores escuras,

confessando que sua palheta é sombria, como os tons baixos de uma música. E faz uma revelação: "Quero fazer quadros grandes, para humilhar os ricos, pois não terão onde colocá-los". A exposição de Iberê Camargo poderá ser vista até o próximo dia 5, enquanto a de Vasco Prado fica em cartaz até o dia 30.

Vasco Prado: "Escultura é uma arte cívica"

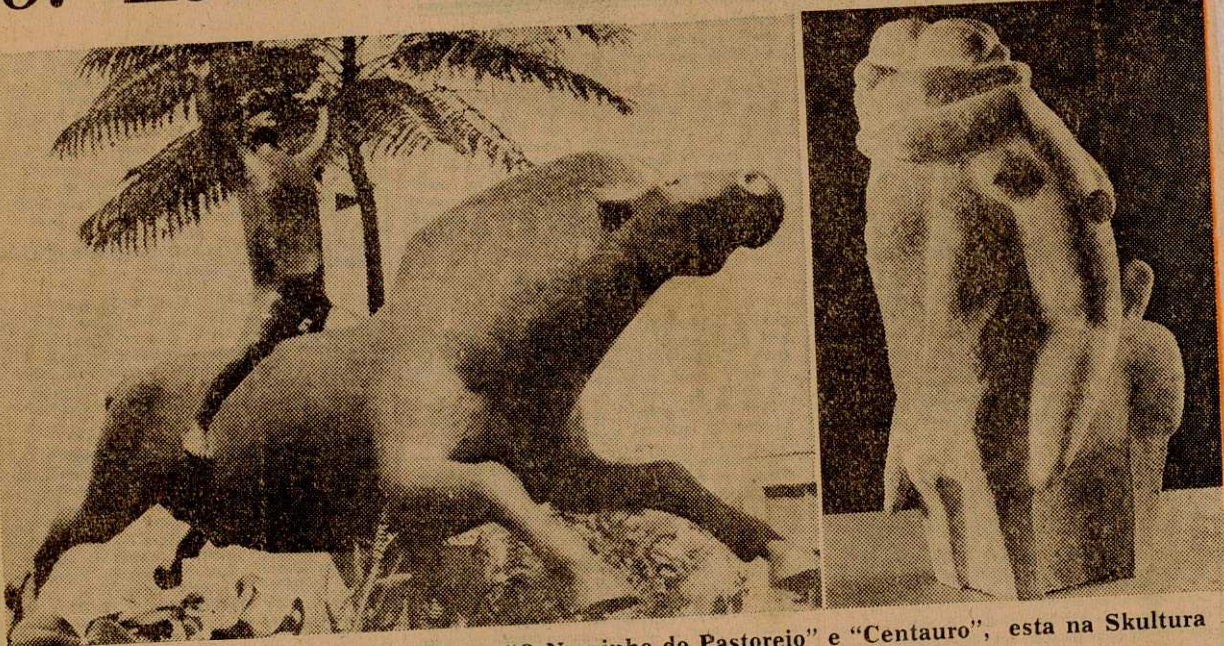
LEONOR AMARANTE

A história do Brasil sempre foi feita e continua a ser decidida no lombo de um cavalo. Assim como Marino Marini, escultor italiano, Vasco Prado elegeu o cavalo como uma de suas inspirações maiores. "Animal forte, elegante e político. Como a gente, se não nos metemos com a política, a política se mete com a gente". Aos 70 anos, mais de 40 dedicados à arte, Vasco Prado, num vôo rápido a São Paulo, expõe sua recente produção escultórica na galeria Skultura (alameda Lorena, 1.593).

Gaúcho, faz parte de um reduzido grupo de artistas que conseguiu romper as fronteiras do regionalismo e atingir uma linguagem universal, impressa também em desenhos e gravura. No trabalho de Vasco Prado, a gênese é o desenho. Na sua concepção, é com ele que a arte começa. "É também o desenho que determina as direções e as transformações da arte. Desenho é o ponto de partida para o esboço do quadro, da escultura e de qualquer outra criação plástica." Sistemático, rotineiro e perfeccionista, como ele próprio se define, não gosta de sair de sua Porto Alegre. Nunca se deixou iludir pelo mercado do eixo Rio/São Paulo, mesmo quando sua situação financeira não era das mais tranquilas. Só deixou, praticamente, a cidade quando foi trabalhar em Paris a convite do governo francês. "Corria o ano de 1948, apesar de autodidata sempre procurei aperfeiçoar-me. Minha estada na capital francesa foi extremamente positiva, especialmente por ter frequentado o ateliê de Fernand Léger. Um mestre da pintura, escultura, desenho, cerâmica e também do cinema. Sabia corrigir os trabalhos dos alunos respeitando. Acho que isso foi determinante para que eu não me deixasse influenciar por sua obra." Ainda em Paris Vasco Prado frequentou a Escola de Belas Artes e estudou escultura com Etienne Hadjo. Depois dessa experiência europeia fundou o Clube de Gravura de Porto Alegre. Os gaúchos descobrem Vasco Prado.

Entre os vários suportes, a escultura passa a merecer sua atenção maior e o figurativo entra em sua obra para ficar. "Para mim, a escultura deve revelar a história de um povo, é uma arte cívica. Através da figura do homem pode-se expressar mais fielmente a história de um país." Foi justamente essa concepção histórica e política da arte que acabou envolvendo Vasco Prado em dois episódios que lhe renderam alguns aborrecimentos mas por outro lado ajudou-o a reforçar sua posição política. "Um deles aconteceu em Alegrete, cidade do Rio Grande do Sul, quando a prefeitura local me encomendou uma escultura inspirada na lenda gaúcha "O Negrinho do Pastoreio". Normalmente costumam retratar o cavalo creolo, que se circunscreve graficamente num retângulo e a cabeça, de perfil, lembra a de um carneiro. O negrinho, por sua vez sempre aparece como vencido." Livre de qualquer compromisso com os estereótipos gaúchos, ele criou um negrinho triunfante, de braços erguidos, e um cavalo de linhas despojadas. "Era uma forma de mostrar que sempre há uma saída para os oprimidos. Parte da cidade não gostou." A ala conservadora, ligada ao tradicionalismo gaúcho, gritou. Alguns sugeriram até mesmo lançar a escultura no rio Ibirapuitan que passa a 50 metros da praça Rui Ramos na entrada da cidade. Isso aconteceu há sete anos, mas até hoje o trabalho ainda provoca calorosas discussões". Por causa desse episódio, Vasco Prado passou a integrar o Dicionário Internacional de Artes Plásticas, editado na Inglaterra, mas muitos alegretenses não dão importância ao fato. No Rio, o crítico Francisco Bittencourt chegou a sugerir que a peça fosse transportada definitivamente para o Rio.

Alguns anos antes, desafiando a censura, Vasco Prado já causava espanto nos meios políticos quando a Assembleia Legislativa de Porto Alegre lhe encomendara uma estátua de Tiradentes. Dessa vez, o escultor foi ainda mais ousado. "Era o ano de 1974, a censura silenciava a todos nós. Então resolvi ressuscitar o fantasma de Tiradentes e atribuir-lhe três bocas. Novos protestos. Afinal, o Tiradentes clássico sempre foi mostrado com uma corda no pescoço, olhar resignado, uma figura patética, quase bíblica. Meu inconden-



Criações de Vasco Prado: a polémica "O Negrinho do Pastoreio" e "Centauro", esta na Skultura

Iberê: "Quero a arte brutal, viva"

CELSO ROSA

Ao chegar aos 70 anos de vida — que completará no dia 18 de novembro próximo — Iberê Camargo é um homem com pleno vigor, irrequieto, amargurado e muito exigente com sua obra. Tão exigente a ponto de refazer várias vezes uma mesma obra e trabalhar durante 20 horas ininterruptas sobre a mesma tela, como aconteceu na semana passada, quando criou mais um "auto-retrato". Mas o rigor a que se impõe não impede que tenha uma grande produção, e uma prova disso é que, ao atingir seu ano 70, 40 dos quais dedicados exclusivamente às artes plásticas, criou 58 novas obras em óleo, e outras 20 em guache.

Dois meses antes de completar seus 70 anos, que estão sendo homenageados por duas retrospectivas em Porto Alegre — no Museu de Artes do Rio Grande do Sul e na Galeria Tina Presser — e outras três em São Paulo (Galeria Luisa Strina) e no Rio (Thomas Cohn e Cláudio Gil), Iberê Camargo compara-se ao mito grego de Sísifo, condenado a rolar, até o final na vida, uma enorme pedra. "Ele assemelha-se ao pintor que dia e noite é obrigado a pintar, sem tréguas, durante a vida toda, sem esmorecer. Mas o que seria de Sísifo se não fosse mais obrigado pelos infernos a rolar sua pedra, e do pintor se não sentisse mais a compulsão de pintar, de pintar sem tréguas? Seriam ambos criaturas sem destino."

Assim, Iberê tem vivido, entregando-se de forma quase obsessiva à sua obra, toda, segundo ele, "fruto de uma paixão". Uma paixão que o leva a não medir nada, nem gastos com as tintas estrangeiras e caras que utiliza, nem o tempo necessário para a obra. Por isso mesmo, faz obras "que o Brasil de Delfim Netto não comporta", acrescentando uma crítica "à política de obediência ao FMI, que dificulta a importação de materiais, pondo em risco a cultura nacional".

Ao entrar em seus anos 70, Iberê decidiu fazer tudo o que responde a seus sentimentos, "independente de catalogações, do que outros estabeleceram, consagraram e premiaram". Esta, na verdade, é uma característica que o acompanha desde o início de sua carreira, quando a inquietude e irreverência o fizeram abandonar a profissão de desenhista, no final da

década de 30. Pela mesma razão, abandonou a Escola Nacional de Belas Artes, no Rio, apenas dois meses depois de haver ingressado, em 1942, devido à orientação marcadamente acadêmica que era imposta. "Todo indivíduo vive dentro de um sistema, obedece regras, é dimensionado. Mas um artista, para ser criador, deve estar livre de amarras. Arte é um grito de liberdade", justificando suas atitudes passadas, e seu desejo atual de manter-se fiel apenas a seus sentimentos.

No início dos anos 40, Iberê transpunha paisagens para suas telas e, com uma delas, "A Lapa", recebeu o "Prêmio Viagem ao Estrangeiro", no Salão de Arte Moderna, do Rio, em 1947. Viajou a Paris, estudou pintura com Giorgio de Chirico e André Lhote. Aprendeu a arte do afresco com Antonio Achille e gravura com Carlos Alberto Petrucci. Em seu retorno ao País, Iberê ingressou em uma nova fase, a do abstracionismo. Houve um período em que as garrafas predominaram em suas telas. Depois foi a vez dos carretéis — os antigos carretéis de linha, feitos em madeira — através dos quais o artista dava um mergulho em sua infância. Há dois anos, quando decidiu voltar para Porto Alegre, suas telas começaram a ser ocupadas por figuras geométricas em forma de cubos, assemelhando-se a dados.

Mas, apesar da predominância das figuras geométricas em suas telas, Iberê Camargo não aceita o rótulo de artista totalmente abstrato. Isto porque suas figuras quase sempre ganham contornos humanos e, principalmente, porque entende que suas obras exigem a participação do espectador, que irá interpretá-las.

"São quadros que vêm carregados de amor, ódio e lirismo, sentimentos que ganharão mais, ou menos, intensidade, dependendo de quem observa a obra. De qualquer forma, é certo que provocarão uma reação, quer de repulsa, quer de atração. Não há indiferença diante das obras de Iberê", assegura o marchand Cláudio Gil, que viajou à capital gaúcha para preparar a retrospectiva do artista em sua galeria.

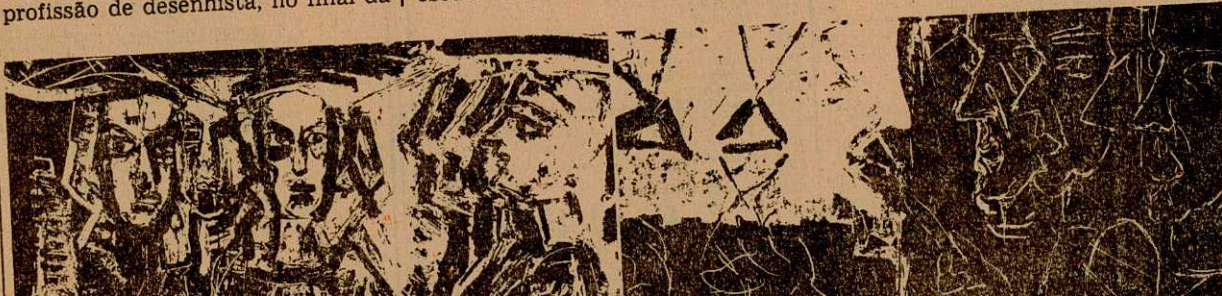
Outra característica que se tem mantido imutável ao longo dos últimos anos, na obra de Iberê, é o tom escuro das tintas que utiliza. Ele

próprio reconhece: "Minha palheta é sombria. Como os tons baixos de uma música". Influência de seu interior? Iberê Camargo não sabe, mas reconhece ser possível, já que considera a arte uma metáfora e, assim, as influências não são explícitas. Em 1982, poucos meses após ter-se instalado em uma casa na rua Lopo Gonçalves, em Porto Alegre, Iberê disse que pretendia recuperar o verde em suas telas, uma cor perdida pelo enclausuramento em ateliê, em seus últimos anos no Rio. Porém, dois anos após, continua a utilizar os mesmos tons sombrios e pesados, onde predominam o preto e o marrom.

Iberê é um artista impulsivo, a ponto de no meio de uma conversa informal com amigos, dois dos quais marchands, deixá-los por ter sido tomado de uma súbita necessidade de retratá-los, como aconteceu recentemente. Outra característica facilmente perceptível em sua obra, pelo menos nos últimos dois anos, é a inclusão dele mesmo, de forma clara ou sutil, entre os personagens ou objetos. "Eu trabalho como que tirando de um poço cabalístico, o que é meu interior, tudo aquilo que se reúne em mim e que de repente transfigura-se numa tela. No fundo, acredito que tudo o que fazemos é sempre um auto-retrato. E, por isso, a mesma tela, a mesma metáfora, porque está sempre a refazer a ele próprio."

Entregue a uma paixão, sem o que não sabe viver, como afirma, Iberê não gosta de coisas pequenas: "Não sei viver a conta-gotas". Por isso, não se preocupa com quanta tinta emprega em uma tela, em seu constante fazer e refazer. O importante é chegar a um bom quadro. Sua exigência para com sua obra já fez com que reiniciasse uma pintura, depois mesmo de haver assinado a tela. "As vezes, sujo a cor no desespero de expressar, achando sempre que a obra não está bastante forte e livre. Quero arte brutal, violenta, suja se necessário for, mas veemente, viva: verdade." O que ele não quer, é "arte decorativa". Mas Iberê Camargo persegue ainda outro objetivo que é o trabalhar em telas grandes — as de 2,50m X 1,50m são suas prediletas: "Quero fazer quadros grandes, para humilhar os ricos, pois não terão onde colocá-los".

(Porto Alegre/Ag. Estado)



Vasco Prado e Iberê Camargo, dois artistas gaúchos que fizeram de seus trabalhos uma arte sem fronteiras. Inovadores, às vezes políticos, mas sobretudo nomes brasileiros consagrados e respeitados por todos que apreciam as artes plásticas. O primeiro expõe sua recente produção escultórica na

Galeria Skultura, enquanto o segundo — os dois completando 70 anos de vida — tem três exposições para homenageá-lo, e uma delas em São Paulo, na Galeria Luiza Strina. Mesmo sem ser um militante político, Vasco Prado provocou polêmicas nesta área, nas décadas de 60 e 70, quando reinterpreto

lenda gaúcha do “Negrinho do Pastoreio” e também uma figura da História, Tiradentes, segundo ele, com três bocas. Iberê Camargo, por sua vez, um artista que não se importa em ficar dia e noite inteiros com o tempo tomado por uma pintura, tem um temperamento impulsivo e utiliza em seus trabalhos cores escuras,

confessando que sua palheta é sombria, como os tons baixos de uma música. E faz uma revelação: “Quero fazer quadros grandes, para humilhar os ricos, pois não terão onde colocá-los”. A exposição de Iberê Camargo poderá ser vista até o próximo dia 5, enquanto a de Vasco Prado fica em cartaz até o dia 30.

Vasco Prado: “Escultura é uma arte cívica”

LEONOR AMARANTE

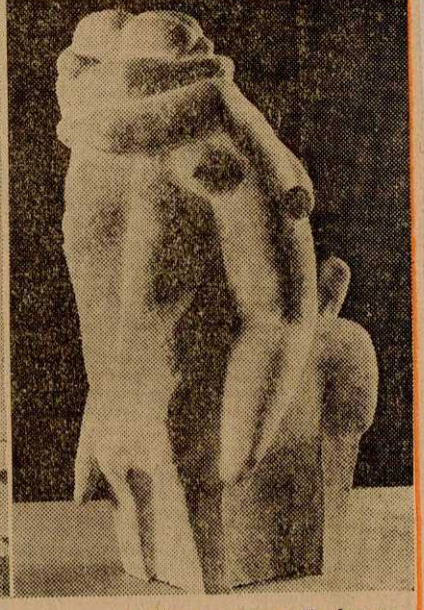
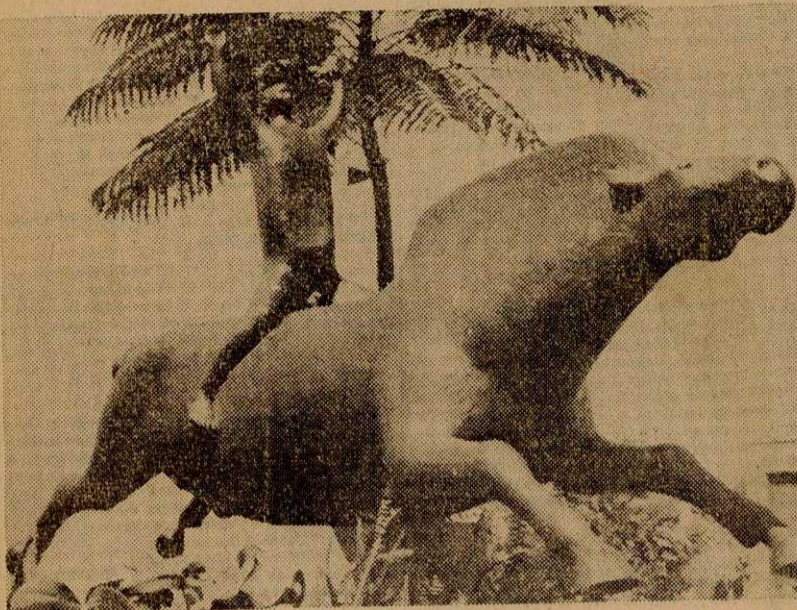
A história do Brasil sempre foi feita e continua a ser decidida no lombo de um cavalo. Assim como Marino Marini, escultor italiano, Vasco Prado elegeu o cavalo como uma de suas inspirações maiores. “Animal forte, elegante e político. Como a gente, se não nos metemos com a política, a política se mete com a gente”. Aos 70 anos, mais de 40 dedicados à arte, Vasco Prado, num vôo rápido a São Paulo, expõe sua recente produção escultórica na galeria Skultura (alameda Lorena, 1.593).

Gaúcho, faz parte de um reduzido grupo de artistas que conseguiu romper as fronteiras do regionalismo e atingir uma linguagem universal, impressa também em desenhos e gravura. No trabalho de Vasco Prado, a gênese é o desenho. Na sua concepção, é com ele que a arte começa. “É também o desenho que determina as direções e as transformações da arte. Desenho é o ponto de partida para o esboço do quadro, da escultura e de qualquer anotação plástica.” Sistemático, rotineiro e perfeccionista, como ele próprio se define, não gosta de sair de sua Porto Alegre. Nunca se deixou iludir pelo mercado do eixo Rio/São Paulo, mesmo quando sua situação financeira não era das mais tranquilas. Só deixou, praticamente, a cidade quando foi trabalhar em Paris a convite do governo francês. “Corria o ano de 1948, apesar de autodidata sempre procurei aperfeiçoar-me. Minha estada na capital francesa foi extremamente positiva, especialmente por ter freqüentado o ateliê de Fernand Léger. Um mestre da pintura, escultura, desenho, cerâmica e também do cinema. Sabia corrigir os trabalhos dos alunos respeitando. Acho que isso foi determinante para que eu não me deixasse influenciar por sua obra.” Ainda em Paris Vasco Prado freqüentou a Escola de Belas Artes e estudou escultura com Etienne Hadjo. Depois dessa experiência europeia fundou o Clube de Gravura de Porto Alegre. Os gaúchos descobrem Vasco Prado.

Entre os vários suportes, a escultura passa a merecer sua atenção maior e o figurativo entra em sua obra para ficar. “Para mim, a escultura deve revelar a história de um povo, é uma arte cívica. Através da figura do homem pode-se expressar mais fielmente a história de um país.” Foi justamente essa concepção histórica e política da arte que acabou envolvendo Vasco Prado em dois episódios que lhe renderam alguns aborrecimentos mas por outro lado ajudou-o a reforçar sua posição política. “Um deles aconteceu em Alegrete, cidade do Rio Grande do Sul, quando a prefeitura local me encomendou uma escultura inspirada na lenda gaúcha “O Negrinho do Pastoreio”. Normalmente costumam retratar o cavalo creolo, que se circunscreve graficamente num retângulo e a cabeça, de perfil, lembra a de um carneiro. O negrinho, por sua vez sempre aparece como vencido.” Livre de qualquer compromisso com os estereótipos gaúchos, ele criou um negrinho triunfante, de braços erguidos, e um cavalo de linhas despojadas. “Era uma forma de mostrar que sempre há uma saída para os oprimidos. Parte da cidade não gostou. “A ala conservadora, ligada ao tradicionalismo gaúcho, gritou. Alguns sugeriram até mesmo lançar a escultura no rio Ibirapuitan que passa a 50 metros da praça Rui Ramos na entrada da cidade. Isso aconteceu há sete anos, mas até hoje o trabalho ainda provoca calorosas discussões”. Por causa desse episódio, Vasco Prado passou a integrar o Dicionário Internacional de Artes Plásticas, editado na Inglaterra, mas muitos alegretenses não dão importância ao fato. No Rio, o crítico Francisco Bittencourt chegou a sugerir que a peça fosse transportada definitivamente para o Rio.

Alguns anos antes, desafiando a censura, Vasco Prado já causava espanto nos meios políticos quando a Assembléia Legislativa de Porto Alegre lhe encomendara uma estátua de Tiradentes. Dessa vez, o escultor foi ainda mais ousado. “Era o ano de 1974, a censura silenciava a todos nós. Então resolvi ressuscitar o fantasma de Tiradentes e atribuir-lhe três bocas. Novos protestos. Afinal, o Tiradentes clássico sempre foi mostrado com uma corda no pescoço, olhar resignado, uma figura mística, quase bíblica. Meu inconfidente não é passivo e ainda por cima o retratei protegendo uma árvore, que é o símbolo da democracia.”

Apesar de ter estado na Europa em pleno apogeu do abstracionismo, Vasco Prado permaneceu fiel ao figurativo. “Respeito o experimentalismo contido em algumas propostas vanguardistas internacionais. Mas sou artista figurativo e quero fazer-me entender com uma linguagem universal. Nem fria nem servil.”



Criações de Vasco Prado: a polêmica “O Negrinho do Pastoreio” e “Centauro”, esta na Skultura

Iberê: “Quero a arte brutal, viva”

CELSO ROSA

Ao chegar aos 70 anos de vida — que completará no dia 18 de novembro próximo — Iberê Camargo é um homem com pleno vigor, irrequeto, amargurado e muito exigente com sua obra. Tão exigente a ponto de refazer várias vezes uma mesma obra e trabalhar durante 20 horas ininterruptas sobre a mesma tela, como aconteceu na semana passada, quando criou mais um “auto-retrato”. Mas o rigor a que se impõe não impede que tenha uma grande produção, e uma prova disso é que, ao atingir seu ano 70, 40 dos quais dedicados exclusivamente às artes plásticas, criou 58 novas obras em óleo, e outras 20 em guache.

Dois meses antes de completar seus 70 anos, que estão sendo homenageados por duas retrospectivas em Porto Alegre — no Museu de Artes do Rio Grande do Sul e na Galeria Tina Presser — e outras três em São Paulo (Galeria Luiza Strina) e no Rio (Thomas Cohn e Cláudio Gil), Iberê Camargo compara-se ao mito grego de Sísifo, condenado a rolar, até o final na vida, uma enorme pedra. “Ele assemelha-se ao pintor que dia e noite é obrigado a pintar, sem trégua, durante a vida toda, sem esmoecer. Mas o que seria de Sísifo se não fosse mais obrigado pelos infernos a rolar sua pedra, e do pintor se não sentisse mais a compulsão de pintar, de pintar sem tréguas? Seriam ambos criaturas sem destino.”

Assim, Iberê tem vivido, entregando-se de forma quase obsessiva à sua obra, toda, segundo ele, “fruto de uma paixão”. Uma paixão que o leva a não medir nada, nem gastos com as tintas estrangeiras e caras que utiliza, nem o tempo necessário para a obra. Por isso mesmo, faz obras “que o Brasil de Delfim Netto não comporta”, acrescentando uma crítica “à política de obediência ao FMI, que dificulta a importação de materiais, pondo em risco a cultura nacional”.

Ao entrar em seus anos 70, Iberê decidiu fazer tudo o que responde a seus sentimentos, “independente de catalogações, do que outros estabeleceram, consagraram e premiaram”. Esta, na verdade, é uma característica que o acompanha desde o início de sua carreira, quando a inquietude e irreverência o fizeram abandonar a profissão de desenhista, no final da

década de 30. Pela mesma razão, abandonou a Escola Nacional de Belas Artes, no Rio, apenas dois meses depois de haver ingressado, em 1942, devido à orientação marcadamente acadêmica que era imposta. “Todo indivíduo vive dentro de um sistema, obedece regras, é dimensionado. Mas um artista, para ser criador, deve estar livre de amarras. Arte é um grito de liberdade”, justificando suas atitudes passadas, e seu desejo atual de manter-se fiel apenas a seus sentimentos.

No início dos anos 40, Iberê transpunha paisagens para suas telas e, com uma delas, “A Lapa”, recebeu o “Prêmio Viagem ao Estrangeiro”, no Salão de Arte Moderna, do Rio, em 1947. Viajou a Paris, estudou pintura com Giorgio de Chirico e André Lhote. Aprendeu a arte do afresco com Antonio Achille e gravura com Carlos Alberto Petrucci. Em seu retorno ao País, Iberê ingressou em uma nova fase, a do abstracionismo. Houve um período em que as garrafas predominaram em suas telas. Depois foi a vez dos carretéis — os antigos carretéis de linha, feitos em madeira — através dos quais o artista dava um mergulho em sua infância. Há dois anos, quando decidiu voltar para Porto Alegre, suas telas começaram a ser ocupadas por figuras geométricas em forma de cubos, assemelhando-se a dados.

Mas, apesar da predominância das figuras geométricas em suas telas, Iberê Camargo não aceita o rótulo de artista totalmente abstrato. Isto porque suas figuras quase sempre ganham contornos humanos e, principalmente, porque entende que suas obras exigem a participação do espectador, que irá interpretá-las.

“São quadros que vêm carregados de amor, ódio e lirismo, sentimentos que ganharão mais, ou menos, intensidade, dependendo de quem observa a obra. De qualquer forma, é certo que provocarão uma reação, quer de repulsa, quer de atração. Não há indiferença diante das obras de Iberê”, assegura o marchand Cláudio Gil, que viajou à capital gaúcha para preparar a retrospectiva do artista em sua galeria.

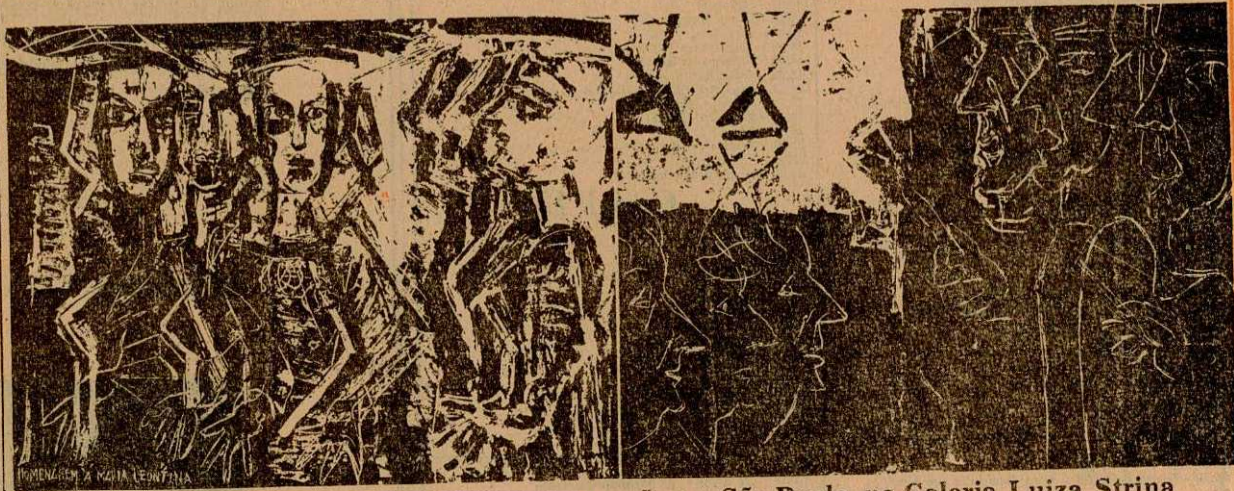
Outra característica que se tem mantido imutável ao longo dos últimos anos, na obra de Iberê, é o tom escuro das tintas que utiliza. Ele

próprio reconhece: “Minha palheta é sombria. Como os tons baixos na música”. Influência de seu interior? Iberê Camargo não sabe, mas reconhece ser possível, já que considera a arte uma metáfora e, assim, as influências não são explícitas. Em 1982, poucos meses após ter-se instalado em uma casa na rua Lopo Gonçalves, em Porto Alegre, Iberê disse que pretendia recuperar o verde em suas telas, uma cor perdida pelo enclausuramento em ateliê, em seus últimos anos no Rio. Porém, dois anos após, continua a utilizar os mesmos tons sombrios e pesados, onde predominam o preto e o marrom.

Iberê é um artista impulsivo, a ponto de no meio de uma conversa informal com amigos, dois dos quais marchands, deixá-los por ter sido tomado de uma súbita necessidade de retratá-los, como aconteceu recentemente. Outra característica facilmente perceptível em sua obra, pelo menos nos últimos dois anos, é a inclusão dele mesmo, de forma clara ou sutil, entre os personagens ou objetos. “Eu trabalho como que tirando de um poço cabalístico, o que é meu interior, tudo aquilo que se reúne em mim e que de repente transfigura-se numa tela. No fundo, acredito que tudo o que fazemos é sempre um auto-retrato. E, por isso, a mesma tela, a mesma metáfora, porque está sempre a refazer a ele próprio.”

Entregue a uma paixão, sem o que não sabe viver, como afirma, Iberê não gosta de coisas pequenas: “Não sei viver a conta-gotas”. Por isso, não se preocupa com quanta tinta emprega em uma tela, em seu constante fazer e refazer. O importante é chegar a um bom quadro. Sua exigência para com sua obra já fez com que reiniciasse uma pintura, depois mesmo de haver assinado a tela. “Às vezes, sujo a cor no desespero de expressar, achando sempre que a obra não está bastante forte e livre. Quero arte brutal, violenta, suja se necessário for, mas veemente, viva: verdade.” O que ele não quer, é “arte decorativa”. Mas Iberê Camargo persegue ainda outro objetivo que é o trabalhar em telas grandes — as de 2,50m X 1,50m são suas prediletas: “Quero fazer quadros grandes, para humilhar os ricos, pois não terão onde colocá-los”.

(Porto Alegre/Ag. Estado)



Detalhes de pinturas que Iberê Camargo expõe em São Paulo, na Galeria Luiza Strina

Aos 70 anos, entre muitas exposições e homenagens, Iberê Camargo fala de d

'Minha vida começa no co

Sucursal de Porto Alegre

A Lopo Gonçalves é uma rua antiga na Cidade Baixa, em Porto Alegre. Nela, Iberê Camargo instalou seu ateliê. Sob a luz da clarabóia do teto e em frente ao autorretrato que lhe custou 20 horas ininterruptas de luta com a tela, as tintas e a espátula, o artista falou ao JORNAL DO PAÍS. Não economizou palavras, conceitos e sobretudo tempo, que foi escorregando devagar enquanto ele, lento, se mexia na cadeira, pensava no que dizia, revelava um lado sombrio mas, como na sua pintura atual, marcado pelas pequenas claridades do lirismo e talvez da esperança.

O que estaria inspirando hoje este pintor que, depois de uma carreira bem-sucedida em termos nacionais, retorna à terra natal e continua trabalhando?

— Eu poderia — começa ele — falar das árvores que morreram à beira dos rios, das sangas, da cor da tabatinga, dos fundos dos quintais, das ruas silenciosas, das janelas vazias, do teu sofrimento, do meu, enfim, de tudo que faz o mundo do homem. Sempre escolhi modelos que oferecessem possibilidades à minha fantasia.

Nascido no pequeno lugarejo de Restinga Seca, Rio Grande do Sul, em 1914, Iberê absorveu todo o silêncio e a tristeza da campanha:

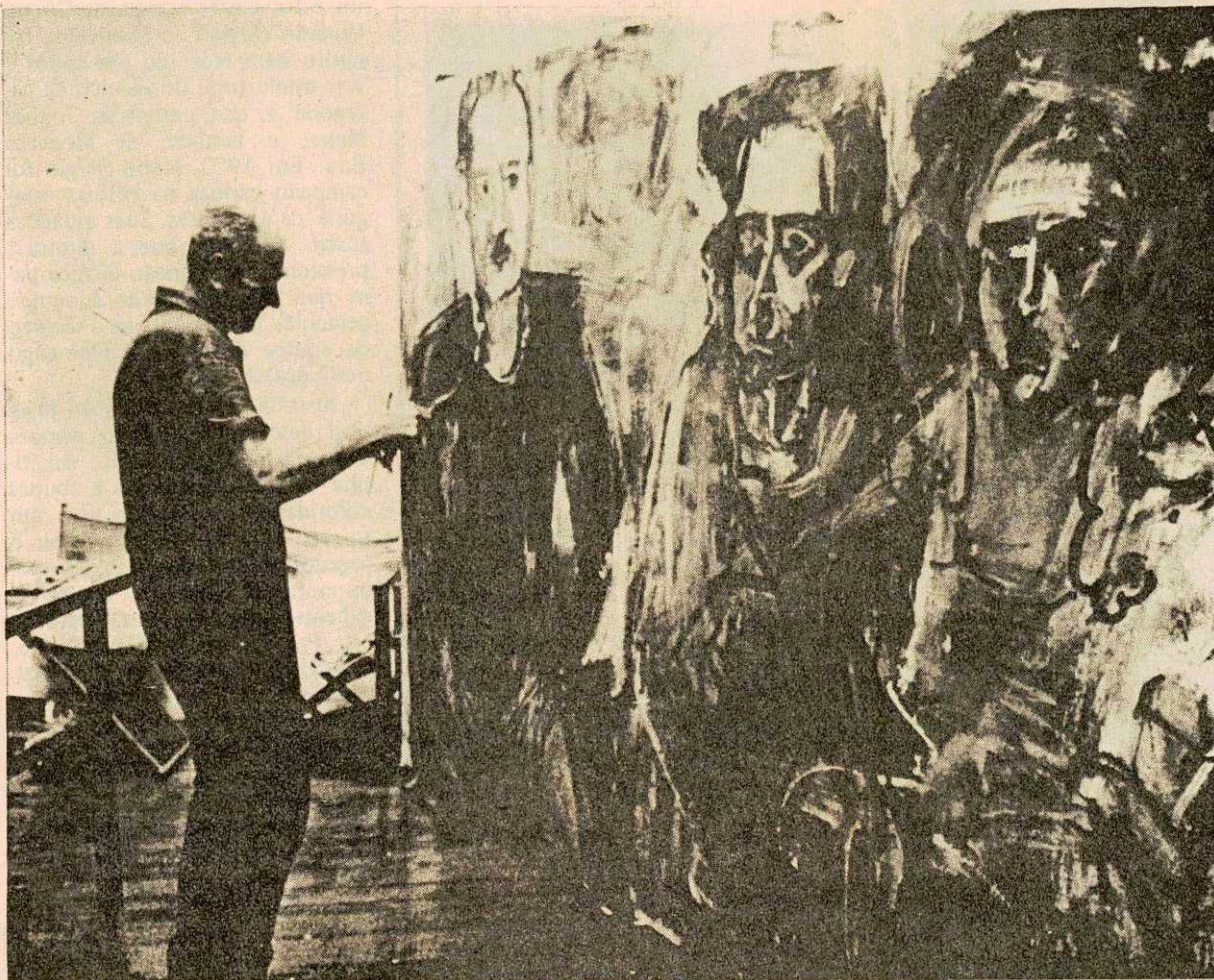
— Este silêncio carregado de sortilégios tem sido o tema permanente dos meus quadros. Os carretéis, objetos de infância, tornaram-se os símbolos constantes das tensões e dramas que pressinto no mundo em que vivo. Não pinto modelos, mas emoções.

Aos 70 anos, reconhecido pela crítica e pelo público, alvo de muitas homenagens, Iberê conserva sempre o sorriso triste. Talvez lhe passe pela cabeça a tragédia em que, há alguns anos, no Rio de Janeiro, foi agredido na rua, reagiu e matou acidentalmente um homem, tendo sido absolvido. Não seria justo nem delicado recordar o episódio. Melhor ouvir Iberê falar da emoção, matéria-prima maior do seu trabalho:

— Quem carrega ódios é um porco-espinho virado do avesso. O sujeito só vai se machucando. Eu não guardo ódios, as ofensas perdão e pratico a filosofia de jamais esquecer um favor. Conheço o amor. Pessoas dedicadas, amigos sinceros, gente que se aproxima e fica amigo, tudo isto é muito gratificante, porque vivo pelo coração. Sou um pintor da intuição, da emoção. Minha vida é toda pautada no coração, no sentimento.

Neste sentido, Iberê trabalha calcado não só no drama mas também nas suas idéias e convicções políticas. Foram elas, por exemplo, que o levaram a pintar enormes painéis usados na campanha pelas diretas-já. É a sua maneira firme de se situar diante do mundo que o leva a dizer agora:

— Geralmente as pessoas se escondem atrás das páginas que escrevem. Eu não. Sou um homem nu, me desnudo, me revelo. Digo as coisas, pinto como penso, a verdade é uma coisa tão maravilhosa, tão necessária ao mundo que não pode-



A pintura ajudou Iberê Camargo a situar-se no mundo e a superar a desgraça. Hoje ele está tranqüilo.

mos ocultá-la e ela vai prevalecer sempre. Pode ser que eu seja um Quixote, mas realmente acredito.

Além do tom político, no papo com Iberê não falta a velha e direta franqueza gaúcha:

— Se o Castello Branco, quando chegou ao poder, tivesse perguntado quais os oficiais que votaram nele e dissesse: "Vocês votaram em mim por calhordice" e botasse todos pra fora, teria feito um grande Governo, porque a gente, quando faz uma obra, tem de escolher o melhor material possível. Se você usar porcaria, a obra também vai ser. Não se pode fazer boas coisas com gente ordinária.

E já que o assunto é política, o que Iberê acharia da possibilidade de Paulo Maluf chegar à Presidência pelo Colégio Eleitoral?

— Uma barbaridade, uma calamidade nacional, são métodos impensáveis. Mas vou dizer uma coisa: diga-me com quem andas e te direi quem és. A gente sempre escolhe os semelhantes e seria até de se estranhar que os eleitores do Colégio escolhessem coisa melhor.

E quanto à candidatura Tancredo Neves?

— Não tenho muito entusiasmo, mas se tivesse de votar votava no Tancredo se não tivesse outro. Ele é

conservador, mas parece correto, deve ser capaz e conhece política administrativa. É melhor um conservador do que um sujeito destrambelhado que eu não sei o passado dele. Mas esse jogo não me entusiasma muito. A única saída seria o povo decidir o seu destino em eleição direta, já. Mas não creio muito que venha, o FMI não deixa.

— A vida do homem é como um rio que corre — filosofa, olhando longe, Iberê Camargo — e esse rio faz seu leito. Mas ele faz isto em parte, porque a rocha resiste, a aspereza do caminho também influi na direção dos nossos passos. A gen-

te é condicionado pelos fatos, pelas coisas, nós vamos respondendo pelo caminho. Nós o vamos fazendo, vai se abrindo. Não estou sentado em cima da glória aos 70 anos e conforto, estou sempre na luta, como se estivesse começando e debatendo com as dificuldades que são, em nosso país, cada vez maiores.

Neste ponto, o artista se interrompe. Por mais que ele queira falar do individual, do seu mergulho particular e único, o país interfere, entra pelas frestas da janela, pela formação da televisão. E neste ponto caótico e mutante, cresce a complexidade do homem e do artista.

— Parece que há um plano para tornar o Brasil um país sem memória, sem alma, sem grandeza. Falam mal dos países da Cortina Ferro com os indivíduos confundidos, sem poder ver o que se passa, mas nós estamos na mesma situação. O problema econômico assedia o indivíduo. A cada dia torna-se mais caro e ficamos aí obedecendo às normas dos agiotas internacionais, escravizados, condenados por este tal de FMI. Não seria melhor vendermos nosso minério por preços mais justos? Mas isto acontece porque não há união entre miseráveis.

Dentro de um mundo com características, o que a arte deve refletir, ou melhor, o que está refletindo hoje a arte de Iberê Camargo?

— A arte não é moralizante, é uma pregação. Mas ela é conteúdo humano e tem de partir da realidade em que ela se produz. A arte suas metáforas, não é sexo exposto. Este meu autorretrato tem uma expectativa, algo angustiante. Vejo o mundo hoje com muita angústia. Vem por aí o sol, mas quando ele vem mais brilhante, a gente desconfia que alguém apertou o botão atômico. Ninguém mais tem segurança alguma, tanto individualmente como coletivamente. Quando morar no Rio, eu passeava de manhã pela Floresta da Tijuca, as pessoas se falavam. Hoje, estão confinadas

Homenagem a amigos

É tamanha a importância dos amigos na vida de Iberê Camargo que ele seria capaz de falar horas sobre eles. "Um dia, conta o artista, Augusto Meyer foi nomeado oficial da Guarda Nacional. Então, ele pediu audiência a Getúlio Vargas e disse que não podia aceitar, porque nunca tinha segurado uma arma. E seu nome foi riscado para sempre do poder. Hoje em dia, os oficiais entendem de tudo, vão dirigir até colégios de crianças e repartições públicas. Eu acho que as pessoas devem atuar naquilo que entendem".

As recordações se sucedem. Um nome puxa outro e eles vão se sucedendo, como um fio estendido através do tempo:

— Realmente valeu a pena conhecer gente como Luiz Aranha, que me deu apoio integral, Moysés Vellinho, com sua cabeça extraordinária e sua lucidez de intelectual, o Décio Souza, analista, uma pessoa brilhante, o Marechal Cordeiro de Farias, que, quando Interventor no Rio Grande do Sul, me deu uma bolsa para estudar no Rio de Janeiro, para que muito contribuiu o nosso velho Viana Moog. Minha mulher foi fundamental, pois suportou toda a carga. São muito importantes as pessoas que vão influir no nosso destino, assim como há outras que a gente não devia

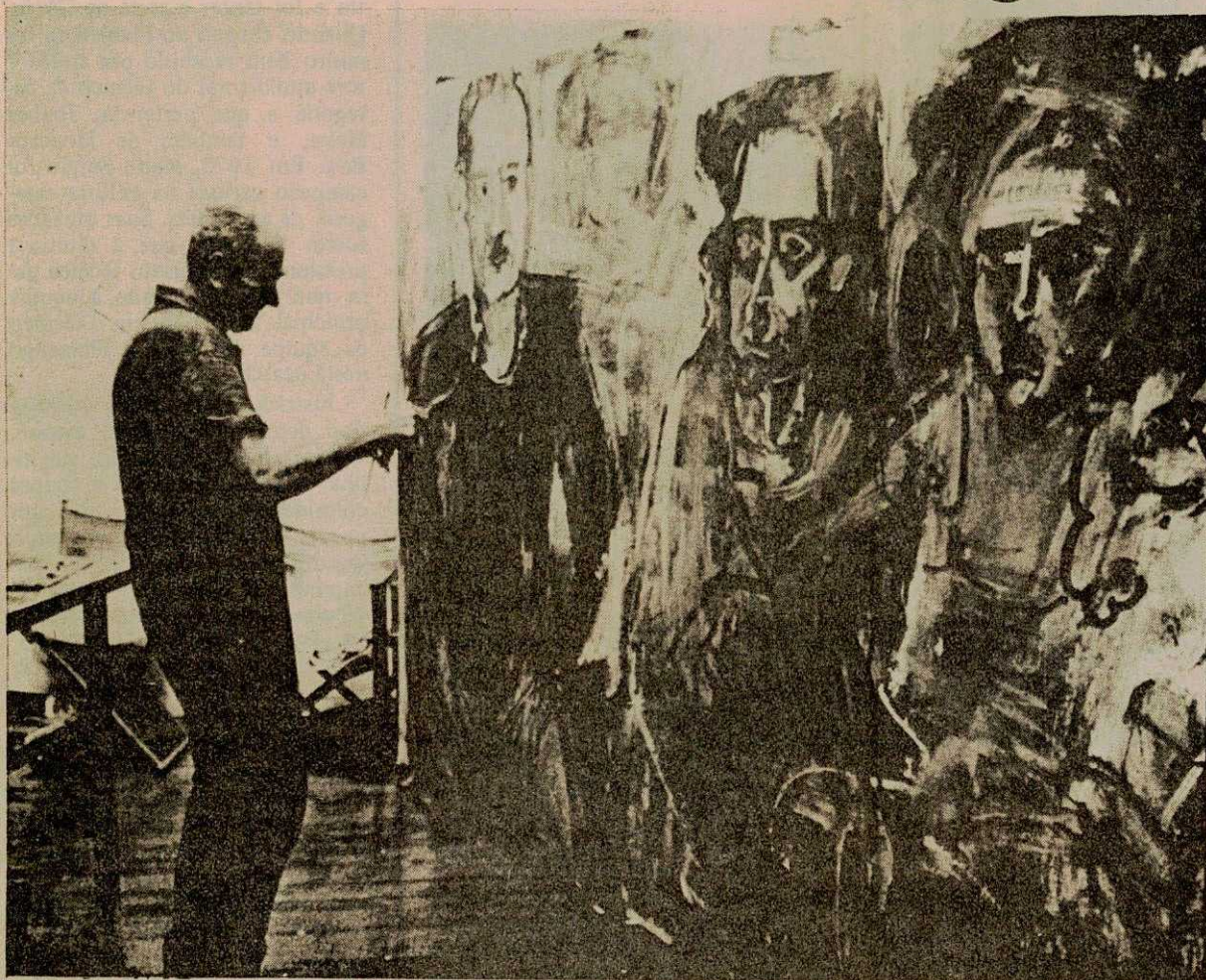
conhecer nem de vista... O mundo é muito grande, mas o nosso são os nossos amigos.

Neste ponto, Iberê concorda em pintar com palavras alguns retratos, homenageando seus amigos:

— Érico Veríssimo: grande figura; me convidou para fazer uma exposição nos Estados Unidos. Sérgio Correa da Costa, o embaixador que me levou para expor em Londres. Mário Quintana: fiquei muito magoado porque não o deixaram entrar para a Academia Brasileira de Letras e mandei-lhe um telegrama dizendo que o Mário é muito grande para entrar em buraco de rato. Também passei um telegrama naquele caso em que filmaram o quarto dele, em defesa de sua privacidade. Quando nos encontramos, ele disse: "Sei que tu és pintor, recebi três telegramas, teu, da Bruna Lombardi e o outro me esqueci". Di Cavalcanti foi sempre muito cordial comigo mas era mais velho e não tínhamos muita aproximação, estive mais junto de Portinari. Agora morreu uma grande amiga nossa, a Maria Leontina. Ela disse que queria ver os meus quadros novos. Que pena! Djanira, Milton Dacosta, Inimá de Paula, Jacinto de Moraes, um gaúcho que morreu e está esquecido, Vasco Prado, figura formidável, o pessoal de Bagé, Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues, Carlos Schiar, eles fizeram o Clube da Gravura gaúcha, mas eu não estava aqui na época.



Entre muitas exposições e homenagens, Iberê Camargo fala de dor e sentimento 'na vida começa no coração'



A pintura ajudou Iberê Camargo a situar-se no mundo e a superar a desgraça. Hoje ele está tranquilo.

mos ocultá-la e ela vai prevalecer sempre. Pode ser que eu seja um Quixote, mas realmente acredito.

Além do tom político, no papo com Iberê não falta a velha e direta franqueza gaúcha:

— Se o Castello Branco, quando chegou ao poder, tivesse perguntado quais os oficiais que votaram nele e dissesse: “Vocês votaram em mim por calhordice” e botasse todos pra fora, teria feito um grande Governo, porque a gente, quando faz uma obra, tem de escolher o melhor material possível. Se você usar porcaria, a obra também vai ser. Não se pode fazer boas coisas com gente ordinária.

E já que o assunto é política, o que Iberê acharia da possibilidade de Paulo Maluf chegar à Presidência pelo Colégio Eleitoral?

— Uma barbaridade, uma calamidade nacional, são métodos impensáveis. Mas vou dizer uma coisa: diz-me com quem andas e te direi quem és. A gente sempre escolhe os semelhantes e seria até de se estranhar que os eleitores do Colégio escolhessem coisa melhor.

E quanto à candidatura Tancredo Neves?

— Não tenho muito entusiasmo, mas se tivesse de votar votava no Tancredo se não tivesse outro. Ele é

conservador, mas parece correto, deve ser capaz e conhece política administrativa. É melhor um conservador do que um sujeito destrambelhado que eu não sei o passado dele. Mas esse jogo não me entusiasma muito. A única saída seria o povo decidir o seu destino em eleição direta, já. Mas não creio muito que venha, o FMI não deixa.

— A vida do homem é como um rio que corre — filosofa, olhando longe, Iberê Camargo — e esse rio faz seu leito. Mas ele faz isto em parte, porque a rocha resiste, a aspereza do caminho também influi na direção dos nossos passos. A gen-

te é condicionado pelos fatos, pelas coisas, nós vamos respondendo ao caminho. Nós o vamos fazendo, ele vai se abrindo. Não estou sentado em cima da glória aos 70 anos e do conforto, estou sempre na luta como se estivesse começando e me debatendo com as dificuldades que são, em nosso país, cada vez maiores.

Neste ponto, o artista se interrompe. Por mais que ele queira falar do individual, do seu mergulho particular e único, o país interfere, entra pelas frestas da janela, pela informação da televisão. E neste país tão caótico e mutante, cresce a perplexidade do homem e do artista:

— Parece que há um plano para tornar o Brasil um país sem memória, sem alma, sem grandeza. Falavam mal dos países da Cortina de Ferro com os indivíduos confinados, sem poder ver o que se passa, mas nós estamos na mesma situação. O problema econômico aprisiona o indivíduo. A cada dia tudo fica mais caro e ficamos aí obedecendo às normas dos agiotas internacionais, escravizados, condenados por este tal de FMI. Não seria melhor vendermos nosso minério por preços mais justos? Mas isto acontece porque não há união entre os miseráveis.

Dentro de um mundo com tais características, o que a arte deveria refletir, ou melhor, o que está refletindo hoje a arte de Iberê Camargo?

— A arte não é moralizante, não é uma pregação. Mas ela é conteúdo humano e tem de partir da realidade em que ela se produz. A arte tem suas metáforas, não é sexo explícito. Este meu auto-retrato tem uma expectativa, algo angustiante. Eu vejo o mundo hoje com muita angústia. Vem por aí o sol, mas quando ele vem mais brilhante, a gente desconfia que alguém apertou o botão atômico. Ninguém mais tem segurança alguma, tanto individual como coletivamente. Quando fui morar no Rio, eu passeava de noite pela Floresta da Tijuca, as pessoas se falavam. Hoje, estão confinadas,

nem mais por telefone se falam, com esse negócio dos impulsos as pessoas economizam na comunicação.

O deserto da grande metrópole, segundo Iberê, ainda não chegou a Porto Alegre: “ela é ainda um oásis em relação ao que está acontecendo fora, mas mesmo aqui está acabando. A Rua da Praia não é mais a mesma. O pior é o empobrecimento, o Rio Grande do Sul está sofrendo de *achinelamento*, todo mundo vendendo chinelos na calçada. Até o nome das ruas eles tiraram; e eram tão bonitos: Rua da Margem, do Arvoredo, da Igreja. O povo que perde sua identidade perde também o amor. O que é a Pátria senão esse acúmulo de tradições?”

Neste ponto, a recordação nostálgica é interrompida e volta a raiva, a indignação diante de um mundo esvaziado: “Hoje somos colonizados culturalmente. Estão fazendo uma grande festa para o Pato Donald, que está fazendo 50 anos. E não é um mito nosso! Eu ainda me dou por feliz porque tenho os rios interiores, o banho frio que tomei quando criança, pois banho quente era para mulher. Tenho saudade dessa gente, de Zeca Neto, que tinha uma coragem que não encontro mais, um ideal, uma valentia. Não acho a coragem gaúcha machista. Eu admiro. Quantas mulheres valentes entraram na nossa História? Minha avó carreteava, e houve mesmo um certo estoicismo na nossa formação”.

E o artista, como sentiu ontem e como sente hoje o país?

— O artista é um sismógrafo, registra todos os movimentos, os tremores, as comoções. Muitos dos quadros sombrios que estou expondo hoje, pintei em 1964 no sítio do Osvaldo Aranha Filho, para onde fui depois do primeiro de abril porque meu nome, como o de Niemeyer, estava entre os dos artistas a serem presos. Improvisaram um cavalete com tábuas velhas e pintei também uns pássaros com umas figuras meio diabólicas. A gente sente quando as coisas estão escuras. Não faço panfletos, mas o meu é o testemunho sensível de um homem que vive o momento tenso.

Iberê é muito conhecido também pelo acabamento dos seus quadros: “Nunca fiz um rabisco em que não pusesse toda a minha alma. E sempre fui perfeccionista na arte, no meu relacionamento, no que escrevo, com meus amigos. Fui educado numa escola de Artes e Ofícios em Santa Maria, que hoje parece um sonho, pois preparava o operariado. Só saí de lá porque não gostava de entrar em fila (como não gosto até hoje) e chamaram minha avó e me botaram na rua”.

No final deste balanço não fica apenas a amargura, mas um sentimento de fé na procura do artista. Ou, como diz Iberê, “encontrei os carretéis da minha infância escavando. A gente revolve as coisas e elas vão aparecendo. A pintura é metamorfose permanente, as coisas se transformam mas a matéria é eterna. Continuo pintando a vida. Meus quadros são de um homem angustiado, que provou a dor e a vida, porque uma coisa é falar da dor, outra é prová-la. Eu sou um homem que não passa a vida a limpo.

Homenagem a amigos

É tamanha a importância dos amigos na vida de Iberê Camargo que ele seria capaz de falar horas sobre eles. “Um dia, conta o artista, Augusto Meyer foi nomeado oficial da Guarda Nacional. Então, ele pediu audiência a Getúlio Vargas e disse que não podia aceitar, porque nunca tinha segurado uma arma. E seu nome foi riscado para sempre do poder. Hoje em dia, os oficiais entendem de tudo, vão dirigir até colégios de crianças e repartições públicas. Eu acho que as pessoas devem atuar naquilo que entendem”.

As recordações se sucedem. Um nome puxa outro e eles vão se sucedendo, como um fio estendido através do tempo:

— Realmente valeu a pena conhecer gente como Luiz Aranha, que me deu apoio integral, Moysés Vellinho, com sua cabeça extraordinária e sua lucidez de intelectual, o Décio Souza, analista, uma pessoa brilhante, o Marechal Cordeiro de Farias, que, quando Interventor no Rio Grande do Sul, me deu uma bolsa para estudar no Rio de Janeiro, para que muito contribuiu o nosso velho Viana Moog. Minha mulher foi fundamental, pois suportou toda a carga. São muito importantes as pessoas que vão influir no nosso destino, assim como há outras que a gente não devia

conhecer nem de vista... O mundo é muito grande, mas o nosso são os nossos amigos.

Neste ponto, Iberê concorda em pintar com palavras alguns retratos, homenageando seus amigos:

— Érico Veríssimo: grande figura; me convidou para fazer uma exposição nos Estados Unidos. Sérgio Correa da Costa, o embaixador que me levou para expor em Londres. Mário Quintana: fiquei muito magoado porque não o deixaram entrar para a Academia Brasileira de Letras e mandei-lhe um telegrama dizendo que o Mário é muito grande para entrar em buraco de rato. Também passei um telegrama naquele caso em que filmaram o quarto dele, em defesa de sua privacidade. Quando nos encontramos, ele disse: “Sei que tu és pintor, recebi três telegramas, teu, da Bruna Lombardi e o outro me esqueci”. Di Cavalcanti foi sempre muito cordial comigo mas era mais velho e não tínhamos muita aproximação, estive mais junto de Portinari. Agora morreu uma grande amiga nossa, a Maria Leontina. Ela disse que queria ver os meus quadros novos. Que pena! Djanira, Milton Dacosta, Inimá de Paula, Jacinto de Moraes, um gaúcho que morreu e está esquecido, Vasco Prado, figura formidável, o pessoal de Bagé, Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues, Carlos Scliar, eles fizeram o Clube da Gravura gaúcha, mas eu não estava aqui na época.



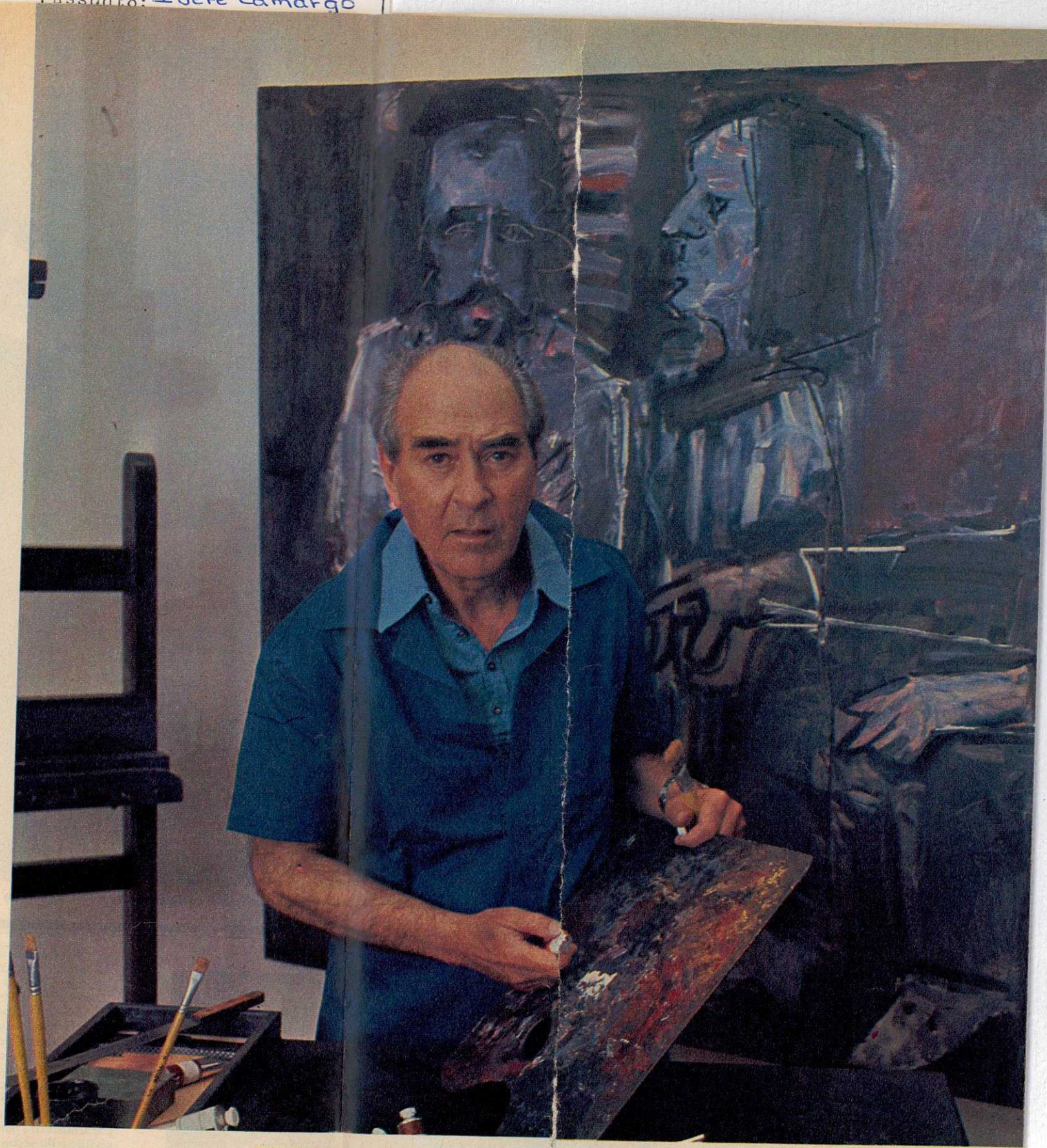
Férias na Europa

- Ângela e Beto Aurvalle aproveitam o período de férias e partem hoje rumo a Paris para uma temporada.
- Lucia Cúria comemorou aniversário com jantar íntimo em sua morada em São Paulo e na segunda-feira parte para Genebra, onde fica sediada para viagens curtas a Itália e França. No início de dezembro, parte para Nova Iorque onde vai passar as festas de fim de ano.
- O coronel e a sra. Fernando Vargas Souto estão retornando de temporada no exterior com roteiro pelos principais pontos da Europa. Yolanda aproveitou para fazer curso no Louvre, no setor de artes plásticas.
- As exposições do pintor Iberê Camargo e do designer Antônio Bernardo estão chegando ao final ainda com intensa visitação e encerram no domingo.
- Giuseppe Nahaissi, liderança National Distillers, está chegando para uma visita ao Sul e do programa constam drinques e jantar que acontecerão neste sábado com o lançamento dos vinhos branco e tinto da safra de 84 com o selo da Almaden. Entre os que recebem, diversos nomes da direção da empresa que vem dos Estados Unidos e depois viajam às plantações em Santana. Também o Pólo Petroquímico no roteiro dos empresários.



Em seu ateliê no Rio, Iberê cria uma nova fase, em que a figura surge de suas construções abstratas. Ao lado, sua obra de 1984, com auto-retratos de perfis superpostos. Embaixo, uma *Homenagem a Maria Leontina*, que foi grande pintora e grande amiga de Iberê.

Texto de Flávio de Aquino ● Fotos de Raimundo Costa



Manchete

EM FOCO

IBERÊ CAMARGO

70 anos de drama

“Um dia, a vida do homem-pintor foi sacudida pelos ventos da desgraça”, diz Iberê Camargo no catálogo de suas exposições nas galerias Tina Presser (Porto Alegre), Luísa Lustrina (São Paulo), Cláudio Gil e Thomas Chon (Rio), gigantesca produção feita em dois anos, comemorando os 70 de vida do pintor. O trágico dia da transformação desse grande artista gaúcho foi 12 de dezembro de 1980. Inocente, acuado, ele matou em legítima defesa e foi inocentado pela

Justiça — menos por a tupidamente renitentes confundem temperamento e exaltado com de obras-primas. Iberê sofreu. Dessa impositiva mental surgiu uma mista que o levou a um excepcional fase figurativa verdade começada no dez anos. E foi procurada em Porto. Achou-a em uma pintura dramática, figurativa, expressionista, de âmbivalência. Pintou com per

Journal: Globo
Data: 10 / 10 / 84
Página: 6 - 3º caderno
Assunto: Iberê Camargo

Iberê Camargo é homenageado pela revista 'Módulo'

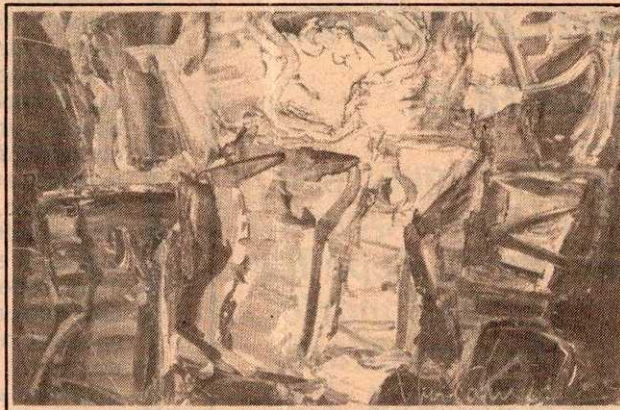
Será lançada, amanhã, a partir das 20 horas, na Galeria Thomas Cohn, o número 82 da revista "Módulo", que traz como artigo de capa um texto do pintor Jorge Guinle sobre seu colega de ofício, Iberê Camargo. A mostra que Iberê realiza na Galeria Thomas Cohn será encerrada amanhã. O novo "Módulo" traz ainda matérias sobre Antônio Peticov, entrevista e análise dos trabalhos de Ascânio Monteiro e Haroldo Barroso, um texto da crítica paulista Lisette Lagnado sobre o papel como linguagem e uma discussão sobre o pós-modernismo no texto de Eduardo Mondolfo sobre "Pós-Brasília, pós-milagres, pós-moderno".

Globo - 10.10.84 - Pg. 6 - 3º caderno

ARTES VISUAIS

ANGÉLICA DE MORAES

Viva Iberê



Óleo sobre tela de Iberê Camargo, do acervo do MARGS

Iberê Camargo, atualmente passando uma temporada no Rio, continua sendo motivo de homenagens por seus 70 anos e pela qualidade da obra ímpar que construiu no cenário da História da Arte no Brasil. Depois de uma maratona de cinco mostras simultâneas (duas em Porto Alegre, uma em São Paulo e duas no Rio), Iberê é centro de uma emocionada comemoração de seu ofício. A Petite Galerie (Rio) está expondo "Viva a Pintura", uma coletiva de 19 artistas organizada por Rubens Gerchman para dar vivas especialmente ao mestre gaúcho.

O crítico Wilson Coutinho assinala, no catálogo a cores, que "Viva a Pintura" é uma exposição "que homenageia a prática artística pictórica em geral e um pintor em particular. Não que as obras exibidas refluam para uma Escola Iberê Camargo, que aliás não existe, embora muitos artistas tenham passado por seu ateliê". Integram a mostra, entre outros, Baravelli, Luiz Áquila, Kuperman, Aguilar, Ivald Granato e o próprio Iberê.

A revista Módulo também presta sua reverência ao mestre, dedicando a matéria de capa de seu número mais recente a esse grande pintor, através de um texto de Jorge Guinle Filho.

Segunda-feira, 22.10.84/ZH-SEGUNDO CADERNO — 5

MARGS

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
Subsecretaria de Cultura
Secretaria da Educação e Cultura

Pça. da Alfândega, s/nº - fone: 21-8456 - 90000 - Porto Alegre